



NATAL TAMBÉM CIVILIZA-SE: sociabilidade, lazer e esporte na *Belle Époque*  
natalense (1900-1930)

MÁRCIA MARIA FONSECA MARINHO

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – MESTRADO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA E ESPAÇOS  
LINHA DE PESQUISA: I

NATAL TAMBÉM CIVILIZA-SE: sociabilidade, lazer e esporte na *Belle Époque*  
natalense (1900-1930)

MÁRCIA MARIA FONSECA MARINHO

NATAL  
2008

MÁRCIA MARIA FONSECA MARINHO

NATAL TAMBÉM CIVILIZA-SE: sociabilidade, lazer e esporte na *Belle Époque*  
natalense (1900-1930)

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História, Área de Concentração em História e Espaços, Linha de Pesquisa I, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação do Prof. Dr. Raimundo Pereira Alencar Arrais.

NATAL  
2008

Catálogo da Publicação na Fonte. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.  
Biblioteca Setorial Especializada do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

NNBSE-CCHLA.

Marinho, Márcia Maria Fonseca.

Natal também civiliza-se: sociabilidade, lazer e esporte na *Belle Époque*  
Natalense (1900-1930) / Márcia Maria Fonseca Marinho. – Natal, RN, 2008

139 f.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Pereira Alencar Arrais.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em História. Área de Concentração: História e Espaços. Linha de Pesquisa.

1. Cidade – Natal (RN) – Dissertação. 2. Sociabilidade – Dissertação. 3. Elite – Dissertação. I. Arrais, Raimundo Pereira Alencar. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/BSE-CCHLA

CDU 94(813.2)

MÁRCIA MARIA FONSECA MARINHO

NATAL TAMBÉM CIVILIZA-SE: sociabilidade, lazer e esporte na *Belle Époque*  
natalense (1900-1930)

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, pela comissão formada pelos professores:

---

Dr. Raimundo Pereira Alencar Arrais

---

Dra. Sylvia Costa Couceiro

---

Dr. Helder do Nascimento Viana

---

Dr. Raimundo Nonato Araújo da Rocha

Natal, 27 de Junho de 2008

*Aos meus avós,  
e a todos messieurs e demoiselles  
que se esbaldaram nas soirées do Aero-Club.*

## RESUMO

As iniciativas do governo no sentido de uma reorganização da estrutura urbana da cidade no início do século XX refletem o desejo vivido pelos membros da elite local de enquadrar Natal nos moldes dos grandes centros urbanos do início do mesmo período. Desejava-se transformar Natal numa cidade moderna. Nesse sentido, o governo empenhou-se na reformulação de alguns espaços físicos da cidade. No entanto, era preciso também que, além das transformações urbanas, a cidade passasse por ‘reformas’ sociais. Desta forma, esses grupos criaram novas instituições e espaços de sociabilidade que afirmariam a capital do Estado como uma cidade moderna. As instituições formais tinham um papel importante na construção dessa nova cidade almejada pela elite local. Pois, através dessas, difundiam-se novas práticas sociais que seriam refletidas nos espaços urbanos. Em lugares como cafés, clubes e associações esportivas, a elite se distinguia do popular. Nesses lugares, suas práticas eram legitimadas, em contraponto com as práticas populares. Eram nos clubes e nas atividades praticadas pelos seus membros que os ideais da elite circulavam. Era lá que a elite se formava e se transformava. Dessa forma, as aspirações de um grupo social se refletiam na organização social dos espaços da cidade.

**Palavras-chave:** cidade; Natal; sociabilidade; elite.



## RESUMEE

Les initiatives du gouvernement ayant pour finalité une réorganisation de la structure urbaine de la ville au début du XXème siècle reflètent le désir vécu par les membres de l'élite locale d'encadrer Natal dans les moules des grands centres urbains de la même période. Les élites désiraient transformer Natal dans une ville moderne. Dans ce but, le gouvernement s'est engagé dans la reformulation de quelques espaces physiques de la ville. Néanmoins, il fallait aussi d'autres que les transformations urbaines, la ville devrait passer par des 'réformes' sociales. De cette façon, ces groupes ont créés des nouvelles institutions et espaces de sociabilité qui affirmeraient la capitale de l'État comme une ville moderne. Les institutions formelles avaient un rôle important dans la construction de cette nouvelle ville convoitée par l'élite locale. Ainsi, à travers celles-ci, se diffusaient des nouvelles pratiques sociales qui seraient reflétées dans les espaces urbains. Dans des places tels, des cafés, des clubs et associations sportives, l'élite se distinguait du populaire. Dans ces places, leurs pratiques étaient légitimées, en contrepoint avec les pratiques populaires. C'était dans les clubs et par les activités pratiquées par leurs membres que les idéals de l'élite circulaient, c'était par là que l'élite se formait et se transformait. De cette façon, les aspirations d'un groupe social reflétaient dans l'organisation sociale des espaces de la ville.

**Mots-clès:** ville, Natal, sociabilité, élite.

## AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas contribuíram para a elaboração da versão final dessa dissertação, e a todas elas registro a minha gratidão.

Ao Corpo docente da Pós-Graduação de História da UFRN, pelos incentivos dados ao longo do curso de mestrado. Em especial ao meu orientador Raimundo Arrais, pela paciência, dedicação e pelos puxões de orelha. Com toda certeza esse trabalho não seria metade do que é sem a sua ajuda.

Aos professores Helder Viana e Raimundo Nonato pela leitura cuidadosa do texto da qualificação. Não há dúvidas que os seus apontamentos contribuíram de maneira muito positiva para a elaboração da versão final desse trabalho.

Ao grupo de estudo *Grupo de Estudo de História Urbana*, agora vinculado a base de pesquisa *Os espaços na modernidade*, coordenado pelo professor Raimundo Arrais. As atividades desenvolvidas pelo grupo tais como proposta de trabalhos coletivos e leituras de texto ajudaram bastante na composição da versão final desse texto. Agradeço a atenção dos colegas do grupo pela atenciosa leitura do material da qualificação e pelas indicações de leituras complementares. Dentre os colegas desse grupo, devo especialmente agradecer a Yuri Simonini pela ajuda na elaboração do *Mapa das sociabilidades da elite natalense*. Sem a sua disposição e habilidade no AUTOCAD, acredito que o mapa das sociabilidades só existiria nas minhas intenções.

Devo meus agradecimentos a Rostand e Ricardo pelas cópias do material digitalizado dos jornais *A República* e *Diário do Natal*. Sem as amadoras fotografias tiradas por Rostand, grande parte das informações obtidas estaria perdidas.

Com carinho, agradeço a Luiz Felipe (Lipe) pela atenção com que ouviu as infinitas histórias que contei sobre o *Natal-Club*, *Aero-Club*, etc, e por sempre se dispor a ler e opinar sobre as várias versões que compõem esse trabalho.

Registro o meu muito obrigada à boa amiga Gisely Karla pela revisão ortográfica, e à queridíssima *demoiselle* Laura Ciarlini pela revisão do resúme. Como também pelo apoio, mesmo estando à milhas de distância.

Agradeço o meu amigo Fell (Fellipe Cezar), por ter disposto o seu tempo e seu talento na confecção da arte da capa.

Não posso esquecer-me de dizer obrigada a Gabriela, minha irmã e *room mate*, que permitiu que as luzes ficassem acessas sempre (ou quase sempre) que foi necessário. Por fim, agradeço aos meus pais, Márcio e Cleyde, pelo eterno encorajamento e apoio. A, a eles, minha eterna gratidão.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2 CAPÍTULO 1: NOVIDADES DO ÚLTIMO VAPOR: modernidade e novos usos do espaço público na cidade de Natal</b> .....	23
<b>2.1 O século do progresso</b> .....	24
<b>2.2 Praias e Jardins: sociabilidade nos espaços públicos da cidade</b> .....	37
2.1.1 Entre flores e música .....	37
2.2.2 Verões e veraneios: a praia como espaço de sociabilidade .....	45
<b>3 CAPÍTULO 2: Espaços de sociabilidade da elite natalense na Belle Époque</b> .....	53
<b>3.1 Vida moderna e sociabilidades urbanas</b> .....	53
<b>3.2 Teatro Carlos Gomes</b> .....	63
<b>3.3 Distinção e educação: os primeiros passos da elite natalense</b> .....	68
<b>3.4 Clubes e Cafés</b> .....	72
<b>4 CAPÍTULO 3: VELOCIDADE E FORÇA: o esporte modelando a imagem do homem moderno</b> .....	90
<b>4.1 Belas e sãs</b> .....	99
<b>4.2 A nova febre urbana</b> .....	103
<b>4.3 Ao mar, gente moça!</b> .....	109
<b>4.4 Anti-esportismo</b> .....	120
<b>5 ET VOILÁ: NATAL TAMBÉM CIVILIZA-SE!</b> .....	123
<b>FONTES</b> .....	127
<b>BILBLIOGRAFIA</b> .....	128
<b>ANEXOS</b> .....	134
<b>ANEXO A- Mapa das sociabilidades da elite – Natal (1900-1930)</b> .....	134
<b>ANEXO B- Mapa das sociabilidades da elite – Ribeira</b> .....	135
<b>ANEXO C- Mapa das sociabilidades da elite – Cidade Alta</b> .....	136
<b>ANEXO D- Mapa das sociabilidades da elite – Cidade Nova</b> .....	137
<b>ANEXO E- Mapa das sociabilidades da elite – Alecrim</b> .....	138
<b>ANEXO F- Quadro dos Clubes Esportivos (1900-1930)</b> .....	139

## 1 INTRODUÇÃO

Por muito tempo, o espaço só aparecia para os historiadores como um cenário dos acontecimentos. Esse tipo de relação que a história tinha com os espaços, apenas muito recentemente, começou a sofrer alterações. Foi somente com as quedas de certos paradigmas das ciências humanas, no decorrer da década de 1960, que a historiografia passou a atender para uma história dos espaços.<sup>1</sup> Assim, os espaços deixam de ser percebidos como meros cenários e passam a ser vistos também objetos do historiador. A historiografia, a partir de então, pode entender o espaço não mais como um dado prévio, concreto, pois isso implicaria em limitar a história de uma região a suas condições geográficas de espaço naturalizado, pré-determinado por uma série de discursos espacializantes.<sup>2</sup>

O espaço além de natureza também é construção humana: são os homens, que ao ocuparem os espaços, os transformam, impondo-lhes diferentes significados. Por outro lado, o espaço não resulta apenas da construção de um único homem ou de uma única sociedade; os espaços são construções sociais impregnados de símbolos e representações que variam conforme as especificidades de cada grupo social e cada temporalidade. Como toda produção humana, o espaço é uma produção temporal, localizada no tempo. Não é algo imutável. Portanto, o espaço é uma produção coletiva, social, tal como a língua, o indivíduo e o próprio tempo.<sup>3</sup>

Sendo uma produção coletiva, o espaço é construído, ou definido, pelas sociedades através de representações sobre o mesmo, que dotam o espaço de sentidos, atribuindo valores a eles. O espaço produzido pode gerar diferentes leituras, como no caso da paisagem que antes era tomada como algo natural e passou a ser entendida pela Geografia Cultural como um registro de época, um documento de cultura. Dessa maneira, a paisagem é compreendida como o resultado de uma ação social humana, e como tal uma ação histórica, temporal. E como tal ela é passível de

---

<sup>1</sup> Para um melhor entendimento sobre as mudanças dos paradigmas das ciências humanas ver: DOSSE, François. *O império do sentido: a humanização das ciências humanas*. Bauru: EDUSC, 2003.

<sup>2</sup> ALBUQUERQUE, Durval Muniz. *A invenção do nordeste: e outras artes*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

<sup>3</sup> Referindo-se a construções sociais, Norbert Elias emprega a noção da temporalidade como uma noção historicamente construída. Em *Sobre o tempo* Elias trabalha o tempo como uma construção simbólica, que é assimilada pelo indivíduo nos seus primeiros anos de vida, enquanto ele atravessa o processo de socialização. ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

interpretação. De fato, a chamada Paisagem Cultural passou a ser usada como um documento, “um tipo de autobiografia do que os humanos esculpiram e esculpem na superfície da terra.”<sup>4</sup>

Se a paisagem é incorporação de sentidos e significados construídos pelos seus usuários, o que dizer da paisagem urbana? A cidade, o máximo da capacidade criativa do homem, abriga dentro de si uma série de signos que dão sentido às suas construções materiais e imateriais. A fronteira dos chamados aspectos materiais e imateriais da cidade não é nítida. Já que os diferentes grupos que circulam na cidade atribuem aos edifícios, praças, ruas e monumentos diversos significados. Muitas vezes, esses sentidos atrelados à matéria, perpetuam-se além da sua vida material, e continuam a viver na memória coletiva dos grupos. “Assim se explica que de edifícios demolidos, de caminhos desfeitos, deles sobrevivem por muito tempo alguns vestígios materiais, nem que apenas o nome tradicional de uma rua, de um lugar,”<sup>5</sup> escreve Halbwachs. Nesse sentido, uma cidade não se resume a concreto, pedra e cal. A cidade aqui será percebida, também, como um espaço construído por ilusões, imaginação, desejos e sonhos. Pois, quando esses sentimentos agem sobre os habitantes da cidade, passam a ser tão reais quanto a pedra e o concreto, passando a fazer parte da própria cidade.

O conceito de representação que em algum momento emprego neste trabalho não é o mesmo aplicado pela historiografia durante a década de 70, quando a história das mentalidades dominava a cena na Escola dos *Annales*. Ali, o uso do conceito de representação, assim como a própria história das mentalidades, estava atrelado ao uso de métodos seriais e quantitativos, aplicados a objetos até então pouco visados pela historiografia, como o medo, a sexualidade, a morte.<sup>6</sup>

Atualmente, o uso das representações na história se concentra em objetos, ou em acontecimentos mais particulares. Nesse sentido, as representações e as práticas criadas pelos indivíduos são vistas como os mecanismos que dão sentido aos seus mundos.<sup>7</sup> Assim como as cidades, o espaço e o tempo, as representações são construídas. São produções sociais, feitas em geral por um pequeno grupo, embora esse grupo pretenda dar um sentido universal ao objeto ou

<sup>4</sup> O geógrafo americano Peirce Lewis assim define Paisagem Cultural: “Cultural landscape, is everything that humans do to the natural earth for what purpose but most commonly for material profit, aesthetic pleasure, spiritual fulfillment, personal comfort, or communal safety.” Ver: LEWIS, Peirce. *Common landscapes as historic documents*. In: LUBAR, Steven; KINGERY, W. Davis; et al. *History from things: essays on material culture*. Washington: Smithsonian Institution Press, 1993. p. 116.; MORAES, Antonio Carlos Robert. *Ideologias geográficas: espaço, cultura e política no Brasil*. São Paulo: Ed Hucitec, 1996. p. 22-23.

<sup>5</sup> HALBWACHS, Maurice. *Memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990. p. 145.

<sup>6</sup> DOSSE, François. *O império do sentido*. p. 269

<sup>7</sup> CHARTIER, apud. DOSSE, François. *O império do sentido*. p. 270

idéia representada. Desta maneira, representação pode ser entendida, nesse texto, como um discurso criado por um determinado grupo social que pretende dar sentido ou justificar ações e posições tomadas a favor dos seus interesses. Para que esses discursos sejam possíveis, eles se aliam a “estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menos prezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.”<sup>8</sup>

Sabendo-se que o discurso histórico é feito de continuidades e discontinuidades, não é difícil entender que as rupturas são, por excelência, momentos de reflexão. Aqui as pequenas mudanças cotidianas serão observadas para conhecer a cidade de Natal entre os anos de 1900 a 1930. Nesse período, Natal, ou melhor, a parte mais afortunada da sua população, foi tomada pelo súbito anseio modernizador, que se constituía no quase angustiante desejo de ver o ‘progresso’ técnico se instalar na cidade. Obedecendo ao processo de modernização ocorrido das cidades brasileiras na passagem do século, Natal construía o seu modelo de modernidade se espelhando em grandes centros como Paris, Rio de Janeiro e Recife. A influência recebida era absorvida e adaptada à realidade local e estendida a outros pequenos centros que tinham a capital do estado do Rio Grande do Norte como modelo a ser seguido.

Por muitos anos a capital do estado encontrava-se fisicamente isolada dos demais municípios do estado. As dunas que cercavam a cidade dificultavam a abertura de estradas carroçáveis e a presença de rochas na entrada do porto dificultava a entrada de navios de grande porte. O escoamento de grande parte da produção do estado acabava se dando por outros portos, mais acessíveis, como o de Pernambuco. Ao refletir sobre a situação de isolamento existente em Natal no século XIX, Henrique Castriciano constatava que “sem movimento, sem indústria, sem recursos próprios, nos escravizamos à capital pernambucana, onde, até pouco, realizávamos todas as nossas transacções e onde mandávamos ensinar preparatórios aos moços que se destinavam a carreira das letras.” O pouco contato da capital com o restante das províncias tornou Natal, na opinião do autor, “uma cidade curiosa, mixto singular de bucolismo e de civilização em esboço.”<sup>9</sup>

A tecnologia aparecia então como solução dos problemas de comunicação do Rio Grande do Norte. As sucessivas obras no porto, a construção da estrada carroçável até Macaíba, em 1890, a abertura da estrada de ferro até Santa Cruz em 1883, e posteriormente, em 1906, até Ceará

---

<sup>8</sup> CHARTIER, Roger. *História cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Ed Bertand, 1990. p. 17.

<sup>9</sup> CASTRICIANO, Henrique. *Lourival e seu tempo I. A Republica*, Natal, 3. jul. 1907.

Mirim, marcam o início da centralização econômica em Natal, que passa a atuar não apenas como centro administrativo, mas como efetiva capital do Estado, centralizadora da economia e irradiadora de influências.<sup>10</sup> As inovações técnicas não ajudaram apenas à economia do estado, a vida social da cidade começa a sofrer influências de outros centros, já que o desenvolvimento dos transportes incentivara também o intercâmbio de indivíduos. Numa comemoração da vitória da técnica sobre a natureza, Henrique Castriciano recordou: “esta relatividade facilidade de transporte actuou bastante na vida intelectual das novas gerações; antigamente uma viagem ao Recife constituía grande acontecimento na existência do individuo e as senhoras, quase que totalmente vedado tamanho regalo.”<sup>11</sup>

A palavra *modernizar* amplamente empregada neste texto tem um sentido próximo ao utilizado no século XIX. Neste caso, modernizar a cidade significava dotá-la de estruturas materiais, correspondentes aos padrões tecnológicos desenvolvidos no século XIX. A sociedade burguesa industrial européia proclamava que o desenvolvimento das nações e a melhoria da vida se dariam com a ajuda dos utensílios mecânicos. Essa sociedade atribuía um novo sentido à natureza: matéria-prima pronta para ser explorada. Cabia ao homem, transformar a paisagem natural em riqueza industrial.<sup>12</sup>

Foram as máquinas as grandes vedetes do mundo moderno. O fascínio em relação à tecnologia foi uma forte marca do período, mas ao mesmo tempo em que a modernidade exercia esse poder de atração ela também repudiava muitos contemporâneos que viam as suas antigas certezas serem abaladas pelas novas convicções. A especificidade da modernidade na Era Industrial dos períodos antecessores estaria nas proporções e na vastidão de territórios influenciados pela essência do moderno. A tecnologia, nesse sentido, tornou possível, com seus telégrafos, navios a vapor e estradas férreas, diminuir as distâncias e expandir a circulação de idéias numa velocidade e proporção jamais alcançadas. Quando o processo de modernização abarca, direta ou indiretamente, todo o mundo, já no século XIX, era possível perceber a

---

<sup>10</sup> Sobre o isolamento geográfico da cidade de Natal e as obras de melhoramento feitas no sentido de emplacar a capital como o centro financeiro do Estado ver: ARRAIS, Raimundo. Da natureza à técnica: a capital do Rio Grande do Norte no início do século XX. In: FERREIRA, Angela; DANTAS, George. (Org.) *Surge et ambula: a construção de uma cidade moderna Natal, 1890-1940*. Natal: EDUFRN, 2006. p. 121-136.

<sup>11</sup> CASTRICIANO, Henrique. Lourival e seu tempo II. *A Republica*, Natal, 4. jul. 1907.

<sup>12</sup> A crença na infinita potencialidade do engenho humano, fortificada durante todo século XX, acaba incentivando o homem moderno a travar uma luta contra a natureza. Vencer, através da técnica, os limites impostos pela natureza foi um desafio comprado pelo mundo industrial. Sobre o conflito técnica x natureza ver: HARDMAN, Francisco Foot. *Trem-fantasma: A ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.



formação de uma nova sensibilidade, reflexo do turbilhão de rápidas e incertas mudanças que se davam cotidianamente alterando e/ou resignificando tradicionais formas de viver. Fazendo uso das palavras de Sandra Pesavento, podemos concluir que “A modernidade é um fenômeno do domínio da cultura, da expressão do pensamento, das sensações, das mentalidades e da ideologia. Sua base nascedoura é a transformação burguesa do mundo, que dá margem a um novo sentir e agir”.<sup>13</sup>

A febre de modernidade era já consumada nas capitais européias na segunda metade do século XIX, quando o surto da industrialização impulsionou direta ou indiretamente um fluxo migratório em direção às grandes metrópoles. O súbito crescimento dessas cidades tornou-as cada vez mais populosas, formando um aglomerado de residências mal estruturadas nos centros das metrópoles, dificultando a circulação de pessoas e mercadorias. A solução encontrada pelos engenheiros e urbanistas estaria na drenagem do excedente populacional dos centros para áreas periféricas. Para tanto, muitos planos de sistematização foram postos em prática no século XIX. Eles dividiam a cidade em setores, demarcando os bairros pelas funções que exerciam: residenciais, comerciais e industriais. A cidade passava a ser planejada por urbanistas, que esquadrinharam as cidades dividindo-as em lugar de trabalho, lugar de lazer, consumo e a residência, não se esquecendo também de separar as classes sociais. Para que a ordem idealizada pelos urbanistas se mantivesse na cidade real, podia-se contar com a ajuda de profissionais especializados nos saberes científicos, médicos e pedagógicos em função de um suposto bem-estar social. Inaugurava-se junto com essa cidade seccionada, planejada, ordenada, moderna, uma nova maneira de se relacionar com o espaço público.<sup>14</sup>

Esse modelo de cidade espalhou-se pelo ocidente contagiando as elites do Brasil, inclusive a natalense, com o desejo de modernizar, de inserir-se no contexto de transformações gerado pelo desenvolvimento da medicina, da arquitetura, dos meios de transporte, da indústria. A vontade desse grupo de inserir Natal no contexto de mudanças tecnológicas, econômicas e sociais era alimentada pelo contato que os membros desse grupo tinham com outros centros que viviam intensamente o processo de modernização. As primeiras duas décadas do século XX

---

<sup>13</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Exposições Universais: espetáculo da modernidade do século XIX*. São Paulo: HUCITEC, 1997. p. 41.; Sobre o processo de modernização das cidades no século XIX e a mudança nas sensibilidades ver também: GIDDENS, Antony. *Sociologia*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.; GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

<sup>14</sup> SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 166-179.

tornam visíveis as mudanças que viriam marcar o cotidiano da cidade, em especial das suas elites. Instalavam-se novos ritos, novas maneiras de se utilizar os espaços públicos. Inaugurava-se não apenas um novo ritmo de viver na cidade, mas também um novo modo de sonhar a cidade. O otimismo incorporado pelas elites locais é bem exemplificado nesta nota do jornal *A Republica*, de 1910:

Natal é uma velha cidade, mas Natal é uma cidade nova, resurgida das próprias cinzas. (...) Sim! Natal é uma cidade nova, é uma cidade que vai conquistando dia a dia e com incontestável direito o lograr que lhe compe como capital que é de um dos Estados da União Brasileira. (...) “Natal” de hoje é uma nova cidade, calçada sobre as ruínas das industrias florescentes (outr’ora muito rudimentares) com bellissimos edifícios com instituição que fazem honra a qualquer povo e se aparelhando para novos commettimentos de alta monta com bem sejam novas estradas de ferro, esgottos, calçamento das ruas e praças, eletrificação da luz e dos carris urbanos, e melhorantos de toda ordem.<sup>15</sup>

A cidade aparece aqui nas vozes de um grupo de governantes, intelectuais – enfim, uma elite cujos membros tiveram, em sua maioria, sua formação escolar no *Atheneu*, que seguiram para outros centros e experimentaram a turbulência da modernidade no Brasil ou na Europa. Esse grupo tomava as rédeas do Estado, seja na administração pública ou na formação de uma opinião pública, através das colunas d’*A República*, da *Gazeta do Comércio* ou do *Diário do Natal*. A esse grupo de homens e mulheres, privilegiados pela condição financeira, política e/ou intelectual chamaremos de elite. É através dos seus discursos nos jornais, nas mensagens de governo, nas revistas sociais e nos estatutos de suas instituições que suas vozes seriam ouvidas e seus desejos projetados para sobre a realidade de Natal nas três primeiras décadas do século XX. Em seus discursos, as elites clamam não só pelas reformas estruturais, que mudariam as feições da cidade, mas também por uma reestruturação, ou reutilização, desses espaços. Pois para esse grupo, a cidade moderna só seria possível se os usos dos seus espaços correspondessem aos padrões de civilidade dignos de uma capital.

Para muitos contemporâneos, que viam a força da energia elétrica puxar o bonde, iluminar as ruas e gelar a cerveja, não havia como negar que o progresso batia à porta. Numa provável referência ao popular slogan carioca, o reclame publicitário do *American Bar* proclamava: “Natal

---

<sup>15</sup> EM NATAL. *A Republica*, Natal, 1 de out. 1910.

Civiliza-se!”<sup>16</sup> De fato, já se sentia que a capital do Rio Grande do Norte mudara. Seguindo o modelo carioca, a cidade desejava se equipar com modernos aparatos urbanos, e experimentar uma fluente vida social. À sua maneira, adaptando-se às condições locais, Natal também civilizava-se!

Adaptar Natal ao modelo de cidade civilizada e progressista foi uma árdua luta cotidianamente travada pelos homens letrados. A chegada do progresso parecia por si só justificar qualquer medida arbitrária tomada pela administração pública, como a desapropriação de casas que atrapalhavam a abertura de avenidas, ou a proibição brincadeiras populares, como o entrudo. A convivência com qualquer tradição que lembrasse o passado colonial deveria ser evitada. A nova cidade pedia novos espaços de convivência, diferentes das velhas brincadeiras populares que se davam nos pátios da igreja. O que as elites buscavam era, como já foi mencionado, parecer o máximo possível com as metrópoles européias. Para tanto, muitos projetos foram lançados pelo governo e por civis engajados na causa.

As formas de sociabilidade adotadas pelas elites no período estudado são aqui usadas para a compreensão dessa sociedade. A investigação dos espaços de convivência das elites natalense nos permite perceber como que os desejos e sonhos quando partilhados, são capazes de gerar ações humanas, e com essas por sua vez modificam a cidade, tornando sonhos em matéria real.

O recorte temporal inicia-se com o ano de 1900, por ser esse o primeiro ano da administração do governador Alberto Maranhão. A escolha desse ano se deu, porque foi durante o governo de Alberto Maranhão que se iniciou, em ritmo mais acelerado, a onda construções e reformas, que lentamente alteravam as feições da cidade. Nesse período, também foi elaborado o projeto de expansão urbana que deu origem à Cidade Nova, formando os dois primeiros bairros planejados da cidade. Ao longo das três primeiras décadas do século XX, não apenas Alberto Maranhão, mas muitos outros natalenses pretendiam ‘modernizar’ a cidade, inspirados nas mudanças estruturais, medicinais e educacionais. Sem mencionar as novidades sobre moda, comportamento e formas de sociabilidades, vindas dos grandes centros da Europa e Brasil.

O ano de 1930 foi escolhido por ser esse um marco consagrado pela historiografia tradicional para assinalar o fim da República Velha. Com o advento da Revolução de 1930

---

<sup>16</sup> “O Rio Civiliza-se!” foi um popular slogan carioca usado para enfatizar as mudanças estruturais pelas quais vinham passando a cidade e a sociedade carioca nas primeiras décadas do século XX. Atribui-se a autoria do slogan ao jornalista carioca Figueredo Pimentel, que difundiu a famosa frase nas páginas do periódico *Gazeta de Notícias*. Ver: SOUZA, José Inácio de Melo e. *Imagens do passado: São Paulo e Rio de Janeiro nos primórdios do cinema*. Rio de Janeiro: SENAC, 2003; SOLICITADAS. *A Republica*, Natal, 3 jul. 1916.

iniciou-se um período de instabilidade política no estado, marcada pela interrupção do governo de Juvenal Lamartine e pelas rápidas sucessões de interventores na administração do Estado. Como consequência, da revolução de 1930, muitas das ações planejadas que estavam em vigor, como a execução do *Master Plan* de Palumbo, foram bruscamente interrompidas.

Na história das cidades algumas administrações políticas alteram a forma de vida na cidade como um todo. Esse seria o caso das cidades barrocas, que passaram a ter seus espaços planejados em virtude de ideais políticos e militares. Nestas cidades, as praças eram construídas em pontos estratégicos, e “todas as principais avenidas conduziram ao palácio.” Os caminhos eram traçados para induzir os pedestres, como no caso de Roma “As três grandes avenidas que irradiavam da Piazza del Popolo,(...) eram destinadas a facilitar ao peregrino encontrar o seu caminho para as várias igrejas e locais sagrados.”<sup>17</sup> O modo barroco de pensar a cidade, de ordenar os espaços acabou alterando os antigos usos desses espaços. De toda forma, essas mudanças não ocorrem num abrir e fechar de olhos. Portanto, a sucessão de um governo para outro não chega a justificar uma mudança nas formas de sociabilidade, já que as mudanças nos hábitos e formas de vida são geralmente mudanças lentas, que demoram a ser percebidas. Mesmo quando alguma mudança é percebida em um curto intervalo de tempo, não significa que as outras formas de sociabilidade entram em desuso. A mistura do novo e do velho está sempre presente na história das cidades.

O final dos anos 1920 foi marcado pela inauguração do *Aero-Club*, em 1928 e a conclusão do *Estádio Juvenal Lamartine*, em 1929, pelo ápice das novas formas e novos ritos de sociabilidade urbanos que começaram a ser praticados ainda na virada do século XIX. A mudança no governo não implicou na mudança brusca desse quadro de sociabilidades construído ao longo no século XX. De toda forma, a ruptura política que ocorreu em 1930 foi escolhida para finalizar o recorte temporal pela impossibilidade de analisar, dentro do prazo previsto para a conclusão da dissertação, uma pesquisa que abrangesse um recorte temporal mais vasto.

No período estudado, boa parte da opinião pública era formada através das páginas editoriais dos jornais e revistas. Logo, esses periódicos são fontes fundamentais para se compreender a visão de boa parte das elites locais sobre o processo de modernização que se passava na cidade. O jornal *A Republica*, órgão pertencente ao grupo político Albuquerque

---

<sup>17</sup> MUMFORD, Lewis. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 421.

Maranhão, sempre se posicionava a favor das decisões do governo. Em suas páginas não se poupavam elogios às novas praças, jardins e prédios inaugurados. Diferentemente do *Diário do Natal*, jornal que tinha como dono e editor-chefe, Elias Souto, monarquista e opositor ferrenho do governo dos Albuquerque Maranhão. Os artigos publicados no *Diário do Natal* se mostraram um excelente contraponto à realidade anunciada pelo órgão oficial. O terceiro periódico usado como fonte deste trabalho foi a revista *Cigarra*, que teve uma breve publicação entre os anos de 1928 - 1930, resultando em cinco exemplares. A revista social, editada com muito esmero por Aderbal França, se destaca pela quantidade de fotografias e reportagens que têm como o tema central à própria sociedade natalense. Além dos jornais e revista, as Mensagens de Governo foram utilizadas para complementar e averiguar algumas informações encontradas nos jornais. Os cronistas e memorialistas foram também uma valiosa fonte de informações sobre as formas e espaços de sociabilidade em Natal. As falas dos memorialistas Lauro Pinto e Júlio César Andrade foram imprescindíveis na elaboração do “Mapa das sociabilidades da elite em Natal”.

As reuniões sociais, os eventos esportivos, as festas femininas, quando comentados nas páginas dos jornais e revistas, revelam, sutilmente, muito sobre o grupo que aqui denominamos de elites natalenses, suas aspirações, suas paixões, os seus valores, os seus olhares sobre o mundo. Estudar as formas de sociabilidades das elites é uma maneira de compreender através de ações cotidianas como as elites de Natal formavam sua identidade de grupo. Identidade que pouco a pouco se transferia do plano imaterial para um plano material, tomando forma nas fachadas dos edifícios, nas sedes sociais, estádio esportivo, praças e jardins.

Apesar de bastante reveladoras, as temáticas relacionadas às sociabilidades não são recorrentes na historiografia local. De fato, a maior parte das pesquisas locais que tomam o período da República Velha como recorte temporal focam em temáticas políticas e econômicas. Em outros centros, no entanto, as temáticas relacionadas às sociabilidades já são bastante correntes. Trabalhos que abordam temáticas relacionadas às festas, cultura popular e lazer começaram a se destacar como objeto de pesquisa de historiadores em meados da década de 1990,<sup>18</sup> seguindo uma tendência que já era bastante difundida nas universidades européias desde meados de 1970, quando surgia a chamada *Nova História Cultural*, vertente que priorizou a

---

<sup>18</sup> Vainfas escreve de forma sintética uma análise sobre o modelo francês de História Cultural e como se deu o seu ingresso na historiografia brasileira. VAINFAS, Ronaldo. História da Mentalidade e História Cultural. In: \_\_\_\_\_. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

adoção de temáticas centradas em questões sociais, temas que antes eram próprios da antropologia e do folclore.<sup>19</sup>

Para percorrer a cidade sonhada e a cidade vivida pelas elites natalenses vamos percorrer os principais espaços de sociabilidade de Natal, entre os espaços de lazer públicos, como os jardins, a praia e as instituições privadas, organizadas por estatutos, fechadas a um número limitado de sócios. Aqui os espaços de sociabilidade não são vistos como simples ponto de encontro de um grupo social, mas como a materialização de um desejo das elites locais de modernizar Natal.

Em três capítulos vamos percorrer os principais espaços de sociabilidade de Natal, do início do século XX. No primeiro capítulo, *Novidades do último vapor: modernidade e novos usos do espaço público na cidade de Natal*, a cidade aparece marcada pelo entusiasmo da mudança. Nascia o século XX e com ele esse ânimo de começar, de renovar a cidade, de reordenar os velhos espaços e construir os novos. A cidade iniciava a sua transformação. O discurso das elites começa a ganhar vida nas pedras do Teatro Carlos Gomes, nos trilhos dos bondes, no calçamento das ruas e ajardinamento das praças. Assim como as estruturas da cidade passam por alterações, os usos dos seus espaços também mudam, ou pelo menos assim desejavam as elites progressistas. Entre os desejos das elites e o real havia um longo caminho a ser percorrido, na intenção de encurtar a distância entre a realidade e o sonho, algumas adaptações foram sendo feitas. A improvisação foi um artifício usado pelas elites natalenses na intenção de adequar os espaços públicos da cidade, na medida do possível, aos seus desejos.

O segundo capítulo, denominado *Espaços de sociabilidade da elites natalenses na Belle Époque*, vai analisar algumas mudanças estruturais que alteraram os usos dos espaços de sociabilidade das elites natalenses. A cidade dos anos 1910 e 1920 já exibia espaços de convívio bem definidos. Os clubes e cafés, protagonistas nas mudanças das sociabilidades na cidade moderna, criaram espaços fechados de convívio e entretenimento das elites natalenses.

Algumas práticas, como as competições esportivas, acabam ultrapassando as barreiras que separam os sócios dos clubes dos simples torcedores. A atividade esportiva, uma prática nascida nos seios das elites, findou contagiando a cidade como um todo. Os clubes esportivos moviam a vida social não apenas dos sócios que pagavam as mensalidades e freqüentavam as suas sedes

---

<sup>19</sup> As diversidades temáticas abordadas pela Nova História Cultural, pode ser obtida em BURKE, Peter. *Variedades da história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2000.

sociais, mas sim uma vasta camada da população que passou a identificar-se com os clubes, formando os coros das torcidas, ocupando a rua em festa nos dias de jogos de futebol nos anos 1920 e enchendo o cais Tavares de Lyra nos dias de competição dos clubes náuticos na década de 1910. Dessa maneira, o esporte marca uma nova maneira de usar os espaços públicos da cidade. Nos anos 1920 os clubes esportivos, especialmente os clubes de futebol, apontavam a emergência dos esportes de massa na cidade, e disso trata o capítulo três: *Velocidade e força: o esporte modelando a imagem do homem moderno*.

As gravuras que compõem a capa da dissertação foram retiradas da revista *Cigarra* e são de provável autoria dos artistas potiguares Adriel Lopes e/ou Erasmo Xavier, responsáveis pela ilustração do periódico potiguar.<sup>20</sup> Todas as capas da *Cigarra* foram assinadas por Erasmo Xavier, que apesar de nascido no Rio Grande do Norte residia na Capital Federal, onde já nos anos 1920 era um artista modernista renomado, tendo publicado seus desenhos em editoriais de circulação nacional como a famosa revista carioca *O Malho*. Junto com o editor da revista, Aderbal França, Erasmo Xavier se engajou em reproduzir no periódico natalense *Cigarra* toda a experiência da vida moderna que havia experimentado no Rio de Janeiro.<sup>21</sup>

\*\*\*

O interesse pela temática trabalhada aqui surgiu há cinco anos, quando, ainda aluna da graduação, fiz parte do programa de bolsa de iniciação científica PIBIC, sob a orientação do professor Raimundo Arrais. Na ocasião, o primeiro interesse pelas formas de sociabilidade e lazer na cidade de Natal, rendeu um trabalho de final de curso. As perguntas lançadas e parcialmente respondidas nesse primeiro trabalho acabaram gerando outra série de perguntas e inquietações que vieram a se transformar em projeto de mestrado. No decorrer desses últimos dois anos tentei desvendar, à medida que as fontes permitiram, um pouco das vidas e das formas de viver esquecidas nas páginas amarelas dos jornais. E aos poucos, utilizando informações cruzadas e os

<sup>20</sup> As ilustrações foram publicadas nas seguintes edições da revista: CIGARRA, Natal, ano. 3. n. 5, p. 78. mar. 1930. il.; CIGARRA, Natal, ano. 1. n. 2, p. 25. dez. 1928. il.

<sup>21</sup> AS NOSSAS ilustrações. *A Cigarra*, Natal, ano. 1. n. 1, p. 11. nov. 1928; A NOSSA capa. *A Cigarra*, Natal, ano. 1. n. 1, p. 13, nov. 1928; SANTOS, Tarcisio Gurgel dos. *Belle Époque na esquina: O que passou na República das Letras Potiguares*. 2006. 259 f. Tese (Doutorado em Letras)- Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, [2006]. p. 216-218.

personagens que surgiram tentei dar cor, forma e vida a uma cidade que não mais existe: Natal no tempo da *Belle Époque*.



## 2 CAPÍTULO 1: NOVIDADES DO ÚLTIMO VAPOR: modernidade e novos usos do espaço público na cidade de Natal

Quando os leitores do jornal natalense, *A Republica*, passaram os olhos pelo primeiro exemplar do jornal, no ano de 1901, se depararam com um grande artigo de capa, intitulado “Século XX”. Tratava-se do retrospecto de alguns eventos políticos, científicos e militares, que na opinião do autor, tiveram importância decisiva para a civilização ocidental. O século XIX era lembrado pelos avanços da ciência, tecnologia, e “pelas doces esperanças que trazia essa grande aurora do tempo da Encyclopedia. As descobertas de um cuvier, de um Bichat, de um Lavoisier”. Todo o entusiasmo trazido pelo desenvolvimento da indústria moderna se projetava num porvir não muito distante: “Entre todos os povos do mundo civilizados, surge o século XX com a nota alviçareira da esperança e do progresso”. E com sua chegada as especulações sobre o futuro: “O século XX verá o aparecimento de forças já pressentidas que mudarão a face do viver de hoje. O ar líquido, os fluidos, a própria vontade, são forças que estão em via de uma aplicação prática.” Apesar de esperançoso, Mazarem, autor do artigo, lembra ao leitor que a história havia mostrado que “ninguém pode jogar confiantemente sobre o futuro”<sup>22</sup>.

Após a leitura desse artigo, o leitor mais atento era convidado a refletir sobre o medo do fracasso e a esperança no futuro. As idéias de Mazarem, tipografadas pelo jornal natalense, eram, certamente, compartilhadas por muitos contemporâneos, de outras partes do país e do ocidente. A crença no progresso mobilizava muitos brasileiros, mas o futuro da nação era ainda incerto. Entre a incerteza e a esperança, encontrávamos muitos brasileiros e muitos natalenses, que sonhavam, que agiam e desejavam que o Brasil acelerasse a marcha, iniciada ainda no século XIX, rumo ao tão sonhado progresso.

---

<sup>22</sup>DORNELLAS, Mazarem. Século XX. *A Republica*, Natal, 2 jan. 1901.

## 2.1. O Século do progresso

O século XIX foi um século de grandes mudanças para o continente europeu, principalmente durante a sua segunda metade. Foi nesse período que a indústria, principalmente a francesa e inglesa, se expandiu vigorosamente por todo o mundo. O aperfeiçoamento das máquinas a vapor e o desenvolvimento de materiais como o petróleo e o aço, possibilitaram numerosas transformações na vida cotidiana, a começar pelo uso abundante do ferro e vidro na construção civil, que davam a sensação de leveza aos novos edifícios que se erguiam. A tecnologia também era utilizada para entreter. Ela trouxe aparelhos luxuosos como o gramofone, a máquina fotográfica e o cinematógrafo, todos desenvolvidos ao longo do século XIX. Nunca a humanidade tinha experimentado tamanha mudança em tão curto espaço de tempo. As inovações que ocorriam na Europa, em pouco tempo ganhavam dimensões mundiais, como o vapor, telégrafo, telefone, cinema etc. O desenvolvimento das novas tecnologias marcou, inclusive, uma nova etapa da economia mundial. Foram pelos navios a vapor que grande parte das novas tecnologias conseguiram ultrapassar grandes barreiras espaciais e criar um mercado em terras distantes da Europa.<sup>23</sup>

Mudavam-se as relações sociais em função de um novo quadro que se organizava naquele período. A indústria moderna acabava por gerar, ainda na segunda metade do século XIX, concepções específicas sobre dinheiro, sobre o trabalho e sobre o próprio tempo. As mudanças de valores eram sentidas pelos contemporâneos que habitavam as grandes cidades. Essas mudanças levaram o sociólogo alemão George Simmel a tomar como objeto de estudo as alterações dos valores e ritmo de vida de grandes cidades como Berlim. A vida cotidiana, principalmente a vida urbana, passava a assumir uma lógica racionalista, guiada por valores abstratos como o dinheiro e o relógio, que regula o tempo e as ações humanas.<sup>24</sup>

Não há dúvidas que todo o processo desencadeado pela Segunda Revolução Industrial estava inserido numa mesma engrenagem, e não seria possível pensar em nenhum fator econômico ou social de forma isolada nesse momento histórico. A indústria moderna conseguia produzir mais produtos e em maior escala. Conseqüentemente, necessitava de maiores mercados

---

<sup>23</sup> COSTA, Angela Marques da; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *1890-1914: no tempo das certezas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

<sup>24</sup> WAIZBORT, Leopoldo. *As aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: Editora 34, 2000. p. 174-178.

consumidores. A lógica do consumo, que nos é tão familiar hoje, não se manifestava da mesma maneira no século XIX. Para que a indústria continuasse a se desenvolver seria preciso criar a necessidade de consumo, e a partir dessa necessidade gerar um mercado consumidor. O desenvolvimento desse mercado só foi possível graças aos novos adventos tecnológicos como o trem, o vapor os telégrafos, que permitiam a rápida comunicação entre os grandes centros financeiros europeus e os mais diversos lugares do mundo.

Apesar da tecnologia dos meios de comunicação e transporte ter sido decisiva na construção e ampliação de um mercado consumidor para a crescente indústria européia, não foi esse o fator definitivo do sucesso da expansão dos mercados em terras além da Europa. A expansão do mercado europeu para os continentes asiático e africano só tomou uma enorme proporção devido ao imperialismo, em especial o inglês. O imperialismo não significava apenas imposições econômicas aos países colonizados. Eram feitas também imposições culturais, quebrando estruturas sociais milenares, desestruturando por completo a riqueza cultural de muitos povos.<sup>25</sup>

A influência européia exercida sobre o Brasil não era uma novidade. A abertura dos portos brasileiros em 1808 permitiu uma maior difusão da moda européia na cidade do Rio de Janeiro, então sede da Corte Portuguesa. A influência da moda e dos costumes europeus foi ainda intensificada pelo aparecimento da imprensa no Brasil, que passava a difundir em maior escala os costumes e a moda do velho continente. O desenvolvimento da navegação a vapor e do transporte férreo, ao longo do século XIX, fez com que até mesmo as elites brasileiras não residente no Rio de Janeiro, pudessem usufruir a leitura das revistas de moda e a disponibilidade das mercadorias importadas anunciadas nos reclames publicitários. A influência da moda européia no país, determinante dos tecidos e cortes a serem adotados pelos alfaiates e costureiras, não se limita apenas aos modelos das vestimentas. Muitos outros modismos e hábitos como o de tomar o chá da tarde em confeitarias, ou praticar esportes, foram importados e apropriados pelas elites brasileiras, que buscavam firmar nos trópicos uma identidade à la Paris.<sup>26</sup>

Em Natal, uma parte das elites exigiam que a cidade apresentasse esses aparatos modernos, para que a capital do Estado consumisse também as novidades consumidas, com todo

---

<sup>25</sup> Sobre a desordem social causada pelo sistema imperialista ver: DAVIS, Mike. *Holocaustos coloniais*: clima, fome e imperialismo na formação do Terceiro Mundo. Rio de Janeiro: Record, 2002.

<sup>26</sup> BONADIO, Maria Cláudia. *Moda e sociabilidade*: mulheres na São Paulo dos anos 1920. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007. p. 31-35.

glamour, nos grandes centros do mundo. A reforma do porto e a ampliação das linhas férreas além de auxiliar a escoação da produção agrícola do interior do estado, também foram definidores no aumento do consumo de mercadorias importadas, como máquinas de costura, gramofones, alimentos industrializados, pianos, automóveis, vestimentas, livros e revistas. Esses produtos entravam na cidade de Natal com uma crescente frequência, vindos estados do sul, ou diretamente da Europa.<sup>27</sup>

Os desejos das elites eram os mesmos dos seus representantes no governo do Estado. Nos primeiros anos da República, o governo do Rio Grande do Norte acabou se firmando de modo absoluto nas mãos de uma liderança, sendo Pedro Velho o nome mais significativo da política norte-riograndense, nos primeiros anos do regime republicano. Pedro Velho foi o fundador do Partido Republicano do Rio Grande do Norte, o que o levou a assumir pela primeira vez o poder do Estado, em 1889.<sup>28</sup> E desde então permaneceu liderando a opinião pública do Estado através de um esquema de apadrinhamentos e nepotismos, que ficou conhecido na historiografia norte-riograndense como a Oligarquia Albuquerque Maranhão. O grupo político dos Albuquerque Maranhão permanece no poder até meados dos anos 1920, quando outros grupos políticos ganham força política e econômica em virtude do rápido enriquecimento da região do Seridó, graças à exportação do algodão.<sup>29</sup>

Entre os membros pertencentes à oligarquia Albuquerque Maranhão, além de Pedro Velho, devemos aqui destacar Alberto Maranhão. Como governador ele foi o mais dedicado à transformação da capital do Rio Grande do Norte na cidade elegida e almejada pelas elites locais. Governador por duas vezes (1900-1904/ 1908-1913), Alberto Maranhão liderou o Partido Republicano após a morte de Pedro Velho, em 1907.

O que estamos chamando de elite aqui não era um grupo homogêneo. Formavam, o que convencionamos chamar de elite, indivíduos de diferentes concepções políticas e profissões. Havia na maioria das vezes freqüentado a mesma escola, assistido às mesmas apresentações teatrais e dançado nas mesmas soirées. Eram homens como José Mariano Pinto, um colaborador do jornal *A Republica*, que durante os primeiros anos do século XX, publicou nesse periódico

---

<sup>27</sup> Os produtos importados apontados foram citados com base nos anúncios publicitários da revista *Cigarra*.

<sup>28</sup> Dados mais precisos sobre a formação política norte-riograndense, nos primeiros anos da República, podem ser encontrados em: BUENO, Almir de Carvalho. *Visões da República: idéias e práticas políticas no Rio Grande do Norte (1880-1895)*. Natal: EDUFRN, 2002.

<sup>29</sup> Sobre a ascensão econômica do algodão no Rio Grande do Norte ver: TAKEYA, Denise Monteiro. *Um Outro Nordeste: o algodão na economia do Rio Grande do Norte (1880-1915)*. Fortaleza: BNB. ETENE, 1985.

diversos artigos e quadros de humor, assinados com o pseudônimo *de Lulu Capeta e Epaminondas*, chegando a assumir o cargo de diretor do jornal, por um longo período. Apesar de passar bastante tempo na redação do jornal, José Pinto freqüentava também outros lugares da cidade. Um deles era o conhecido *Natal Club*, lá também chegou a assumir o cargo de presidente por um período de dezessete meses, entre 1909 e 1910, ainda assumindo um segundo mandato em 1916, somando mais doze meses de presidência. Também era sócio do *Natal-Club*, Manuel Dantas, que além de ter sido presidente do club em 1911, contribuiu com a redação do jornal *A Republica*. Seus interesses pela educação levaram-no a assumir o cargo de professor no *Atheneu Norte-Riograndense* e a participar da fundação do grupo de escoteiros do Rio Grande do Norte, juntamente com o professor Luis Soares e Henrique Castriciano, ex-secretário do governo no primeiro mandato de Alberto Maranhão e idealizador da Escola Doméstica de Natal. O que se buscou mostrar através desse nó de nomes, cargos e profissões foi o alto grau de entrelaçamento das relações pessoais, entre os membros das elites natalenses. Eram esses homens, que uniam suas forças no sentido de dotar a cidade de equipamentos urbanos modernos, de trazer novidades, eles buscavam incessantemente pelo progresso.<sup>30</sup> Como podemos notar, não seria cabível separar esse grupo entre elite política, econômica e letrada, já que os mesmos indivíduos circulavam nas pelas esferas políticas, econômicas e sociais.<sup>31</sup>

Para saciar o desejo de progresso, que consumia as elites natalenses, o governo do Estado iniciou em Natal a reestruturação de alguns espaços físicos da cidade. Os dois governos de Alberto Maranhão (1900-1904/ 1908-1913) foram os mais entusiastas quando se tratava de reformular os espaços públicos da cidade. Durante os dois mandatos de Alberto Maranhão, iniciaram-se importantes obras públicas na cidade de Natal. Dentre elas, se destaca a projeção do bairro de Cidade Nova, bairro que surge a partir de uma resolução da Intendência Municipal em 1901. A criação da Cidade Nova, que seria então o terceiro bairro de Natal, reflete as intenções dos dirigentes da cidade de enquadrar Natal nos padrões urbanísticos mundiais. Seguindo a linha das principais capitais mundiais, o bairro da Cidade Nova teria largas e arborizadas avenidas, nas quais a ventilação permitiria a devida circulação do ar, além do nivelamento das casas que deveriam manter recuos laterais e frontais. Apesar de sua construção ter sido influenciada por

---

<sup>30</sup> SANTOS, Tarcisio Gurgel dos. *Belle Époque na esquina: O que passou na República das Letras Potigüares.*; O ANIVERSÁRIO do Natal Club. *A Republica*. Natal, 26 jul. 1916.

<sup>31</sup> Sobre a elite natalense ver: ARRAIS, Raimundo; ANDRADE, Alenuska; MARINHO, Márcia. *O corpo e a alma da cidade: Natal entre 1900 e 1930*. Natal: EDUFRRN, 2008. [no prelo].

planos urbanísticos em voga na Europa, a Cidade Nova constitua-se não num plano urbanístico, mas num plano de expansão da cidade, que buscava ordenar e regulamentar o seu crescimento.<sup>32</sup>

Os planejamentos urbanos pensados e executados em Natal foram influenciados pelos processos reformadores que havia sido posto em prática em outras cidades. A capital francesa foi o núcleo irradiador do que poderíamos chamar de febre reformadora. Foi na Paris de Haussmann que as transformações urbanísticas se deram de maneira mais intensa. Em pouco mais de uma década a capital francesa desvencilhou-se quase que completamente de toda arquitetura medieval e barroca, ainda bastante presentes nos bairros do centro, além de drenar a massa de trabalhadores dos bairros centrais para os mais periféricos. A nova Paris mudara suas feições: onde antes estavam os becos escuros, ruas sem saídas e casas geminadas, foram abertos amplos boulevares, as largas avenidas, trilhos de bondes, as magazines e os postes elétricos. Não tardou para que a Paris Hausmaniana se tornasse o símbolo da metrópole moderna, irradiadora de padrões estéticos e comportamentais da vida na metrópole. Na seqüência, muitas outras capitais européias iniciaram um ciclo de reformas, experimentaram uma radical transformação nas suas estruturas, como a construção da avenida *Ringstrasse*, em Viena, ou o bota-a-baixo encabeçada pelo prefeito Pereira Passos, no Rio de Janeiro.<sup>33</sup>

Numa escala menos intensa que Paris, mas também envolvida no turbilhão de rápidas mudanças trazidas pela modernidade, Viena passou, na segunda metade do século XIX, por grandes transformações estruturais. Referindo-se às reformas urbanas ocorridas em Viena, Carl Schorske trouxe à tona discussões urbanísticas presentes na reforma da cidade de Viena, questões como a funcionalidade, a utilidade e a estética estavam sendo postas em evidência na Europa e também no Brasil. Dentre as visões urbanísticas levantadas por Schorske, chamam atenção as teorias orgânicas e fisiológicas da cidade. De acordo com as teorias orgânicas do século XIX, para funcionar harmonicamente, a cidade deveria ser pensada tal qual um organismo. Como qualquer organismo vivo, a cidade precisaria, portanto, de ossos e músculos para sua sustentação. Essa força era encontrada nos serviços públicos, esses moldavam as feições da cidade moderna. Os parques funcionavam como pulmões da metrópole e as avenidas eram as artérias por onde

---

<sup>32</sup> OLIVEIRA, Giovana Paiva de. *De cidade a cidade: o processo de modernização do Natal 1888-1913*. Natal: EDUFRN, 1999.

<sup>33</sup> PESAVENTO. Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano: Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003; SCHORSKE, Carl E. *Viena fin-de-siècle: política e cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

circulavam o fluxo social, por onde as vidas passam.<sup>34</sup> A idéia de pensar a organização da cidade como um organismo não se restringiu aos estudiosos europeus.

Como era de costume, as idéias científicas e filosóficas partiam das universidades e centros acadêmicos europeus e facilmente se expandiam pelos demais continentes graças à forte influência que os acadêmicos e cientistas europeus exerciam em diversos países, dentro e fora da Europa, especialmente no ocidente. No Brasil, a Faculdade de Direito do Recife foi uma grande difusora de doutrinas e idéias filosóficas, teológicas e científicas. Pensamentos que influenciaram não apenas os professores, mas também muitos estudantes que passaram pelas cadeiras daquele centro de ensino jurídico. Sendo aquela a faculdade mais próxima de Natal, não surpreende saber que nela ocorreu a formação de muitos dos intelectuais e principais nomes da política do Rio Grande do Norte. Henrique Castriciano, como tantos nomes do Estado, tornou-se bacharel pela Faculdade de Direito de Recife. A experiência intelectual aprendida no Recife rendeu-lhe um artigo científico escrito em 1902 e mais tarde publicado nas páginas de uma revista local, em 1920. No artigo, intitulado *Teoria Orgânica da Sociedade*, Castriciano sintetiza alguns dos pensamentos científicos contemporâneos como o positivismo, evolucionismo e o darwinismo social. O artigo resume não apenas o pensamento do autor, mas indica a enorme circulação que as idéias européias alcançavam naquele período.<sup>35</sup>

Retomando a idéia de sociedade orgânica, percebemos a busca dos homens de ciência pela organização, pela simetria, pela perfeição. O sistema de gestão e a estrutura perfeita eram fundamentais para a cidade orgânica. Esta cidade, simétrica, funcional, ergueria bases sólidas para a sustentação de uma sociedade sem defeitos, na qual cada ser exerceria seu papel de um modo quase fisiológico, dando vida à sociedade orgânica. Pensar a cidade como um conjunto não foi privilégio do urbanismo europeu. Assim como Henrique Castriciano, muitos tentaram repensar a sociedade e as cidades brasileiras de um modo mais funcional. No período tratado, o maior exemplo de intervenção urbanística no Brasil, ocorreu na cidade do Rio de Janeiro.<sup>36</sup> A intenção de re-organizar o espaço urbano na cidade do Rio de Janeiro já era uma constante desde

---

<sup>34</sup> SCHORSKE, Carl E. *Viena fin-de-siècle*: política e cultura. p. 44-45.

<sup>35</sup> CASTRICIANO, Henrique. Teoria organica da sociedade. In: José Geraldo de Albuquerque (Org). *Seletas: textos e poesia*. Natal, 1994. p. 164-171.

<sup>36</sup> Para uma visão mais ampla do que foram as reformas urbanas no Rio de Janeiro ver: BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussmann tropical: a renovação urbana na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, turismo e esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1990. ; SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

a segunda metade do século XIX. As reformas de ampliação do porto iniciam o lento processo de reformas urbanas ocorrido na capital do país. O plano de transformação da paisagem urbana carioca, todavia, só passa a ser radicalmente executado durante o mandato do Presidente Rodrigues Alves (1902-1906). Nesse período, o governo federal decidiu dar maior importância às obras na Capital Federal. Com as verbas federais e com o empréstimo tomado no estrangeiro, o então prefeito Pereira Passos liderou uma verdadeira demolição do centro carioca, transformando-o num bairro de traçado retilíneo, seguindo a lógica urbanística vigente na Europa, sendo o seu maior símbolo a Avenida Central (atual Avenida Rio Branco).

Depois da derrubada dos cortiços e estalagens considerados insalubres, grande parte da população pobre ficara sem moradia, e boa parte desse contingente populacional acabou migrando para os morros, sendo esta a única área onde estavam previstas pelas leis municipais a construção de barracos. As construções nas periferias só poderiam ser feitas após a outorga das concessões municipais. No entanto, logo a municipalidade perdeu o controle sobre a construção dos barracos, gerando uma densa população nos morros cariocas. Portanto, ao mesmo tempo em que a reforma redesenha a cidade à européia, ela segrega os elementos que não eram almejados por essa elite. Pois, para se construir uma “Europa possível” em plenos trópicos seria necessário lutar com os elementos que fossem de encontro aos padrões europeus de civilidade e modernidade. Portanto, a cultura popular foi afastada por ter sido “identificada com negativismo, na medida em que não compactuaria com os valores de modernidade.”<sup>37</sup>

Dessa forma, o Rio de Janeiro passou a concentrar sua população economicamente estável na Zona Centro-sul, enquanto que a população pobre, formada, em sua maioria, por imigrantes e negros, foram deslocados para os morros e para a Zona Norte da cidade. Enquanto o sonho de se fazer no Rio uma “Europa Tropical” era posto em prática com a construção da Avenida Central, uma outra rede de relações e identidades, elaborada pelos pobres, dava sentidos a diversos espaços da cidade. Esses múltiplos espaços geravam fronteiras invisíveis, elaboradas não apenas pelas elites, mas também pelos populares, que também construía os seus espaços de convívio. Como nos mostra Mônica Velloso, em um estudo sobre comunidades negras no Rio de Janeiro de Perreira Passos:

---

<sup>37</sup> VELLOSO, Mônica Pimenta. *As tradições populares na belle époque carioca*. Rio de Janeiro: FUNARTE/ Instituto Nacional de Folclore, 1988. p. 9



“A idéia de pertencimento ao *pedaço*, onde é clara para o grupo marginalizado a noção de “nós” e “eles”. O fato de pertencer a um espaço não traduz vínculos de propriedade (fundiária) mas sim uma rede de relações. Esta rede é de tal forma interiorizada que acaba fazendo parte da própria identidade do indivíduo.”<sup>38</sup>

As reformas urbanas ocorridas no Rio de Janeiro tiveram um papel mais abrangente do que se poderia imaginar a princípio. A reforma liderada por Pereira Passos não apenas reordenava o espaço urbano: ela iniciava o processo de modernização das cidades brasileiras, e como pioneiro e centro influente, o Rio dissipava pelas demais capitais brasileiras o modelo de ‘civilidade’ e progresso que deveria ser seguido.

Como já foi dito, o Rio sofreu uma série de reformas que alteraram a estrutura física e social da cidade. Ou seja, além da mudança de ordem arquitetônica e urbanística, as reformas tentavam criar padrões de conduta para o espaço público reformado. Para normatizar as relações entre o espaço público e a população foram criados regulamentos e normas administrativas, que visavam ‘civilizar’ a população carioca, e só a partir dessa mudança de conduta no espaço público é que as reformas urbanas alcançariam o seu maior objetivo, que era o de transformar o Rio de Janeiro numa capital moderna e civilizada, segundo o modelo europeu.

A construção da Cidade Nova em Natal pode ser vista como o reflexo de atitudes e pensamentos elitistas, sobre como deveria fluir a vida urbana numa cidade moderna. A Cidade Nova representava então um ousado plano de adicionar à cidade de Natal um espaço completamente novo, um novo bairro planejado, obedecendo alguns padrões de modernidade e salubridades vigentes na época, como a abertura das largas avenidas, e arborização das ruas. A ocupação da Cidade Nova, no entanto, esbarrou em alguns entraves. A presença de barracões nos terrenos projetados para o novo bairro gerou alguns conflitos entre os antigos moradores e o governo.<sup>39</sup>

---

<sup>38</sup> VELLOSO, Mônica Pimenta. As tias baianas tomaram conta do pedaço. *Revista de estudos históricos*, v. 3, n. 6, p. 207-228, 1990. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arg/75.pdf>>. Acesso em 18 dez. 2007.

<sup>39</sup> Numa nota sobre os planos de ajardinamento da praça Pedro Velho, na Cidade Nova, o jornalista mencionou que além do ajardinamento o governo havia mandado “também retirar uns tres ou quatro casebres que, não sabemos por

As ações do governo não passavam despercebidas pela oposição, que apesar de pequena e impotente estava sempre apontando irregularidades e expondo suas críticas. Esta oposição era chefiada por Elias Souto, monarquista e dono do jornal opositor do governo Albuquerque Maranhão: *O Diário do Natal*.

Era justamente através do *Diário do Natal* que se exteriorizavam as críticas mais ferrenhas ao governo do Estado. Entre as principais imputações feitas a Pedro Velho e seus apadrinhados estavam as acusações de nepotismo, tanto em relação a contratação dos funcionários quanto na contratação das empresas prestadoras de serviços ao Estado. Exemplo disso está na nota do *Diário do Natal* de 1904, ao comentar que os recursos federais de combate à seca estavam sendo desviados pelo governo para a execução de obras públicas na capital. Para o redator do *Diário do Natal*, “as obras públicas do estado foram feitas com o mesmo dinheiro, não se empregando nellas nenhum dos flagellados pela fome, mas somente pessoas apariguadas ao governo”.<sup>40</sup>

O *Diário do Natal* também demonstrava sua opinião nas reportagens da folha, no que diz respeito ao processo, encabeçado pelo governo, de desapropriação das moradias instaladas no futuro bairro da Cidade Nova. As reportagens, sempre em tom dramático, mostravam a violenta ação de tomada dos espaços ocupados pelos barracões, que aconteciam, segundo o jornal, sem que os moradores recebessem qualquer tipo de indenização. Em virtude de tal drama os redatores do *Diário do Natal* apelidaram o novo bairro de Cidade das Lágrimas, pois o novo bairro teria nascido das lágrimas dos desabrigados.<sup>41</sup>

Enquanto o opositor *Diário do Natal* criticava os feitos do governo, o jornal *A Republica*, pertencente à família Maranhão, ignorava qualquer problema social ocasionado pela reorganização dos espaços urbanos de Natal. Enquanto o *Diário do Natal* denunciava desvios de verba e ostentação do governo com a construção do teatro, 1904, *A República* comenta as estréias e elogiava as atuações dos artistas.<sup>42</sup>

Quanto às demais obras de destaque do governo de Alberto Maranhão, merecem aqui atenção a iluminação a gás acetileno, em 1905, a iluminação elétrica, em 1911, a implantação de bondes a burro, no ano de 1909 e elétricos, inaugurados em 1911 construção de passeios públicos

---

que motivo ainda afeiam o centro daquela praça”. A nota nos faz crer que por mais arbitraria que tenha sido a decisão do governo de expropriar os antigos moradores houve resistência. A REPUBLICA, Natal. 18 jun. 1903.

<sup>40</sup> SECCA do norte. *Diário do Natal*, Natal, 13 set. 1904.

<sup>41</sup> SERVIÇO de cabra cega. *Diário do Natal*, Natal, 10 abr.1904.

<sup>42</sup> A REPUBLICA, Natal, mar. 1904.

e jardins públicos e por fim a construção do Teatro Carlos Gomes, concluído em 1904, que veio responder às aspirações das elites locais por um teatro capaz de trazer companhias artísticas de maior porte à cidade.<sup>43</sup>

Podemos notar que o governo e os que o apoiavam estavam entusiasmados com as significativas transformações que Natal vivia. Essas mudanças na estrutura da cidade eram chamadas de ‘melhoramentos’, sendo essas mais um forte indício da crença e do entusiasmo vivido por essas elites que acreditavam estar nessas mudanças o caminho que levaria Natal ao progresso e à civilização.

A concepção de progresso que se tinha no início do século XX, era basicamente de caráter econômico, fundamentada em teóricos como David Hume e Adam Smith. De acordo com essa visão, as transformações sociais estariam ligadas diretamente ao processo de desenvolvimento econômico, muito mais do que às questões políticas. Seguindo essa lógica, qualquer intervenção institucional ou privada, no sentido de aprimorar a economia do país, estaria contribuindo para o desenvolvimento de toda a sociedade. Assim, medir as riquezas de uma nação era o mesmo que mensurar o seu desenvolvimento, ou sua ‘evolução’. A economia, decerto, marcava a teoria progressista, mas as influências do progresso atingiram diversas áreas de conhecimento. Para muitos estudiosos do século XIX o progresso era uma força vital intrínseca na natureza. Para muitos, essa energia guiava a humanidade numa cadeia evolutiva desde a antiguidade. Nesse preceito evolucionista se apoiavam teóricos como Hegel, Spencer, Darwin e Comte.

A historiografia desse período era marcada por uma visão essencialmente evolutiva da história, “organizada em função de um motor econômico, que apresentava o desenvolvimento do capitalismo liberal como o ponto máximo alcançado pela humanidade e, em consequência, situaria todos os povos e todas as civilizações dentro de um esquema único de progresso.”<sup>44</sup> Diante da certeza de que o progresso material, filosófico e científico ergueu a Europa ao mais alto patamar alcançado pela civilização, os historiadores se depararam com a necessidade de explicar porque os demais povos fracassaram. Para justificar o triunfo europeu foram apontados fatores climáticos, geográficos, culturais e raciais.

---

<sup>43</sup> Sobre a implantação dos serviços de transporte e iluminação pública na cidade de Natal ver: ANDRADE, Alenuska. À luz da modernização a modernidade da luz: a introdução da energia elétrica em natal. In: FERREIRA, Angela Lúcia; DANTAS, George. Os indesejáveis na cidade. In:\_\_\_\_\_.(Org.) *Surge et ambula: a construção de uma cidade moderna Natal, 1890-1940.* ; COSTA, Madislaine. *Quando a modernidade vinha de bonde.* 1998. Monografia (Arquitetura e Urbanismo) Universidade Federal do Rio Grande do Norte. [1998].

<sup>44</sup> FONTANA, Josep. *A história dos homens.*Bauru: EDUSC, 2004. p. 169-170.

No final do século XIX as potencialidades do progresso começaram a ser questionadas. O que antes parecia ser um espírito inabalável da progressão a história, passou a ser entendido como uma força gerada pela vontade humana, e como todo querer poderia se enfraquecer, se esgotar. Nesse sentido, o progresso humano apresentava o risco de declinar, decair. De fato, para alguns o desenvolvimento técnico que gerara a vida conturbada das grandes metrópoles era um sinal do declínio das virtudes, da ascensão dos vícios e do retrocesso nas relações humanas. Visões pessimistas como essas se faziam presentes nos discursos de autores como Nietzsche e Victor Hugo. Apesar da idéia do declínio do progresso ter tido início no século XIX, foi somente no século seguinte, com o estourar de duas guerras mundiais, que ganhou maior ímpeto.<sup>45</sup>

No caso de Natal, a busca pelo progresso era uma prioridade não apenas para os governantes, mas também para uma grande parte dos intelectuais da cidade. Essa ansiosa busca pode ser confirmada na ênfase dada pelos diversos periódicos que circulavam na cidade, no início do século. Todos revelavam, em algum momento, matérias ou propagandas que comemoravam, aclamavam ou reivindicavam a chegada do espírito moderno a Natal.

Em 1908, um jornalista do *Diário do Natal* já aponta elementos da vida moderna que eram desfrutados pela população da capital do Estado. O bonde, a iluminação pública, a maior frequência feminina nas ruas da cidade e o cinematógrafo são elementos exaltados pelo jornalista. Para essas elites, a inclusão desses elementos no cotidiano da cidade representava a entrada de Natal em um patamar de superioridade frente a outros núcleos urbanos, aproximando-a de cidades modelos de civilidade, como o Rio de Janeiro, e de metrópoles como Paris e Londres. Em tom descontraído, os elementos da vida moderna aparecem na seguinte nota do *Diário do Natal*:

Um amigo rebelde, com quem ante-hontem palestrava, à lua, ao ver passar completamente cheio o bonde que descia do bairro alto, teve essa lembrança feliz: *Natal é uma terra muito acessível ao progresso.* (...) O habito roncheiro do elemento feminino vae modificando para melhor. Busca as ruas cheias de luz, talvez para fortalecer os músculos e a alma. O amigo Braz tem razão. Sem bonde gentil e progressista, jamais teríamos uma cidade affeita ao smartismo da leveza carioca, cinematographo vivo e sempre actual da vida parisiense e londrina.<sup>46</sup>

<sup>45</sup> Sobre concepção da idéia de progresso e seu declínio ver: HERMAN, Arthur. *A idéia de decadência na história ocidental*. Rio de Janeiro:Record, 1999. p. 45-52; SZTOMPKA, Piotr. *A sociologia da mudança social*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

<sup>46</sup> A variação da palavra inglesa smart presente na nota era usada pelos brasileiros do início do século como sinônimo de estilo e distinção, tal como a palavra francesa “chic”. GRANDE século. *Diário do Natal*, Natal, 12 set. 1908.

A preocupação da elite governante em transformar Natal numa cidade moderna não estava isenta de críticas. O jornal *Diário do Natal*, inúmeras vezes, questionava as decisões do governo com relação às obras de melhoramento. Em suas reportagens, os jornalistas do *Diário do Natal* geralmente punham em questão a origem do dinheiro responsável pela execução das obras e a necessidade de prosseguir com elas frente a outras urgências do Estado, como o combate à seca. Exemplo da posição dos jornalistas do *Diário do Natal* pode ser encontrado num artigo sobre as obras públicas de aterro e ajardinamento da Praça Augusto Severo em 1904. Nesse artigo a oposição critica a postura do governador Tavares de Lyra, que agiria somente em função dos interesses dos seus pares, a mando do seu sogro, Pedro Velho:

S. Excia. faz o que quer e bem entende no interesse de sua oligarchia; á seu sabor do seu sogro decreta os impostos e gasta as rendas publicas, sem a menor attenção, nem cavaco as contribuintes. Manda fazer um jardim publico, obra de luxo, de elevado custo, sem que para isso tenha a menor autorizaçãõ do poder legislativo, porque vive s. exc. em absoluta e permanente dictadura financeira.<sup>47</sup>

Apesar da postura crítica, os jornalistas do *Diario do Natal* não eram contrários aos ‘melhoramentos’ implementados em Natal. Afinal, a chegada do progresso à capital do Estado era clamada por toda a elite letrada do período. O que o jornal questionava era o modo como os melhoramentos estavam sendo conduzidos pelo governo. Esta posição aparece claramente em uma nota do *Diário do Natal* sobre a construção de duas novas avenidas em 1907. A primeira deveria seguir desde o Cais Augusto de Lyra até a rua Bom Jesus, e a segunda da praça Augusto Severo até a rua Silva Jardim. A nota do jornal diz respeito às desapropriações das residências que atrapalhariam as obras. Deste modo, o jornalista se põe na seguinte posição: “Não somos contrários aos melhoramentos da cidade, mas [que sejam] sem prejuízo dos seus actuais proprietários, na sua maioria pobres”.<sup>48</sup>

Os investimentos feitos pelo governo em Natal na primeira década do século XX, fossem eles apoiados ou criticados, lentamente transformaram as feições da cidade. Por mais que Natal não tenha passado por nenhuma reforma urbana radical, como ocorreu em muitas cidades

<sup>47</sup> GOVERNO urso. *Diário do Natal*, Natal, 14 jul. 1904.

<sup>48</sup> NOVAS avenidas. *Diário do Natal*, Natal, 1 out. 1907.

brasileiras, a mudança na estrutura viária, que passou a ser feita com a implantação dos bondes, já puxados por carros elétricos em 1911, pelo novo teatro, pelo cinema, pelas novas praças e jardins, além da implementação de iluminação pública elétrica e pela construção de um novo bairro, tudo isso contribuiu para a manutenção dos desejos das elites de transformar Natal numa cidade cosmopolita e moderna. Na segunda década do século XX, já era possível ver muitas dessas mudanças.

Numa conferência realizada por Manuel Dantas em 1909, podemos sentir o entusiasmo compartilhado pelas elites natalenses com relação ao futuro que deveria ocorrer com a chegada do progresso à cidade. Grande representante da intelectual natalense, no início do século XX, advogado de formação, geógrafo e educador por afinidade, além de redator de *A Republica*, Manuel Dantas não parecia pensar duas vezes em enterrar o passado e preparar a mente dos natalenses para a chegada da modernidade. Nessa conferência ele faz uma projeção da vida na cidade de Natal em 50 anos. Decerto não foi à intenção de se consagrar como profeta que o levou a escrever sobre o futuro da cidade. Ele confirma em seu discurso os ideais projetados por grande parte das elites brasileira, que acreditava que a técnica e a ciência aplicadas à sociedade fariam com que a cidade entrasse numa constante marcha em direção ao progresso. Essa visão de Manuel Dantas, embora algumas vezes pareça radical, como quando imaginou que Natal sediaria uma cosmopolita estação ferroviária, ponto final de desembarque de uma ferrovia transcontinental, reflete o otimismo sentido por muitos dos seus contemporâneos entusiastas do progresso técnico, da transformação da natureza em favor do homem. Mais do que profeta, Manuel Dantas quis espalhar o espírito do progresso e da modernidade com o seu discurso, demonstrando um pouco da aura otimista que circundava a todos durante as transformações urbanas da cidade.<sup>49</sup>

Parte do entusiasmo presente no seu discurso é fruto das influências que recebeu enquanto estudante da Faculdade de Direito de Recife, quando se familiarizou e tornou-se adepto do darwinismo social de Ernest Haeckel. Dantas adaptava a realidade local, especialmente a realidade do sertão, às idéias de Haeckel. Apoiado no evolucionismo, ele apontava para a união do trabalho e educação como chaves mestras da evolução social.<sup>50</sup> A influência das teorias científicas não só atingiram Manuel Dantas, como também grande parte dos intelectuais e

---

<sup>49</sup> DANTAS, Manuel. Natal daqui a 50 anos. In: LIMA, Pedro de. *O mito da fundação de Natal e a construção da cidade moderna segundo Manuel Dantas*. Natal: Sebo vermelho, 2000.

<sup>50</sup> BUENO, Almir de Carvalho. *Visões da República: idéias e práticas políticas no Rio Grande do Norte*. p. 34-49.

partidários do governo. Esse entusiasmo para com o futuro, compartilhado pelos membros das elites, não se limitou à palestra de 1909. Esses sentimentos de euforia e de esperança podem ser facilmente encontrados nas falas dos governadores, nas páginas dos jornais e nas revistas literárias.

Para Giovana Paiva, esse tipo de discurso sobre as aspirações das elites era uma forma encontrada por alguns membros dessas elites natalense de projetar para o futuro aqueles planos que não podiam ser postos em prática por falta de recursos, sendo este um “caminho mais curto para buscar sua identificação com essa modernidade. Neste momento o concreto para a cidade foi apostar que a modernidade sempre esteve e continua estando no almejado”.<sup>51</sup>

## **2.2 Praias e Jardins: sociabilidade nos espaços públicos da cidade**

### **2.2.1 Entre flores e música**

A construção do jardim público na cidade de Natal foi resultado do desejo das elites de transformar os espaços públicos. A construção do jardim teve início no primeiro mandato do governo de Alberto Maranhão, mas a sua conclusão só se deu durante o mandato do governador Tavares de Lyra. O jardim (também conhecido como passeio público) estava localizado na praça Augusto Severo, em frente ao teatro Carlos Gomes, ambos projetados pelo arquiteto Herculano Ramos.

No governo de Tavares de Lyra (1904-1908) muitos projetos de melhoria e aformoseamento urbano foram concluídos. Dentre os referidos projetos podemos destacar a inauguração do teatro, a conclusão das obras de ajardinamento da praça Augusto Severo, o aterro e nivelamento da Praça Leão XII, o calçamento da Avenida Rio Branco e outras avenidas da cidade, incluindo as novas avenidas na Cidade Nova.<sup>52</sup>

---

<sup>51</sup> OLIVEIRA, Giovana Paiva de. A conferência de Manuel Dantas: a elite natalense construindo a imagem da cidade moderna. In: FERREIRA, Angela Lúcia; DANTAS, George (Org.). *Surge et ambula: a construção de uma cidade moderna Natal*. p.109.

<sup>52</sup> OLIVEIRA, Giovana Paiva de. *De cidade a cidade: o processo de modernização do Natal 1889/1913*. Natal: EDUFRN, 1999. p. 71-73.

O aceleração no ritmo das construções e inaugurações de obras públicas nesses quatro anos se deu pelo aumento dos recursos federais recebidos pelo Estado em virtude da seca de 1904. A prolongada estiagem de 1904 fez com que a capital passasse por uma situação atípica, pois em um curtíssimo espaço de tempo a população da cidade aumentou vertiginosamente, em virtude da chegada dos flagelados vindos do interior do Estado.<sup>53</sup> A chegada dessa mão-de-obra abundante, aliada aos recursos federais, possibilitou a organização de um plano de trabalho do governo do Estado. O plano tinha como objetivo usar a verba de combate à seca no pagamento de diárias aos flagelados que se empregassem nas obras de ‘melhoramento’ da cidade. Deste modo, o governo conseguiu recursos para a conclusão dos almejados melhoramentos da capital, ao mesmo tempo que justificava os gastos, alegando a nobreza da causa, que era de ajudar os flagelados da seca. A justificativa dada pelo governo para o uso dos recursos federais pode ser comprovada na seguinte mensagem transmitida pelo governador Tavares de Lyra, em julho de 1904:

Contratei com o illustre architecto Herculano Ramos o aterro e ajardinamento da praça “Augusto Severo”, trabalho indispensável á salubridade desta cidade. Tratando-se de um saneamento de um lugar, onde houve um barracão de retirantes. Serviço em que será applicado o material adquirido pela Comissão Central de Soccoros e no qual de preferênciam serão empregados os que aqui se acham ainda á procura de meios para substituir, entendi que o seu custeio devia correr por conta dos recursos de que dispõe a caixa de origens diversas para auxilio dos flagellados. A obra attestará, em todo tempo, que alguma cousa ficou dessa quadra de miséria que tento nos abateu.<sup>54</sup>

O *Diário do Natal*, opositor do governo, não economizou tinta, acusando o governo de desviar recursos para a capital, quando esse dinheiro deveria estar sendo empregado no interior do Estado. Na nota que segue, o humor foi usado pelo jornalista do *Diário do Natal* para mostrar a indignação da oposição frente atitude tomada pelo governo em relação ao uso das verbas de combate à seca, providas pelo governo federal.

---

<sup>53</sup> Sobre a presença dos flagelados na cidade de Natal durante as três primeiras décadas do século XX, ver: FERREIRA, Angela Lúcia; DANTAS, George. Os indesejáveis na cidade. In:\_\_\_\_\_.(Org.). *Surge et ambula: a construção de uma cidade moderna Natal*.

<sup>54</sup> LYRA, Augusto Tavares de. Obras publicas. *Diário do Natal*, Natal, 23 jul. 1904.



Hontem um pobre faminto.  
 Foi a beira do jardim,  
 Chegando alli exclamou,  
 Oh, tenham pena de mim!

Pois que me tirão da bocca  
 Esse abolo mingoadado.  
 Para encherem a timba  
 Desse doutor felizardo.

Meus filhos morreram de fome,  
 De fome eu vivo morrendo  
 E a verba dos famintos  
 Os obreiros vão comendo?!

Se eu visse o Presidente,  
 Lhe dizia: Oh! Rodrigão.  
 Olhai para este Natal,  
 Tendo de nós compaixão.

Os soccorros nos mandastes  
 Porem de nada serviram.  
 Porque da terra os espertos,  
 Os soccorros engoliram.

E tudo quanto é faminto  
 Morre aqui abandonado,  
 Porque o pão que nos veio  
 Não chegou p'ra flagelado...O Goteira.<sup>55</sup>

A conclusão do jardim público se arrastaria por mais de um ano ainda. O atraso das obras públicas foi a deixa procurada pelo jornal oposicionista, que não perdia tempo ao relatar, com minúcia, o que eles chamavam de “a crise das obras públicas”.<sup>56</sup> Apesar de todos os entraves financeiros, a construção do jardim público foi concluída no mês de novembro de 1905. A abertura ao público do jardim não contou com uma inauguração oficial, mas nem por isso as atrações de estréia seriam diminuídas. A freqüência da população, a música da banda do Batalhão

<sup>55</sup> GOTEIRA. Pingos. *Diário do Natal*, Natal, 28 jul. 1904.

<sup>56</sup> AS CRISES nas obras públicas. *Diário do Natal*, Natal, 4 jun. 1905.

de Segurança e a iluminação a acetileno deram o tom de festa à primeira noite do novo espaço público da cidade.<sup>57</sup>

Esse novo espaço de sociabilidade na cidade era recebido com entusiasmo pelos membros das elites. O jardim tem um papel importante, muito significativo para as elites do século XIX, pois representa a natureza desejada pelos engenheiros e arquitetos modernos: ordenada, harmônica, domesticada. Somente assim não provocaria epidemias. Justamente nesse período, o jardim perdeu a sua dimensão unicamente privada, de lugar de retiro e ostentação de uma nobreza, passando a assumir também um caráter público.<sup>58</sup>

Apesar da implementação dos jardins públicos nas grandes cidades só ganharem popularidade em fins do século XVIII, há algum tempo já se solidificava na Europa uma nova interpretação das paisagens ‘naturais’. O Renascimento marcou na Europa uma mudança de percepção no olhar do homem sobre a natureza, principalmente no que diz respeito às artes. Até então, as representações de campos, bosques e florestas estavam presentes apenas como pano de fundo de imagens sacras ou de cenas cotidianas, mas nunca como temática principal. A partir do século XVI as artes plásticas, em especial a pintura, ajudaram a compor um novo sentido para natureza. Foram as representações gráficas dos pintores, que tinham a pretensão de “não apenas retratar a paisagem com fidelidade, mas recriá-la ao sabor da imaginação”<sup>59</sup> que deram origem a alguns sentidos estéticos como o *pintoresco* ou *pitoresco*. A influência estética da pintura moldava o olhar do homem sobre a natureza, as paisagens pitorescas eram justamente aquelas em que a exuberância da natureza lembrava uma gravura.

A difusão do gosto pelas paisagens mediante pinturas e gravuras difundiu-se entre a aristocracia européia, ainda no final do século XVII, e com o tempo implementou-se também nas classes médias urbanas o hábito de cultivar flores e árvores. Os jardins seriam lugares íntimos em que a natureza poderia ser contemplada. Os jardins públicos, ao contrário dos privados, seriam lugares de plena sociabilidade, de pompa, onde se poderia ver “homem e mulheres bem vestidos e bonitos, contar e ouvir novidades, assistir apresentações de musicais, mostrar filhas na busca de maridos (...) – o *plaisir de la promenade*, tinha um palco magnífico nos jardins públicos”.<sup>60</sup>

---

<sup>57</sup> JARDIM publico. *A Republica*, Natal, 14 nov. 1905.

<sup>58</sup> CAPEL, Horacio. *La morfología de las ciudades: sociedad, cultura y paisaje urbano*. Barcelona: Ediciones de Serbal, 2002. p. 276-299.

<sup>59</sup> SEGAWA, Hugo. *Ao amor do público: jardins no Brasil*. São Paulo: Studio Noble: FAPESP, 1996. p. 27.

<sup>60</sup> SEGAWA, Hugo. *Ao amor do público: jardins no Brasil*. p. 15.

A rápida adesão dos governos à construção de parques e jardins públicos em grande parte da Europa, no século XIX, seria um reflexo direto da condensação da população em áreas urbanas. O parque e o jardim público funcionavam nas cidades industriais como uma via de escape da poluição e da agitação das ruas. Deste modo, o jardim público do século XIX não exerce uma função unicamente estética. Apesar de conceitos estéticos novecentistas, como o belo, sublime e pitoresco, estarem presentes nos debates sobre a arte da jardinagem, havia também uma preocupação de caráter utilitarista no planejamento dos jardins. Uma das utilidades da implantação de vastas áreas verdes nas cidades, segundo o *Select Committee on Public Walks and Places of Exercise* (um órgão público britânico, criado na primeira metade do século XIX, com o objetivo de prever o estabelecimento de espaços verdes, abertos em todas as grandes cidades), era a de propiciar às classes trabalhadoras um espaço de sociabilidade saudável, afastando-os assim dos vícios e maus hábitos, como a embriagueis, a gula, as arruaças e as brigas.<sup>61</sup>

O ajardinamento e a urbanização da praça Augusto Severo, juntamente com a abertura da linha de bonde Cidade Alta-Ribeira, em 1909, sela a união dos dois primeiros bairros da cidade do Natal, que antes tinham a sua livre circulação cortada por uma braça do rio Potengi. A água salobra que adentrava o continente formava uma ampla área alagadiça, que dificultava a comunicação entre a Cidade Alta e a Ribeira. O terreno pantanoso também era mal visto pelos médicos, que, baseados nas teorias miasmáticas consideravam as águas estagnadas um agente proliferador de doenças. A dificuldade de locomoção entre a Ribeira e a Cidade Alta era incômoda, mas a urgência no aterramento da região pantanosa dava-se devido a preocupações de ordem médica. Quando aberto ao público, o jardim da praça Augusto Severo transformava o antigo alagado da Ribeira, antes lugar de doenças e entrave entre a cidade Alta e a Cidade Baixa, em um espaço ‘civilizado’ orgulho das elites natalenses, que tinha agora na cidade um espaço aberto, jardinado onde se podia caminhar ou ouvir as retretas da banda do Batalhão de Segurança.<sup>62</sup>

---

<sup>61</sup> CAPEL, Horacio. *La morfología de las ciudades: sociedad, cultura y paisaje urbano*. p. 298-299.

<sup>62</sup> Para informações mais específicas sobre as teorias dos miasmas ver: CORBIN, Alain. *Saberes e Odores: o olfato e o imaginário social nos séculos dezoito e dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.



Praça Augusto Severo<sup>63</sup>

As retretas eram um dos maiores atrativos da Praça Augusto Severo. O movimento extraordinário de pessoas que se dirigiam ao jardim público a fim de ouvir a execução do programa de músicas, anunciado previamente nos jornais, foi o tema da crônica escrita por Pandessú Riola, um colaborador d'*A Republica*, no ano de 1918. Quando passeava despreocupado pela praça durante a retreta Riola, observara a roupa branca dos marinheiros que executavam as músicas, as quinze lâmpadas que iluminavam o coreto, o pequeno número de moças que ocupavam os bancos da praça e a pressa do público que chegava, que pela hora “com certeza vinham do último gole de café do jantar”. O programa executado era uma homenagem a Carlos Gomes e apesar de aparentemente ter agradado a todos, “as palmas não foram muitas: acanhamento do povo, pouco habituado a manifestações ruidosas”. Ele termina o texto observando um casal que se apressa para não perder o primeiro bonde em direção ao Tyrol, pois: “si não fossem naquelle bonde do Tyrol que deveria passar d’alli a minutos, talvez não encontrassem lugar no segundo, pois havia muito povo; e, como desse segundo bonde ao terceiro, teriam de esperar cincoenta minutos”.<sup>64</sup> O que mostra a alta concorrência na praça nas noites de retreta, que atraía não apenas os moradores das redondezas, mas também os que viviam em bairros mais distantes, como o Tyrol e Petrópolis. Além de provar a ineficiência do transporte

<sup>63</sup> GALVÃO, João. In: NOBREAS, Edras Rebouça (Org). *Natal 400 anos de história, turismo e emoção*. Natal, 1999. il. CD-ROM.

<sup>64</sup> A RETRETA na Praça Augusto Severo. *A Republica*, Natal, 5 jul.1918.

público, que se mostrava insuficiente para cobrir às necessidades de todos os passageiros ali presentes.

O evento musical observado com detalhe por Pandessú Riola nos traz alguns indícios do tipo de público que freqüentava as retretas da praça no final da década de 1910. A presença de mulheres solteiras, por exemplo, não era comum. No entanto, o cronista menciona a presença de senhoras casadas e crianças. A atenção do autor também se ateu ao comportamento do público perante a apresentação da banda, que, na sua opinião, era muito tímido. Em seu último comentário, o bonde aparece, mais uma vez, unindo os bairros da cidade, permitindo que moradores do Tyrol usufríssem eventos ocorridos em bairros mais distantes. Todavia, o serviço de transporte não parecia ser condizente com a necessidade da população, motivo que levou o casal referido na crônica a sair da praça antes do término da retreta.

Os atrativos da música não seduziam apenas os membros das elites. As execuções públicas da banda do Batalhão no jardim faziam a alegria também dos pobres, como nos conta Henrique Castriciano:

Temos um jardim. Principalmente não havendo outro ponto de reunião, podia servir de centro para onde convergisse, ao menos aos domingos, a população civilizada dos dois bairros. Mas, o jardim, nos dias de retreta é do Zé-povo, que não está para tristezas, e, como bom entendedor gosta de música. (...) Além disso, sendo zé-povo muito mais desprovido de recursos, gosta do jardim, procura quando na música, delicia-se com essa hora de sociabilidade.<sup>65</sup>

Nesse texto, escrito em 1908, três anos após a inauguração da praça Augusto Severo, Henrique Castriciano menciona a falta de abundantes formas de sociabilidades destinadas à população “civilizada”. E, aponta o jardim como um lugar apropriado para reuniões dos moradores da Cidade Alta e Ribeira. Após essa pequena reflexão sobre o papel do jardim como centro de conversão social dos grupos “civilizados”, o cronista constata, que a praça em dias de retreta não atraía apenas a elite social. Os populares que freqüentavam o jardim público eram possivelmente oriundos de bairros e lugarejos periféricos, como as Rocas e o Passo da Pátria. A nota de Henrique Castriciano nos indica, que as imposições impostas pelas elites, como regras de

---

<sup>65</sup> CASTRICIANO, Henrique. A esmo. In: ALBUQUERQUE, José Geraldo de (Org.). *Seleto: textos e poesia*. Natal: [s.n.], 1994. v. 2, p. 105-106.

conduta e vestimenta adequadas, não intimou todos os populares, que ao que parece, sentiam-se também no direito de usufruir o novo jardim. Tal qual no caso britânico, a música e o jardim como instrumentos pedagógicos poderiam exercer a dupla função de alegrar e educar os menos afortunados, afastando-os dos vícios e perigos e maus hábitos.

O jardim exigia que os passeantes obedecessem às normas de civilidade impostas pela elite produtora desse novo espaço. Mas nem todos os consumidores obedeciam a essas regras, causando mal-estar em alguns membros das elites. Como o jornalista d'A *Republica*, que a pedido de leitores expõe sua indignação perante a atitude de certos usuários do jardim durante a apresentação das retretas:

Os "habitués" das retretas pedem nos reclamemos contra o procedimento incorreto e descortez de certos frequentadores dos jardins que nos dias de retreta acham de *boa educação* ocupar os bancos inpedindo que as familias delles se sirvam, mesmo por alguns instantes. Sendo realmente imperdoavel a falta de civilidade esse gesto de certos marmanjos que por essa forma obrigam as familias a se conservarem sempre de pé, nos passeios sujeitas aos incommodos de outros passeiantes pouco delicados que não evitam os encontrões.<sup>66</sup>

A má conduta dos passeantes pode ser um forte indício de que os comportamentos desejados pelos construtores e planejadores dos espaços nem sempre eram postas em prática. Nessa nota a imprensa tomou para si a função de educar e sensibilizar os “marmanjos” que ocupavam os bancos da praça. Já que de nada valeria a reforma da praça e seu ajardinamento, idealizados pelo governo, se os seus usuários não soubessem seguir as normas de condutas, pensadas pelos construtores, como adequadas para esses espaços.

Os atos de vandalismo também eram prontamente relatados pelos redatores d' A *Republica*, que cumpriam o seu papel, denunciando e educando a população. Como exemplo da determinação da imprensa de conservar-se na ação educadora social, temos a emocionada nota sobre a manutenção do então recém-inaugurado jardim da Praça Pio XIII<sup>67</sup>, no ano de 1919:

---

<sup>66</sup> A REPUBLICA, Natal, 20 abr. 1918.

<sup>67</sup> A praça Pio XIII hoje é conhecida como Praça Capitão José da Penha, localizada no bairro da Ribeira, em frente a igreja Bom Jesus.

O sentimento de cada um exige uma fiscalização rigorosa, auxiliando assim a acção dos poderes competentes, contribuindo cada um na medida de suas forças para evitar o procedimento criminoso das criaturas dasalmadas e inconscientes, umas, perversas e mal educadas, outras.<sup>68</sup>

Donos dos animais soltos, que devastavam os jardins, e os moleques arruaceiros, que levantavam gritos contra a moral, eram os maiores alvos das reclamações sobre os maus usos dos espaços públicos feitas nos jornais. A cidade moderna não admitia o desregramento no uso dos espaços. E a responsabilidade de fazer funcionar todas as regras de acção determinadas aos espaços públicos cabia à polícia. Essa, mais do que repressora, era também um agente educador, civilizador. A imprensa falava pelas elites, e cobrava sempre que preciso acções das autoridades no sentido de ordenar os usos dos espaços da cidade na maneira que lhe convinha. Como podemos perceber na seguinte nota do jornal *A Republica*: “As autoridades municipais devem exercer maior e mais proveitosa vigilância sobre as nossas praças ajardinadas, onde freqüentemente são vistos animais danificando o gramado dos canteiros e arborização.”<sup>69</sup>

### **2.2.2 Verões e veraneios: a praia como espaço de sociabilidade**

A nova cidade que começava a surgir mantinha relações diferentes com a paisagem que a cercava. O saber médico advertia sobre os perigos causados pelas águas estagnadas e a má circulação dos ventos. A ciência, já desde fins do século XIX, buscava a reorganização dos espaços da cidade, tentando assim isolar nas periferias os lugares destinados a atividades consideradas insalubres, como os matadouros e hospitais. A nova Natal, em oposição à velha, não concebia as ruas íngremes, com casas aglomeradas bloqueadoras dos bons ventos. O bairro da Cidade Nova encarnava, então, o modelo que deveria ser seguido. Privilegiado também na sua localização, ao invés de receber os ventos estagnados dos mangues e alagados que margeavam o Potengi, nele circulava o ar marinho, que percorria sem obstáculos suas largas e arborizadas ruas. Referindo-se a essas preocupações médicas do início do século XX, o jornalista do *Diário do*

---

<sup>68</sup> A REPUBLICA, Natal, 13 out. 1919.

<sup>69</sup> A REPUBLICA, Natal, 17 fev. 1921.

*Natal* aponta, sem deixar de fazer uso do sarcasmo, os benefícios que os ventos do mar traziam ao novo bairro em oposição aos problemas de salubridade dos antigos bairros da cidade:

Na arte de arranjar benemerência, ninguém melhor maneja a política que o senador Pedro Velho, e nessa especialidade fazem-lhe bôa justiça todos, inclusive os seus mais intimo engossadores. Promovem o bem publico e... inventam uma cidade nova. A idéia è bella e se lhe reconhece o que seja de genial. A nossa cidade, além de velha e feia, comprimia já a população em bairros apertados e mal servidos da hygiene da natureza. Precisava a população natalense de respirar o ar saturado dos alcalóides marinhos de que é portadora a viação que vem das praias do Morcego e Areia Preta. Funda-se a cidade nova, e viu o povo, meio bestializado[...]<sup>70</sup>

Os benefícios trazidos pelos ventos vindos do mar podem ter sido definitivos ao se pensar a localização da Cidade Nova. A opinião da comunidade científica, no entanto, nem sempre foi positiva no que diz respeito às benfeitorias do mar. Assim como qualquer outro espaço tocado pelo homem, o mar e a praia são passíveis de interpretações, de significações. Desta maneira, a praia não foi sempre a mesma para aqueles que a freqüentaram. As diferentes percepções sobre o mar e a praia foram objetos do historiador Alain Corbin em *O território do vazio*. A começar pela descrição do primeiro sentimento que apoderava os marinheiros e viajantes, ao embarcarem nas naus, o medo, sensação que cerca o desconhecido. Sobre o mar foram criados mitos que perduraram até a Idade Moderna. O imaginário coletivo desenhava o mar como um elemento perigoso, sendo essa imagem reforçada pela literatura médica ainda nos séculos XVII e XVIII.

O mar faz apodrecer os marujos. A travessia provoca escorbuto, doenças de alcance simbólico que deteriora a carne de suas vítimas. A decomposição dos alimentos embarcados, a descoberta das doenças exóticas levam a comparar o navio ao monturo.<sup>71</sup>

A repugnância ao litoral já começa a diminuir no século XVIII, quando médicos e higienistas apontam o mar como aliado da medicina na cura das ansiedades, melancolias e

<sup>70</sup> DIA a dia: Pobre Rio Grande do Norte IV. *Diario do Natal*, Natal, 14 out. 1905.

<sup>71</sup> CORBIN, Alain. *O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Schwarcz, 1989. p.26



algumas doenças crônicas, “espera se dele [o mar] que se corrija os males da civilização urbana”.<sup>72</sup>

A ida ao mar não era mais uma ação isolada de restrita a alguns curistas. Por toda a Europa organizou-se a prática do banho em torno de uma estrutura balneária capaz de proporcionar ao banhista conforto e privacidade. A reunião das elites nos balneários fez dessa prática um evento social. Ao longo do século XIX ir ao mar foi além do desejo da cura. Iniciava-se uma relação de prazer com o mar.

Na França, o desenvolvimento das linhas férreas tornou o acesso aos balneários mais rápido e econômico. O veraneio passou a fazer parte da rotina de férias dos franceses, que esvaziavam os grandes centros urbanos para desfrutar os prazeres das estâncias.<sup>73</sup> A passagem do medo à cura, e da cura ao prazer, mostram que a relação do homem com o mar é mutável, obedece a uma temporalidade. E, portanto, uma construção simbólica. O mar do século XV não era o mesmo mar do século XVIII, que por sua vez não era igual no século XIX. À medida que o olhar sobre o mar se altera, vemos surgir uma nova relação simbólica do homem com o mar.

No Brasil, o mar era sinônimo de sujeira ainda no século XIX. Era hábito despejar nas águas salgadas dejetos domésticos e carcaça de animais mortos. Os escravos apelidados de “tigres” eram encarregados de exercer essa tarefa.<sup>74</sup> Desvincular a imagem de esgoto do mar levou certo tempo aos brasileiros. Mas já na segunda metade do século XIX, os discursos médicos convenceram as elites dos benefícios do banho de mar ao corpo.

Apesar de sua localização tão próxima do mar, somente em 1908 fundou-se em Natal uma estação balneária, localizada na praia de Areia Preta. A estação de banhos partiu de iniciativa privada, sendo recebida com entusiasmo pelos membros das elites natalenses, como afirma a nota do jornal *A Republica*:

Sabemos que um grupo de cavalheiros da nossa melhor sociedade organizou uma modesta empresa, sob a direcção do illustre clinico dr. Calistrato, destinada a preencher uma lacuna sensível do nosso meio social como o estabelecimento de uma praia de banhos, no logar denominado <Areia Preta>, na qual

<sup>72</sup> Ibid. p. 74.

<sup>73</sup> PERROT, Michelle (Org.). *História da vida privada: da revolução francesa à primeira guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

<sup>74</sup> FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano*. 6. ed. v. 1. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981. p. 195-197.

encontrarão famílias que precisarem de banho de mar uma residencia confortável e alegre com facil transporte até a cidade e um serviço regular de salvamento para os banhistas.

Não regateamos applausos á tão feliz idéia e estamos certos que o bom gosto de nossa população igualmente prestigiará esta utilíssima iniciativa de alguns particulares amantes do progresso.<sup>75</sup>

As inovações técnicas facilitaram o acesso dos natalenses às praias que cercavam a cidade. O bonde, aliado à energia elétrica, proporcionava à população natalense a prática de novas atividades sociais antes inviáveis devido à distância ou aos tortuosos caminhos a serem percorridos. A companhia de bondes Ferro Carril prolongou seus trilhos até o balneário de Areia Preta, em 1912, e a partir de então incluiu no seu itinerário o percurso até aquela praia em dias de domingo e feriados, o que indica que a ida à praia era uma forma de lazer.<sup>76</sup>

A expansão dos trilhos do bonde contribuiu para democratização dos banhos salgados na praia de Areia Preta, que se tornaram bastante populares na década de 1920. A ida à praia, porém, demandava não apenas transporte, mas também um local adequado para a troca de roupas, pois, não era adequado chegar ou sair da praia usando as vestimentas de banho. Na praia do Morcego, também conhecida como praia de Areia Preta, a estação balneária oferecia um ambiente limpo e adequado para as trocas de roupa. Por banho, a *Estação Balnear* cobrava uma taxa de \$800, que poderia ficar mais barato se o banhista optasse pela assinatura familiar de 20\$000 ao mês, ou 50\$000 o talão que dava direito a 50 banhos.<sup>77</sup>

Em outubro de 1924, a mesma estação balneária divulgava seus preparativos para a temporada de verão. Destacando a higiene e comodidade do estabelecimento, o balneário anuncia que na temporada de banhos

Disporá de 20 quartos com chave, cabide, estrado, etc, além de 2 outros com lavatorio e aparelho sanitario. Somente alugará a metade destinando-se os restantes aos banhistas avulsos. Tambem está tratando do prolongamento da linha de bondes até o alto da ladeira, em frente áquelle estabelecimento.<sup>78</sup>

Uma alternativa aos balneários eram os chamados banheiros. Assim eram chamadas as

<sup>75</sup> EMPRESA balnear. *A Republica*, Natal, 8 fev. 1908.

<sup>76</sup> COSTA, Madislaine. *Quando a modernidade vinha de bonde*. p. 1920-1927.

<sup>77</sup> ESTAÇÃO balnear. *A Republica*, Natal, 2 out. 1924.

<sup>78</sup> ESTAÇÃO balnear. *A Republica*, Natal, 2 out. 1924.

construções de palha ou madeira feitas para a troca de roupa na beira da praia ou rio. Os banheiros eram importantes, não apenas pelas normas de conduta, que não permitiam que as pessoas andassem pela cidade em trajes de banhos, mas também por acreditar-se que a roupa molhada em contato com o corpo, por tempo prolongado, poderia ser prejudicial à saúde.<sup>79</sup> Entre os ‘melhoramentos’ implantados no baldo, no ano de 1905, estavam incluídos banheiros públicos femininos e quiosques masculinos para a troca de vestimenta dos que fossem tomar banho na bica.<sup>80</sup>

A obediência às normas de conduta nos espaços públicos era um preceito básico da cidade civilizada. A construção dos banheiros e casas de banho deveria, então, evitar cenas como a que se sucedeu em 1895, nas imediações do baldo:

Parece pilheria mas não é. Quem quiser ver vá ao baldo da 6 as 8 da manhã, principalmente nos domingos que verão scenas reprováveis. Homens, que se dizem de gravata limpa sem o menor escrúpulo, se despem em prezença de crianças; não se falando em vista de mulheres que transitão algures. Em nome da physica, já que não se pode contar com a hygiene moral, pede providencias quem tem vergonha<sup>81</sup>

Em 1928, a mais recente revista social editada na cidade, *A Cigarra*, expunha a alegria e vivacidade que encontraríamos na praia de Areia Preta durante os meses mais quentes do ano:

O verão chegou e fez da cidade uma enorme estufa abafadiça, as nossas praias povoam das melhores belezas. É o prestígio do mar, que acalenta no berço azul humilde de suas vagas altaneiras as mais lindas nereides natalenses. Todas e todas as tardes, ao longo das nossas praias faiscentes á luz.<sup>82</sup>

As manhãs e tardes na movimentada praia de Areia Preta foram registradas calorosamente pela equipe de redatores e colaboradores da revista, durante os três verões que abarcam as suas

<sup>79</sup> ARAÚJO, Rita de Cássia. *As praias e os dias: história social das praias do Recife e Olinda*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2007. p. 331-333.

<sup>80</sup> O BALDO. *A Republica*, Natal, 16 jan. 1905.

<sup>81</sup> BALDO. *Diário do Natal*. Natal, 15 nov 1895.

<sup>82</sup> VERÃO. *A Cigarra*, Natal, ano. 1, n. 2, p. 15, dez. 1928.

edições (1928-1930). A praia, onde se destacavam as práticas esportivas, a contemplação do mar e o flirt, aparece ali como um lugar alternativo ao footing da avenida Tavares de Lyra. Em sessões como *indiscretas* os colunistas acabaram revelando lugares como a Rocha Encantada, uma grande rocha na encosta onde as “morenas enciumadas olhavam de lá o movimento dos banhistas no declive da praia”.<sup>83</sup>



Praia de Areia Preta<sup>84</sup>

Para aqueles que não se animavam com a popularização da praia de Areia Preta restava uma alternativa: cruzar o rio e passar a estação de banho na pitoresca Redinha, praia que passou a ganhar muitos adeptos durante década de 1920. Pela sua distância da cidade, era uma praia mais calma, “preferida para a estação de repouso<sup>85</sup>”. Em novembro de 1924, o Sr. Plínio Saraiva, veranista da Redinha, instalou um motor de energia elétrica, que passou a prover energia à sua casa de veraneio e à mais duas casas, de propriedade do Dr. Mario Lyra e Francisco de Albuquerque, iniciativa que, segundo *A Republica*, foi louvada pelo governador do Estado.<sup>86</sup>

<sup>83</sup> INDISCRETAS. *A Cigarra*, Natal, ano.1, n. 1, p. 29, nov. 1928.

<sup>84</sup> PRAIAS e veranistas. *A Cigarra*, Natal, ano. 2, n. 3, p. 28, abr. 1929. il.

<sup>85</sup> VARIAS. *A Republica*. Natal, 7 nov. 1924.

<sup>86</sup> LUZ elétrica na Redinha. *A Republica*. Natal, 20. nov. 1924.

Por não apreciarem a excessiva calma do lugar, ou simplesmente por buscarem entretenimento noturno, um grupo de veranistas da praia da Redinha, se reuniu e fundou um club social, no ano de 1924, como conta a seguinte nota:

fomos informados que os veranistas da pittoresca praia da Ridinha no intuito de formarem um ponto chic e elegante para reunião das familias que ali se acham passando algum tempo, organizando uma sociedade recreativa que receberá o nome de “Ridinha Club”, estando já quasi prompto um pavilhão para danças, jogos familiares e outras diversões.<sup>87</sup>

A dificuldade de acesso e os investimentos feitos pelos veranistas em iluminação e entretenimento indicam o alto poder aquisitivo dos veranistas desta praia. Em 1925, a inauguração de um transporte regular de lanchas, saindo de Natal, com destino a Redinha, veio amenizar a dificuldade de acesso, contribuindo com o aumento de visitantes e veranistas.<sup>88</sup> O que não significaria uma imediata popularização da praia, já que os custos da lancha eram superiores aos custos do bonde, que levava os banhistas até a praia de Areia Preta. Portanto, a Redinha não deixou se ser um reduto das elites natalenses nos meses de verão, como se pode ver nessa reportagem que comentava a passagem de ano:

creanças e moças, a linda flor do feminismo natalense, todos ali se encontravam numa admiravel expressão de alegria. “Redinha” foi realmente um meio de grandes atrações. Á beira mar levantou-se um pittoresco pavilhão onde pares elegantes de jovens dançavam até á madrugada, quando entre canticos e musicas saudaram o anno de 1925. (...) constituiu, porém, “the great attration” da pittoresca praia o “banho á phantasia”, realizado ás 4 horas da tarde do dia um.(...) ter-se-á o espetáculo delicioso a que assistiram mais de quinhentas pessoas.<sup>89</sup>

Para usufruir da praia e do jardim público era necessário ao cidadão portar-se de uma certa maneira, vestir-se de um certo modo. Existia um código de conduta dos espaços públicos.

<sup>87</sup> VARIAS. *A Republica*. Natal, 23 dez. 1924.

<sup>88</sup> VARIAS. *A Republica*. Natal, 2 dez. 1925.

<sup>89</sup> ANNO bom na Redinha. *A Republica*. Natal, 4 jan. 1925.

Esses códigos acabam intimidando parte da população mais humilde, até mesmo nos espaços públicos da cidade. A cidade, portanto, estava sendo aos poucos moldada pelas mãos das elites, o que não implicava uma completa exclusão dos pobres (como constatamos anteriormente na crônica de Henrique Castriciano sobre as retretas na praça Augusto Severo). A modernização da cidade se realizava à medida que se conseguia moldar os seus espaços, dotando-os de sentido. Para a elite intelectual, somente as forças públicas poderiam sistematizar e levar a cabo os melhoramentos físicos almejados por essa camada da população. Desta forma, foi atribuído ao poder público a missão de levar adiante os projetos de modernização da cidade.

Apesar das inúmeras intervenções feitas nos seus espaços físicos, Natal não se tornou a Paris das Américas nem conseguiu superar o *smartimo* carioca. A Natal almejada pela elite intelectual, patrocinada pelo poder e pela verba pública, pode não ter se transformado na capital cosmopolita imaginada por Manuel Dantas, mas a sua estrutura física e os olhares sobre a cidade não eram mais os mesmos. As elites natalenses, nas duas primeiras décadas do século XX, pensou e sonhou a cidade – pensamentos e sonhos que geraram entusiasmadas ações sobre Natal, que resultaram na alteração dos seus espaços físicos. A cidade se modificou, assim como o pensar e o agir na cidade. O capítulo que segue mostra como despontaram alguns dos novos espaços e seus usos na Natal que se modernizava.

### 3 CAPÍTULO 2: Espaços de sociabilidade das elites natalenses na *Belle Époque*

Ao elegermos a cidade como objeto de estudo, não tivemos a intenção de mostrá-la como um cenário onde se passaram os acontecimentos, mas como uma construção espacial e simbólica de uma determinada sociedade em uma certa temporalidade de maneira que a cidade não seja reduzida a um conglomerado de construções materiais. As cidades, ou os diferentes espaços da cidade, são representados de modo diferente por cada grupo social, sendo esse, por excelência, um espaço conglomerado de temporalidades e culturas, sua complexidade é imensa, assim como o é a compreensão dos usos que cada grupo social faz do mesmo espaço.

Os interesses de certos grupos estão sempre realizando ações, ocupando, regulando e segregando os espaços da cidade. Como afirma Bernard Lepetit, “Quando um grupo toma posse de um território, transforma-o à sua imagem – o espaço ratifica relações sociais”.<sup>90</sup> Afinal de contas, os espaços, sejam eles na cidade ou no campo, só ganham importância à medida que se produz um sentido sobre eles. De modo que as elites, ao dotarem de sentido as suas instituições e as suas práticas, estaria não apenas determinando as suas ações sobre a cidade, elas estariam também construindo um sentido particular para esses espaços. Essa percepção das imagens imateriais da cidade foi entendida por Sandra Pesavento como um elemento essencial na reconstrução do passado. Assim, é importante o historiador perceber que os sentidos dados aos espaços são tão reais quanto a sua materialidade.<sup>91</sup>

#### 3.1 Vida moderna e sociabilidades urbanas

Na cidade de Natal, podemos perceber um quadro de alterações no espaço urbano no início do século XX. As tentativas da administração pública de renovar a estrutura urbana da cidade no início do século XX refletem o desejo vívido pelos membros das elites locais de

---

<sup>90</sup> Sobre os sentidos e usos do espaço na cidade ver: LEPETIT, Bernard. É possível uma hermenêutica urbana? In: SALGUEIRO, Heliana Angotti (Org.). *Por uma nova história urbana*. São Paulo: EDUSP, 2001. p. 145-154.; MORAES, Antonio Carlos Robert. *Ideologias geográficas*. 4ª. ed. São Paulo: Hucitec/Annablume, 2002.

<sup>91</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.8, n. 16, p. 2179-290, 1995.

enquadrar Natal nos moldes dos grandes centros urbanos do início do século XX. Desejava-se transformar Natal em uma cidade moderna. O moderno em questão remete aos novos padrões tecnológicos que surgiram e se desenvolveram a partir da Segunda Revolução Industrial, na segunda metade do século XIX.

A própria relação campo-cidade foi afetada pelas novas técnicas introduzidas no campo. As aglomerações urbanas cresceram e a cidade vivia um ritmo de vida completamente diferente do campo. As transformações urbanas levaram a sociologia, no início do século XX, a pensar no aspecto psicológico da vida social nas cidades. Para alguns, a vida urbana se distinguia por um estilo de vida que obedecia a um novo ritmo. Para Giddens, a tônica do estilo de vida moderno não estaria na quebra dos hábitos tradicionais, pois se sabe que existiam continuidades. O que diferenciaria a vida moderna dos tempos precedentes era a velocidade das mudanças. A cidade moderna, além de obedecer a um ciclo de mutação veloz, inseria-se também num ciclo de interdependência mundial, que a partir do século XIX incorporara não apenas as grandes cidades, mas também as pequenas vilas e o próprio campo. A interconexão que se dava entre diversas partes do globo, possibilitada pelas novas tecnologias de transporte e comunicação e motivada pela busca de novos mercados consumidores, irradiou tendências mercadológicas e culturais originárias dos grandes centros. Quando esse estilo de vida se transmitia às localidades distantes, ele acabava criando uma identidade fantasmagórica: “Isso é, os locais são completamente penetrados e moldados em termos de influências sociais bem distantes deles.”<sup>92</sup>

O estilo de vida moderno implementou-se na Europa já na segunda metade do século XIX. No entanto, ele se estende até o século seguinte, quando a confiança nas potencialidades da tecnologia gerou uma exagerada sensação de otimismo e esperança, compartilhada pela burguesia do século que surgia. Esses primeiros quatorze anos que deram início ao século XX foram denominados posteriormente de *Belle Époque*.

Contudo, a bela época ocultava nos opulentos bulevares, nas casas de campo, na vida mundana, nos teatros e nas lojas de departamento as incertezas de um mundo que desmoronava. As tensões territoriais provocaram uma voraz corrida armamentista entre as principais potências européias. Ironicamente, a mesma geração que acreditava ter atingido o ápice da civilidade viu-se envolvida nos horrores de um dos conflitos mais sangrentos da Europa, a Primeira Guerra

---

<sup>92</sup> GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. p. 14-27.



Mundial.<sup>93</sup> A descrença e a perda de confiança no futuro que afetou a Europa no pós-guerra não afetaram significativamente o estilo de vida de Natal, de modo que a aura de esperança da *Belle Époque* se estendeu na cidade por toda a década de 1920.<sup>94</sup>

O desenvolvimento tecnológico, a presença cada vez mais constante da ação das máquinas na vida cotidiana e a facilidade do consumo de bens industrializados eram marcas das mudanças. O desabrochar do mundo moderno também estava diretamente relacionado ao desenvolvimento da ciência. A crença cega na ciência e na tecnologia fez com que uma ampla camada da sociedade ocidental do século XIX acreditasse que a humanidade estaria inserida numa marcha progressiva rumo à civilização. O progresso, palavra obrigatória no vocabulário do homem moderno, aparecia como o único caminho a se seguir rumo ao ideal de nação civilizada.<sup>95</sup> No entanto, essa modernidade não pode ser apenas identificada por meio do mesmo sentimento de euforia do progresso, pois ao mesmo tempo em que se vivia o entusiasmo trazido pela tecnologia, existia uma enorme inquietação da sociedade: a vida moderna era cheia de incertezas sobre os seus valores e tradições.<sup>96</sup>

A evolução da técnica e a rapidez com que os novos inventos entravam na vida cotidiana fascinava e até assustava muitos contemporâneos. Por um lado, exaltava-se a capacidade criativa do homem, sua habilidade de domesticar a natureza, domando-a e convertendo-a em matéria-prima e em recursos a serem explorados.<sup>97</sup> Por outro lado, a rapidez das transformações fragilizava o indivíduo, que se via em meio às inconstâncias de um mundo em permanente estado de mutação. Muitas eram as mudanças trazidas pela técnica e poucos eram os questionadores das suas origens, como demonstrava Garibaldi Dantas, numa crônica sobre a chegada do cinema falado em Natal:

---

<sup>93</sup> WEBER, Eugen. *França: fin-de-siècle*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

<sup>94</sup> SANTOS, Tarcisio Gurgel dos. *Belle Époque na esquina*: O que passou na República das Letras Potiguaras.

<sup>95</sup> Sobre as mudanças sociais e econômicas ocorridas na Europa na virada do século XIX para o século XX ver: HOBBSAWM, Eric J. *A era dos impérios: 1875-1914*. 8.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003. Para mais informações sobre as repercussões da nova estrutura econômica mundial no Brasil da *Belle Époque* ver: SEVCENKO, Nicolau *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*.

<sup>96</sup> BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar*: a aventura da modernidade. p. 15- 23.

<sup>97</sup> HARMAN, Francisco Foot. *Trem Fantasma*: A ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva.

Essa facilidade com que costumamos admitir as maiores revoluções científicas é o reflexo da fé quase pragmática nas possibilidades realizadoras do homem. Os inventos aparecem por aí, com tanta rapidez, com tantos aperfeiçoamentos, que a maioria da humanidade nem sabe os esforços que eles quase sempre custam as mil tentativas fracassadas, os descorajamentos, as decepções.<sup>98</sup>

Ser moderno era muito mais do que possuir o domínio da técnica e das mais recentes tecnologias. O cenário de mudanças no espaço público e na rotina doméstica atingiu o homem citadino europeu numa velocidade nunca vista. Quem ficava à margem dos grandes centros também sentiu, ainda que de maneira menos intensa, o sopro das novidades. A vida no campo precisou aumentar a produção para alimentar as bocas que se multiplicavam nas metrópoles; a tecnologia chegava também ao campo, apesar dos ritmos e valores campestres não se alterarem significativamente.<sup>99</sup>

As cidades brasileiras experimentaram um ritmo de mudanças um pouco diferente do adotado pelas metrópoles européias. O ser moderno no Brasil ligava-se ao desejo de se afastar do passado colonial, escravocrata, que pouco se relacionava com os novos ideais de civilidade que se difundiam a partir da Europa. Portanto, muitas vezes, o que verdadeiramente importava era o *parecer* moderno. O distanciamento dos costumes provincianos também fazia parte dessa negativa do passado, afinal, os valores de modernidade adotados pelas elites eram essencialmente urbanos. O próprio sistema de produção rural em nada condizia com a lógica moderna do liberalismo econômico. Enquanto que na Europa os capitalistas calculavam seus lucros a partir do melhor tempo e rendimento, no Brasil, o processo de produção agrícola ainda era majoritariamente escravista, muito mais lento e dispendioso do que o sistema assalariado.<sup>100</sup>

Essa vontade de negar o passado escravista e os valores monárquicos relacionava-se fortemente com a implantação do regime republicano no país. Negar as ideologias monárquicas era, ao mesmo tempo, construir uma ideologia nova, travando-se “uma batalha em torno do novo

<sup>98</sup> DANTAS, Garibaldi. O cinema falado. *A Republica*, Natal, 26 fev. 1929.

<sup>99</sup> As diferenças de valores e ritmos de vida no mundo rural e no mundo urbano na França do século XIX foram amplamente comentadas na literatura francesa desse período. Dentre os autores que propuseram essa discussão encontramos Flaubert e Balzac. Ver: BALZAC, Honoré de. *O pai Goriot*. São Paulo: Martin Claret, 2004. FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

<sup>100</sup> Em *Aos vencedores as batatas* Schwarz revela através da literatura romântica toda a ambigüidade da vida urbana num Brasil escravista que desejava participar da era do capital. SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. 34. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2000. p. 15-31.

regime, cuja finalidade era atingir o imaginário popular para recriá-lo dentro dos valores republicanos.”<sup>101</sup>

Apesar de muitos ideais das elites se projetarem em possíveis ações futuras, pequenas mudanças já se mostravam significativas, assim como era significativo para as elites vigentes o contínuo investimento em ações públicas e privadas sobre o espaço da cidade. Transformar a cidade conforme o ideal de civilidade buscado pelas elites locais implicava em mudanças estruturais que exigiam altos recursos do Estado, que muitas vezes não podia arcar com os custos. Mas a entrada da cidade do Natal no padrão de civilização exigido pelas elites não envolvia apenas questões materiais. A população não poderia estar presa a hábitos vistos pela elites como arcaicos, anti-higiênicos ou imorais. Portanto, era preciso enquadrar a população natalense dentro dos padrões de civilidade adotados pelos grupos de elite.

Referindo-se à afirmação dos novos espaços das elites, mais precisamente ao que concerne ao então recém-inaugurado bairro de Cidade Nova, Raimundo Arrais aponta a necessidade que a nova Natal (tal como era concebida pelas projeções das elites) tinha de se distinguir da velha (que representava o oposto da cidade desejada por esse grupo) para, a partir dessa distinção, poder se afirmar como uma *nova* Natal. De modo que a cidade antiga era uma construção da cidade nova..<sup>102</sup> O novo se materializava a partir dos planos e idéias traçadas pela elites. Segundo Pesavento, a cidade renovada se apropriava de “representações construídas em outro contexto, e seus novos detentores estabelecem aproximações, limites equivalências. A apropriação é seletiva e constitui a resposta a uma forma de consumo e de estratégia de viver.”<sup>103</sup> Em suma, a construção da cidade desejada era materializada nas ruas largas da Cidade Nova. A própria adoção de um modelo identitário a ser seguido, o modelo parisiense ou carioca, constitui um real, “onde o efeito simbólico se sobrepõe sobre a realidade e onde o parecer tem o efeito do ser.”<sup>104</sup> Deste modo, para se adaptar a uma nova matriz identitária, era necessário afastar a cidade de tudo que lembrasse a realidade colonial. Dessa forma, as elites que constroem o modelo da *nova* cidade moderna, além de tentar implementar novas práticas urbanas, procuravam afastar-se das velhas práticas populares, fortemente vinculadas a um passado colonial.

---

<sup>101</sup> CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da república no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 10.

<sup>102</sup> ARRAIS, Raimundo. Estudo introdutório. In: CASCUDO, Câmara. *Crônicas de origem: a cidade de Natal nas crônicas cascudianas dos anos 20*. Natal:EDUFRN, 2005. p.18

<sup>103</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões do urbano: paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. p.23

<sup>104</sup> Idem, p. 25.

O momento de ruptura na política e nos modos de produção que movimentavam a economia do país contribuiu para a crise de identidade que abateu a elite nacional nos primeiros anos da República. Nesse momento de crise, as elites voltam os seus olhares, mais uma vez, para o além-mar na busca de um modelo estrangeiro que suprisse as carências de uma identidade brasileira. Já que as novas identidades são espelhadas em padrões europeus, não haveria razões para se conceber uma cidade que não correspondesse à nova identidade nacional, muito mais européia e civilizada. Assim, a cidade nova que surgia renomeava, desqualificava e apagava as memórias da velha.<sup>105</sup>

A necessidade das elites de afirmar o novo pode ser notada em vários aspectos na cidade de Natal. A criação de clubes e instituições formais esportivas são exemplos de como as elites se articularam nesse período para a criação de espaços exclusivos na cidade *nova*, que se distinguíssem dos espaços populares, diferentemente da *velha* Natal, onde as práticas de elite e as práticas populares não se distinguiam muito. Na década de 1940, Câmara Cascudo, contemporâneo das transformações dos costumes, com seu saudosismo típico, pôs-se a escrever sobre as antigas formas de sociabilidade natalenses, apontando a diversidade de divertimentos previstos pela regulamentação fiscal do ano de 1830. Na opinião de Cascudo,

Os divertimentos eram mais abundantes e mais vantajosos que os modernos. Revirem o número dos brinquedos para gente grande, farsas de máscaras, comédias, cavalhadas, danças de corda, painéis circulados de fogo artificial, contradança, bailes, presépios e fandangos.<sup>106</sup>

As brincadeiras e festejos mencionados tinham lugar nos espaços públicos da cidade. As apresentações, danças e jogos geralmente serviam de atrativos às festas religiosas. Em festejos públicos, como as festas da Igreja Católica, as manifestações populares se confundiam com as das elites, não havia uma fronteira sólida que os separasse.

---

<sup>105</sup> SANDRA, Jatahy Pesavento. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano*: Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

<sup>106</sup> CASCUDO, Câmara Luíz da. *História da cidade do Natal*. p.294.

A idéia das elites locais era de que a criação de novos espaços de convívio dentro da cidade levasse Natal a se transformar numa cidade moderna, segundo o ideal buscado por essas elites, que sonhavam fazer da cidade um espelho da Capital Federal. Era preciso então que houvesse a criação e a consolidação de espaços destinados às práticas que correspondiam a esses ideais. Na tentativa de delimitar os ambientes destinados às práticas sociais convenientes a uma cidade moderna, nos moldes desejados pelas elites do início do século XX, as elites natalenses estabeleceram em seus discursos o que seriam e o que não seriam as práticas e os espaços “civilizados”. Esses discursos das elites acabaram se materializando nas ações reformadoras mencionadas anteriormente, e dessa forma acabaram transformando, de uma maneira ou de outra, o espaço físico da cidade.

Por meio das práticas sociais de uma elite que viveu no início do século, podemos perceber como ela transformou o espaço da cidade e criou, ou tentou criar, uma geografia própria da cidade, condizente com suas aspirações e ideais de transformar Natal em uma capital moderna. Dessa forma, os sujeitos históricos, no caso as elites natalenses da primeira década do século XX, criaram uma valorização subjetiva do espaço.<sup>107</sup> Essa valorização, que representava os ideais das elites, difundidos nos discursos vinculados aos jornais, em grande medida legitimam e apóiam a valorização desses espaços por ela idealizados. As transformações espaciais sofridas pela cidade são a materialização desses projetos.

A criação de regras de acesso, circulação e normas de condutas nos espaços da cidade era uma maneira sutil de distinguir socialmente os ambientes de convívio. Para exercer esse poder normatizador sobre os espaços, as elites valiam-se de instituições e agentes que agiam a seu favor, como a polícia, o médico, o engenheiro, enfim uma gama de profissionais que justificavam as ações e interesses das elites sobre os espaços da cidade.

Esses agentes estavam integrados à política social adotada pelos governos republicanos em favor das novas ordens sociais que se buscava implementar nas cidades brasileiras durante a Primeira República. Esses novos olhares e novos usos da cidade construíam a distinção entre nova e velha. A nova cidade era agora objeto das intervenções da medicina dos higienistas, que defendiam a necessidade de ordenar os espaços urbanos em favor da saúde pública, como o controle de epidemias, o aterro de alagados e a monitoração de lugares considerados insalubres.

---

<sup>107</sup> MORAES, Antonio Carlos Robert. *Ideologias geográficas*.

Os urbanistas, ao construírem jardins, ao alargarem avenidas e ao projetarem novos bairros, enfim ao intervirem no espaço público, também partiam do pressuposto que o faziam em nome do bem comum.<sup>108</sup>

O “bem comum” defendido pelos novos agentes atuantes na cidade não era pensado como o bem-estar de toda a população. Essas intervenções realizadas na cidade partiam de um grupo social específico. Eram as elites que tentavam criar na cidade seus espaços de convívio. Os discursos médicos e a racionalidade do urbanista justificaram e deram suporte às novas normas e aos novos usos dos espaços públicos. As elites tentavam criar seu espaço dentro da cidade e legitimá-lo.

Os espaços de elite representam nesse período não mais os espaços que remetem às práticas coloniais. Agora a cidade tentava equiparar-se aos principais centros do país. Era preciso que os hábitos locais se engrenassem também na mecânica da cidade moderna, onde os espaços das elites procuravam distinguir-se dos locais das práticas populares. Ao tentar legitimar os seus novos hábitos, as elites estava também deslegitimando as outras práticas. A *velha cidade*, mais uma vez, fazia parte do projeto de criação de um novo ideal urbano. Para legitimar o novo era preciso negar o seu oposto: a *cidade velha*, de hábitos supersticiosos e arcaicos. A mudança de hábitos, no entanto, não ocorreu da noite para o dia. Por mais que Natal tentasse se posicionar como cidade moderna e tentasse absorver as idéias de civilidade e progresso vindas da Europa, obedecia a uma temporalidade diferente do Velho Mundo, e mesmo da Capital Federal. Em fins do século XIX e na primeira década do século XX, enquanto esse processo de modernização da cidade ganhava força e entusiasmo por parte das elites natalenses, estas mesmas elites ainda se deleitavam com práticas coloniais, como a brincadeira do entrudo, os fandangos, paus-de-sebo e pastoris.<sup>109</sup>

Numa mesma cidade, hábitos arcaicos e novas práticas encontravam-se e conviviam. As mudanças técnicas implementadas na cidade não implicavam uma imediata transformação dos usos dos seus espaços. As ambigüidades do mundo moderno estavam nessa multiplicidade de

---

<sup>108</sup> PECHMAN, Robert Moses. O urbano fora do lugar? Transferências e traduções das idéias urbanísticas nos anos 20. In: RIBEIRO, Luiz César de Queiroz; PECHMAN, Robert Moses (Org.). *Cidade, povo e nação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

<sup>109</sup> Um olhar mais demorado da transição das práticas populares para as das elites em Natal, pode ser encontrado em: MARINHO, Márcia Maria F. *Novos espaços, Novas Diversões: Lazer e convívio numa Natal moderna (1982-1914)*. 2005. Monografia (História) Universidade Federal do Rio Grande do Norte. [2005].

usos e práticas de diferentes temporalidades que passavam a marcar o cotidiano das pessoas e também o espaço urbano. Em Natal, somente quando os conceitos de civilidade e modernidade passaram a corresponder mais veementemente à dinâmica da vida cotidiana das elites locais é que se enrijecem as medidas, adotadas por esse grupo, na tentativa de delimitar os espaços destinados às práticas sociais convenientes ao ideal de uma cidade moderna.

Para estabelecer os moldes da cidade moderna, desejados pelas elites do início do século XX, estabeleceram-se em seus discursos o que seriam e o que não seriam as práticas e os espaços “civilizados”. Um bom exemplo desse apelo se encontra em um reclame publicitário publicado no jornal *A Republica*, no ano de 1916. As letras em negrito anunciavam: “Natal Civiliza-se”. Chamando a atenção de todos a partir desse *slogan*, o texto iniciava uma descrição em uma linguagem científica sobre os benefícios da ingestão do *chopp*, finalizando com um anúncio público das intenções do proprietário que, iam muito aquém da usura. Seu desejo seria trazer o progresso à cidade de Natal, ajudando-a na difícil tarefa de igualá-la aos estritos padrões de civilidade dos grandes centros do país: “O proprietário do American Bar só tem em fito impulsionar o progresso desta hospitaleira Natal, terra de boníssima gente, que não queremos enriquecer do dia para a noite e sim corresponder ao desejo de uma população que tenciona igualar-se às mais civilizadas do paiz.”<sup>110</sup>

Os espaços civilizados traduzem a preocupação de um grupo em ordenar os lugares da cidade normatizando seus usos. Dessa forma, esse grupo cria especificidades no espaço urbano, como ranhuras desenhadas pelos usuários da cidade. As ranhuras, as marcas que se constroem na cidade, são traduzidas no discurso de Deleuze como estrias que riscam o espaço liso, uniforme. Em sua fala, a cidade aparece como o oposto do mar, que esconde estrias na sua uniformidade. Ou seja, por mais que a cidade já nasça estriada, construída por diferentes interesses e usos dos espaços, ela gera unidades de sentido, de uso, criando a partir das suas estrias espaços lisos.<sup>111</sup>

Os espaços civilizados, portanto, implicam na adoção de um modelo específico. Eles deveriam responder às necessidades do estilo de vida moderno, adotado pelos habitantes dos maiores centros urbanos. Esse estilo se baseia na cultura da rapidez, da velocidade, do consumo, da técnica, das vidas cronometradas, obedientes ao tic-tac dos relógios, constituindo padrões de

<sup>110</sup> SOLICITADAS. *A Republica*, Natal, 3 jul. 1916.

<sup>111</sup> DELEUZE, Gilles. O liso e o estriado. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 5. São Paulo: editora 34, 1997. p. 179-200.

sociabilidade muito distintos dos padrões rurais. As mudanças bruscas nas formas de viver dentro das grandes metrópoles motivou alguns escritores mais sensíveis a pensar sobre a sociedade.

Nutrido-se de idéias da recém-surgida psicologia e apoiando-se em conceitos vindos da biologia, os estudiosos da sociedade no século XIX entendiam a sociedade como um organismo vivo. A metáfora do “organismo” reflete mais uma vez a confiança na precisão científica. A sociedade era assim entendida como algo funcional, que tomava a forma de um fluxo incessante de “indivíduos ligados uns aos outros pela influência mútua que [exerciam] entre si”.<sup>112</sup> O pensamento funcionalista não afetou somente à sociologia. Como já foi mencionado anteriormente, o pensamento estrutural baseado na biologia influenciava também arquitetos e urbanistas nas suas concepções de cidade. Seguindo esse olhar funcionalista sobre a cidade, a sociedade corresponde ao fluxo que dá vida às ruas, que nutre as instituições, e dá continuidade ao sistema.

A sociedade natalense, no entanto, não era formada por uma massa homogênea. A cidade moderna, cosmopolita, seria por excelência um termômetro da diversidade social. Muitos grupos agiam sobre o tecido urbano, movidos por diferentes interesses, paixões, crenças. A própria elite em si não era um grupo homogêneo. Era formada, o que convencionamos chamar de elite, por indivíduos de diferentes concepções políticas, profissões e gênero. Esse caráter múltiplo da sociedade nos leva a pensar a cidade como o lugar de concentração das diversas concepções, interpretações e usos do espaço.

Nos primeiros anos da República, as elites natalenses redefiniam as suas práticas. E como conseqüência, as condutas e usos do espaço público foram por ela resignificados. Aos poucos, esse grupo, através de suas regras de compostura e vestimenta, conseguem desenhar dentro da cidade os seus espaços exclusivos, repletos de significados. A sociabilidade das elites marcava modos singulares de usar a cidade, segundo novos compassos, o que nesse particular momento tentou-se impor como regra a ser seguida. Essa postura, para os gestores municipais, era considerada correta. Era o modelo de cidade civilizada que deveria ser seguido. A polícia, grande aliada da ordem pública que se buscava impor, exerce também a função pedagógica de educar a população, impondo limites e defendendo o decoro e a moral pública. Nos regulamentos de segurança pública de 1927, estão explicitadas algumas dessas funções:

---

<sup>112</sup> SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 16.



Á auctoridade a quem competir o policiamento dos theatros, cinematographos, casas de diversões e espectaculos públicos (art. 263) além de outras attribuições que lhe confere o presente Regulamento, incube: não permitir a venda de ingressos em numero superior a lotação do teatro, cinematographo, casa de diversões ou de espectaculos públicos; não permitir que os actores façam gestos offensivos ao decoro publico; não consentir que, na porta, escadas e corredores da casa de espectaculos haja aglomerações que difficutem a entrada ou sahida dos espectadores.<sup>113</sup>

Por mais arbitrárias que fossem as decisões do governo ou dos urbanistas, ao projetarem e executarem as mudanças físicas na cidade, elas não estariam isentas de resignificações por aqueles que consumiam esses espaços. Michel de Certeau ajuda-nos a entender que a elite, ao racionalizar as suas práticas, cria de maneira estratégica uma distinção de um certo ‘ambiente’, “um lugar do poder e do querer próprios”.<sup>114</sup> Contudo, os grupos sociais não eram apenas os sujeitos passivos dos ideais reformadores da elite. A população da cidade de Natal receberia os ideais de cidade moderna apresentados pelo grupo produtor, a elite, de modo que o que buscamos frisar aqui é que nem sempre os sentidos sobre os espaços da cidade seriam consumidos segundo a lógica pensada inicialmente.<sup>115</sup>

Na intenção de aplicar aos novos e velhos espaços da cidade os sentidos desejados por aqueles que trabalham na reordenação da cidade no início do século XX, foi travada uma luta na qual as elites procuravam impor uma definição das práticas e condutas próprias de uma capital moderna e civilizada, a começar pela maior obra pública realizada pelo governo estadual nos primeiros anos da república: o Teatro Carlos Gomes.

### **3.2 Teatro Carlos Gomes: redentor da civilização**

O Teatro Carlos Gomes não foi o primeiro teatro da cidade. De acordo com Cascudo, os primeiros teatros de Natal datam de meados dos anos de 1840, mas eram construções precárias

---

<sup>113</sup> REGULAMENTO do departamento de segurança pública do Rio Grande do Norte. Art. 268. Natal, 1927.

<sup>114</sup> CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 99.

<sup>115</sup> Ibid. 94.

feitas de palha que facilmente sucumbiam ao fogo ou às fortes enxurradas. Galpões alugados na Ribeira também serviram de palco para os grupos amadores e trupes profissionais que aportavam de passagem pela cidade.<sup>116</sup> A precariedade das construções mostra a apertada condição financeira da província do Rio Grande do Norte durante o período monárquico. Não que a República tenha trazido fortuna ao Estado, pois a economia do Rio Grande do Norte continuava sendo movida pelas parcas fazendas açucareiras e pelo imposto do sal. Somente na segunda metade da década de 1910, em virtude do aumento da demanda da indústria nacional, pode-se notar uma nítida ascensão do algodão, que se tornou a maior fonte de arrecadação do Estado.<sup>117</sup> O que se passa é que com a República, a administração do Estado tomou para si a responsabilidade de transformar a capital de fato na cidade mais importante do Estado. E a injeção de dinheiro público foi fundamental para tornar possível a construção de espaços propícios aos ritos e ritmos de uma cidade que sonhava com o progresso. A capital, nesse contexto, não seria “apenas o *locus* de uma nova civilidade forjada à européia, mas, no contexto latino-americano, um elemento central para criar a modernidade, estendê-la e reproduzi-la”.<sup>118</sup>

Mesmo contando com os improvisados galpões, as elites ressentiam-se de um espaço adequado para abrigar os discursos políticos, as conferências dos ilustrados, e sobretudo as apresentações das companhias artísticas. A idéia de construir um teatro na cidade era já antiga. Em 1897, um ano antes do início das obras de construção do Teatro Carlos Gomes, comentando as desoladas tentativas de construção de um teatro, o redator d’*A Republica* lamentava:

Não temos meios vantajossimo de diversões para o espírito, escola de educação social e moral – quando bem compreendido- todos reconhecem a necessidade, pois que hoje o teatro é uma necessidade; mas, para a execução, logo surge mil obstáculos. (...) lamentamos diariamente a absoluta falta das mais simples diversões; sujeitando nos a passar algumas horas asphixiados em armazéns de

---

<sup>116</sup> Sobre os teatros existentes na cidade durante o século XIX ver: CASCUDO, Luís da Câmara. *História da cidade do Natal*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980; OTHON, Sônia Maria de Oliveira. *Dramaturgia na cidade dos reis magos*. Natal: Edufrn, 1998.

<sup>117</sup> Informações detalhadas sobre a cultura da cana-de-açúcar, do algodão e exploração do sal no Rio Grande do Norte novecentista podem ser encontradas em: SOUZA, Itamar de. *A República Velha no Rio-Grande do Norte: 1889-1939*. Natal: Senado federal centro gráfico, 1989; TAKEYA, Denise Monteiro. *Um Outro Nordeste: o algodão na economia do Rio Grande do Norte (1880-1915)*.

<sup>118</sup> FERREIRA, Angela Lúcia; DANTAS, George. Os indesejáveis na cidade. In: \_\_\_\_\_. (Org.) *Surge et ambula: a construção de uma cidade moderna Natal*. p. 55.

assucar onde algum pequeno grupo artístico mais corajoso ou mais necessitado sujeita-se também a trabalhar.<sup>119</sup>

Como se vê, o teatro era mais do que apenas um prédio destinado às artes cênicas. Era um símbolo da civilização. Para a sociedade contemporânea, o teatro assumia um papel didático importantíssimo, era um bem necessário, grande responsável pela difusão do modelo de civilidade. Nas palavras de Raimundo Arrais, o teatro agia na cidade como um “poderoso instrumento nessa tarefa de regenerar a sociedade, a partir de uma pedagogia que forjava uma sensibilidade, por meio da música e das artes cênicas”.<sup>120</sup>



Teatro Carlos Gomes<sup>121</sup>

Podemos perceber o valor atribuído ao Teatro Carlos Gomes pelos grupos interessados na modernização da cidade. Sua construção iniciou-se em 1898 no governo de Ferreira Chaves, atravessou o mandato de Alberto Maranhão, tendo ocorrido a sua pomposa inauguração no ano

<sup>119</sup> THEATRO. *A Republica*, Natal, 11 maio 1897.

<sup>120</sup> ARRAIS, Raimundo. O mundo avança!: os caminhos do Progresso na cidade do Natal no início do século XX. In: BUENO, Almir (Org.). *Revisitando a história do Rio Grande do Norte*. Natal: EDUFERN, 2007, p. 05. (No prelo).

<sup>121</sup> ACERVO Iconográfico do Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Norte. [s.n.]

de 1904, dois dias antes que Augusto Tavares de Lyra assumisse o governo. Com a festa inaugural intitulada *Grande festival de Caridade*, pretendia-se arrecadar vestimentas e dinheiro destinados às vítimas da seca que estavam instaladas na cidade. Estiveram diretamente envolvidos na montagem do espetáculo o dramaturgo Segundo Wanderley e Henrique Castriciano, autor dos versos de *A Promessa* que, segundo o redator do jornal *A Republica*, foram, na noite inaugural, encenados “por creanças das nossas principais famílias.” O jornal fez uma especial menção à concorrência do teatro, que teria sido “selecta e numerosa, havendo enchente geral nas cadeiras e camarotes, onde estavam presentes as principais famílias da sociedade natalense.”<sup>122</sup> Até a inauguração do teatro, os natalenses que desejassem assistir a grandes companhias artísticas nacionais e estrangeiras, deveriam deslocar-se até o Recife, sendo o Teatro de Santa Isabel a referência mais próxima de uma elegante e luxuosa casa teatral. Dessa forma, o Carlos Gomes veio responder aos anseios das elites por um teatro capaz de receber companhias de maior porte, e conseqüentemente, de maior prestígio.<sup>123</sup>

A importância do teatro para sociedade natalense no despontar do século XX não foi questionada pelos contemporâneos. Portanto, não existia uma real oposição à construção desse redentor da civilização local. É verdade que algumas acusações às obras partiram da oposição, apontando, sob a forma de picuinhas políticas, desvio de verba, nepotismo e paternalismos. A língua sempre afiada do *Diário do Natal* não deixou de criticar nem a localização do prédio, argumentando que a edificação do teatro não poderia ser sólida, por ter sido construída em área aterrada:

O desastre do Theatro começou desde a escolha do terreno em que está edificado, - deixando-se tantos lugares adaptados, próprios, magníficos mesmo, para collocação de um prédio desta natureza para vir-se planta-lo no meio do pântano, abaixo do nível da face do solo em que está. (...)  
Ainda agora só um gazometro de acetylene feito pelo genro do irmão do governador do Estado, custou aos cofres públicos vinte contos de reis!<sup>124</sup>

<sup>122</sup> TEATRO Carlos Gomes. *A Republica*, Natal, 26 maio 1904.

<sup>123</sup> Sobre o teatro de Santa Isabel ver: ARRAIS, Isabel Condessa. *Teatro de Santa Isabel*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2000.

<sup>124</sup> O THEATRO. *Diário do Natal*, Natal, 20 mar. 1904.

O Teatro, que em pouco tempo tornou-se orgulho da cidade, seis anos depois de inaugurado passou por uma reforma, de grande porte, na qual sua fachada foi totalmente reconstruída. Tamanha reforma só foi possível graças aos empréstimos no estrangeiro e ao exaustivo empenho do então governador Alberto Maranhão. Na mensagem do governo de 1911, os gastos com a edificação e reedificação completa, onde funcionava o Teatro Carlos Gomes, eram estimados em 600:000\$000, quase a metade do total dos gastos do governo com as obras públicas, feitas a partir dos recursos vindos do empréstimo.<sup>125</sup> Quando re-inaugurado, em junho de 1912, o Teatro Carlos Gomes orgulhava as elites locais, que tinha no teatro um espaço privilegiado de sociabilidade. Dentro do luxuoso edifício, as elegantes senhoras e senhoritas poderiam exhibir seus trajes dos camarotes ou das cadeiras, longe dos incômodos do incivilizado “zé-povinho”, ao som da Companhia Lyrica Paulo Lopez, que foram então vistos com maior nitidez, devido ao novo sistema de iluminação elétrica do prédio.<sup>126</sup>

O Teatro Carlos Gomes estaria pronto para responder às necessidades das elites. Nos seus palcos passaram muitas trupes, companhias artísticas, ocorreram exhibições de circo e até de fitas de cinema. No início de 1922, dez anos após a reabertura da casa, o artista Renné Florigny lá apresentou-se com sucesso:

O Theatro Carlos Gomes teve na noite de sabbado ultimo uma assistência escolhida. Lá estavam o governador do Estado e as pessoas mais representativas da nossa sociedade. Alguns logares vazios marcavam a desconfiança de mais uma decepção no numero de tantas outras infligidas ao publico por artistas vulgares, aqui apresentado pelo reclamo desonesto como notabilidade.<sup>127</sup>

A descrição do jornal nos permite perceber que o teatro Carlos Gomes tinha de recuperar a confiança do público pois, como se vê na nota acima, o Teatro recebia também apresentações que desagradavam pela sua suposta “vulgaridade”, tornando a ida ao teatro uma experiência desprazerosa para muitos natalenses. O teatro que deveria civilizar, também poderia corromper. A ameaça da corrupção era sentida pelos contemporâneos quando esses se deparavam com os chamados “artistas vulgares”, muitos deles vindos do mundo dos circos de variedades. Os

<sup>125</sup> MARANHÃO, Alberto. Proprios estaduaes. *Mensagem do Governo*, 1911. p. 23; MARANHÃO, Alberto. Empréstimo externo de 1910. *Mensagem do Governo*, 1912.

<sup>126</sup> THEATRO Carlos Gomes. *A República*, Natal, 19 jun. 1912.

<sup>127</sup> RENNÉE Florigny. *A República*, Natal, 31 jan. 1922.

anúncios dos espetáculos, impressos em letras grandes e muitas vezes acompanhado de fotos e gravuras, agiam rápido, enchendo o público de curiosidade, atraindo-o a cada exibição. Para o autor do artigo, os reclames agiam de má-fé, encaminhando o público para o mundo das vulgaridades. Para a felicidade do jornalista, não foi essa a realidade encontrada pelas damas e cavalheiros que se dirigiram ao teatro naquele sábado de janeiro de 1922. A presença dos mais estimados membros da sociedade e o sucesso da apresentação do artista era sinal de que apesar dos maus usos, ainda poder-se-ia esperar que o teatro exercesse a sua maior função: a de educar os sentidos artísticos e sociais dos indivíduos. O teatro e as artes em geral assumiram um condecorado papel na cultura burguesa européia de educar as sensibilidades, moldar os gostos e conter os instintos. Tendo em vista a valorosa função exercida pelas artes, na conhecida Era Vitoriana, parece obvio a atenção dada a elas nas escolas e na educação privada de moças e rapazes. O sentido “apurado” para arte mais do que uma questão de gosto nato era um mérito da educação.<sup>128</sup>

### **3.3 Distinção e educação: os primeiros passos da elites natalenses**

Além do teatro, outras edificações da cidade tinham o poder de simbolizar valores estimados pela elites natalenses. Esses prédios abrigavam as instituições formais das elites, como o *Atheneu Norte-Rio-grandense*, o *Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, a *Escola Doméstica de Natal*, o *Natal-Club*, o *Club de Tiro de Guerra de Natal*, o *Natal Sport Club*, entre outros. As instituições formais das elites tinham um papel decisivo ao que se refere à formação e estruturação das elites da cidade moderna, pois são elas encarregadas de instruir intelectualmente e socialmente os jovens membros das elites.

As instituições das elites natalenses refletiam uma tendência na qual a capital nacional era sempre tomada como referência. Jeffrey Needel estudou as elites carioca no período da passagem do século XIX ao século XX, buscando entender como as elites urbanas cariocas se formavam e como elas se transformara na passagem do Império para a República. Avaliando essas

---

<sup>128</sup> GAY, Peter . *O Século de Schnitzler: a formação da cultura da classe média: 1815-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002; GAY, Peter. *A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud: educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

instituições, Needell analisou tanto a formação das elites como a reprodução dos seus ideais, tratando-os como indivíduos que partilhavam da mesma visão de mundo. O caso de Natal não se diferencia de todo do carioca. Apesar das instituições formais de Natal ainda estarem se consolidando nas duas primeiras décadas do século XX, a idéia de convívio adotada nesses espaços era semelhante à que vigorava no Rio. Nessas instituições, a circulação não era apenas de idéias, eram os lugares em que as elites se encontravam, onde os seus jovens membros se formavam, onde suas idéias eram divididas, as amizades eram seladas, enfim eram espaços de plena sociabilidade.<sup>129</sup>

Estudar as instituições das elites natalenses ajuda-nos a reconhecer as fisionomias dessas elites, a descobrir como e quem a formava, a começar pela instrução indispensável a todo jovem membro da elite: o ensino secundário. As escolas secundárias dariam continuidade aos esforços dos professores primários. Nesse sentido, o Atheneu Norte-Riograndense assumia posição de destaque, sendo a principal referência em educação secundária na cidade.

A escola era regida por um estatuto, que deveria ser prezado por estudantes e funcionários. No estatuto da escola, estava prevista a função a ser desempenhada por cada funcionário, o calendário letivo, as disciplinas ministradas e o papel dos alunos. No que diz respeito aos estudantes, era exigida “a maior gravidade dentro das Aulas, e toda civilidade e cortesia fóra das mesmas, quando reunidos os Estudantes, ou quando se encontrarem uns com os outros, ou com os Lentes do Atheneu.”<sup>130</sup> As punições deviam ser devidamente aplicadas pelo diretor, se esse “assim julgar ser de justiça”, e em casos de reincidência, o castigo era dado pela Congregação e dependendo da gravidade do caso, podendo resultar na expulsão do aluno.

Cumprindo as normas, exercitando o saber e prezando as noções de cortesia e civilidade, assim como constavam nos artigos do estatuto, passaram pelo Atheneu políticos, literatos, bacharéis. Enfim, todos os membros da elite que concluíam o secundário no Estado passavam pelos mestres do Atheneu antes de partirem do Rio Grande do Norte a fim de completarem seus estudos nas faculdades de Direito, Medicina ou Engenharia, nas faculdades da Bahia, Pernambuco ou mesmo no sul do país.

---

<sup>129</sup> NEEDLE, Jeffrey. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

<sup>130</sup> ESTATUTOS DO ATHENEU, 1835. In: CASCUDO, Luiz da Câmara. *Atheneu norte-riograndense*. Natal: coleção Juvenal Lamartine, 1961.

Os cuidados com a formação secundária feminina foram enfatizados com a fundação da Escola Doméstica de Natal, em 1914, idealizada por um grande entusiasta do progresso no Estado, Henrique Castriciano. A escola tinha por objetivo unir os conhecimentos científicos aos afazeres da casa. Neste sentido, as aulas ministradas de química, botânica, matemática e puericultura viriam dar suporte técnico aos afazeres rotineiros de uma casa burguesa, como a jardinagem, a culinária e o trato com as crianças. As professoras, muitas delas estrangeiras, também ensinavam as senhoritas a se comportarem em público e a falar com perfeição o francês, língua estrangeira tradicionalmente de preferência das elites brasileiras, para quem o seu domínio era por si só era um forte elemento de distinção social.<sup>131</sup>

A escola reflete a preocupação que a sociedade tinha em definir o papel da mulher no mundo moderno. A construção do novo modelo de feminilidade, no qual à mulher cabia o papel de esposa-dona-de-casa-mãe-de-família, foi fundamental na manutenção do modelo da família nuclear, inaugurado como modelo padrão no Brasil durante os primeiros anos da República. Era responsabilidade da mulher moderna a gerência familiar no núcleo do lar. A ela cabia toda a responsabilidade de manter a ordem na casa, de prover as necessidades do marido e o trato com a criança.<sup>132</sup>

A própria criança requeria cuidados diferentes, muito mais específicos. As novas descobertas da ciência, especificamente da microbiologia, provocaram consideráveis avanços nos saberes médicos. Os médicos, por sua vez, assumiram um papel educador na cidade moderna. Eles começavam a fazer parte, de modo mais incisivo, na vida familiar. O médico de família daria suporte às mães, orientando-as, prevenindo-as dos perigos invisíveis dos micróbios. A criança estava agora revestida de cuidados médicos e de atenção especial por parte da mãe. O ensino da puericultura na Escola Doméstica só confirma a adoção do novo papel social da criança.<sup>133</sup>

---

<sup>131</sup> Para um estudo mais detalhado sobre a Escola Doméstica ver: DIAS, Franknilda Márcia de Medeiros. *Da escola ao lar: a mulher na cidade de Natal (1915-1930)*. 2002, Natal, Monografia (História) Universidade Federal do Rio Grande do Norte. [2002].

<sup>132</sup> Sobre os valores e as regras sociais que conduziam a vida doméstica das famílias burguesas no século XIX e início do XX ver: PERROT, Michelle (Org.). *História da vida privada: da revolução francesa à primeira guerra*; DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Org.). *História das Mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamento, 1990. Para textos mais específicos sobre a realidade brasileira ver: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2002.

<sup>133</sup> RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 62-79.



Ao mesmo tempo em que o lar era definido como o território natural da mulher, a cidade moderna demandava a presença feminina nos seus inúmeros espaços de sociabilidade. Era responsabilidade das famílias e também das escolas instruir as moças a não faltar com os compromissos do lar, e ao mesmo tempo ensiná-las a comportar-se adequadamente nos teatros, clubes, cinemas, enfim nos espaços de sociabilidade onde sua presença era cabível.

Educar, moralizar e formar cidadãos patrióticos era sem dúvida o grande desafio dos professores natalenses. A educação é uma questão primordial do período. Afinal, era através da formação desses jovens que eram transmitidos grande parte dos valores das elites. As escolas, todavia, não foram os únicos espaços destinados às práticas escolares. Educar ultrapassava os portões da escola. Foram instituídos novos lugares e práticas destinadas à formação da criança.

O *Recreio Juvenil*, fundado em 1919, era um clube destinado ao mais jovens membros das elites. As crianças que desejassem possuir o “cartão ingresso” do Recreio Juvenil precisariam persuadir seus pais a pagar uma mensalidade de 500 réis. O professor Luís Soares, também responsável pelo grupo de Escoteiros do Alecrim, coordenava as atividades realizadas por aquela casa de diversão. A casa de recreio oferecia aos pequenos integrantes das elites “os mais modernos jogos são e lícitos”<sup>134</sup> e contava ainda com a projeção de vistas luminosas todas as quinta-feiras. A casa, que funcionava no bairro do Alecrim, oferecia diversões saudáveis e próprias para as crianças. Era, enfim, um lugar destinado às “diversões em Natal onde os jovens se divertirão sem o perigo do vício,”<sup>135</sup> longe das bebidas e fumos, cuja venda era proibida. A preocupação com os vícios era uma constante das cidades modernas. Varrer os perigos da cidade foi sem dúvida um desafio tomado por muitos homens na passagem do século XIX. “A cidade-vício é sem dúvida, um problema posto, onde tudo está para ser feito e reorientado numa nova direção, condizente com os princípios da moral, da estética, da higiene ou das exigências da técnica moderna.”<sup>136</sup>

Pensando também nos adultos, o *Recreio Juvenil* oferecia os serviços de um café. No *Café Familiar*, anexo ao prédio da casa de diversão juvenil, os adultos poderiam saborear guloseimas enquanto esperavam seus pequenos.

---

<sup>134</sup> UMA OPTIMA instituição no Rio Grande do Norte. *A Republica*, Natal, 1 ago. 1919.

<sup>135</sup> Ibid.

<sup>136</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões do urbano: paris*, Rio de Janeiro, Porto Alegre. p.39.

O *Recreio Juvenil* mais uma vez nos permite perceber que a cidade moderna reordenava os seus espaços. As elites construía assim os espaços destinados à criança dentro da cidade. Sempre sob a vigilância dos adultos, na tentativa de afastar essas crianças dos perigos da rua e dos vícios trazidos pelas más companhias. Essa criança da elite teria, no *Recreio Juvenil*, um espaço de sociabilidade no qual ela apreenderia valores e práticas da sua classe social, além de conviver com outras crianças, criando assim um ciclo de amizades pelo convívio.

### 3.4 Clubes e Cafés

Os espaços dos adultos na cidade também eram demarcados pelos estabelecimentos recreativos. Bares, bilhares e cafés funcionavam como ponto de encontro, um lugar para se passar o tempo, conhecer pessoas, fechar negócios, trocar informações, apreciar quitutes, falar da vida alheia e da própria. Por esses estabelecimentos, fossem eles modestos ou luxuosos, passavam cotidianamente amanuenses, políticos, boêmios e até famílias. Já no século XIX, ir ao café era um hábito corrente nos habitantes dos grandes centros da Europa. A implantação desses hábitos em Natal representaria, para os membros das elites locais, um avanço rumo aos padrões de elegância e modernidade que se julgavam necessários a uma capital moderna.<sup>137</sup>

No bairro da Ribeira, centro comercial da cidade, encontrava-se a maior concentração de bares, bilhares e cafés de Natal, especialmente na avenida Tavares de Lyra. Essa aglutinação de estabelecimentos recreativos na Ribeira seria mantida até mesmo nas décadas de 1910 e 1920, quando já se iniciava uma progressiva expansão da vida social da cidade em direção aos bairros de Tyrol e Petrópolis.

Aliados à diversão, surgiam cada vez com mais frequência anúncios de estabelecimentos recreativos, como o *Café Socialista*. Inaugurado em 1903, esse café visava à criação de um espaço de reunião que pudesse distrair a população da “vida bisonha que abate-a physica e moralmente”.<sup>138</sup> Os frequentadores dos clubes e bilhares eram normalmente rapazes, mas

---

<sup>137</sup> Sobre a vida dos cafés na Europa, em especial os de Londres e Paris, no século XIX ver: SENNET, Richard. *Carne e pedra*. São Paulo: Record, 2006. p. 277

<sup>138</sup> A REPUBLICA, Natal, 5 out. 1903.

homens mais velhos também eram ocasionais freqüentadores. Quanto às moças e senhoras, só entravam nesse tipo de estabelecimento nas noites de festas e bailes.

Essa rara presença das mulheres na vida social da cidade é tema de uma crônica de autoria de Henrique Castriciano, publicada nas páginas da *Gazeta do Commercio* em 1902. A crônica, intitulada *Crítica de costumes*, era uma alfinetada na sociedade natalense, que estava entrando no século XX ainda carregada de hábitos arcaicos, responsáveis, na opinião do autor, pela vida bisonha que se levava na capital do Estado, onde não havia ainda um teatro, raramente havia bailes, e tampouco a presença feminina nas ruas comerciais e praças da cidade.<sup>139</sup>

Sete anos depois, Natal já possuía um jardim público, um teatro e um famoso clube social, mas nem por isso os hábitos da sociedade haviam se alterado significativamente. Nesse ano de 1908, o mesmo cronista da crônica da *Gazeta do Commercio*, lançou mais uma crítica aos costumes da sociedade natalense. Desta vez, Henrique Castriciano responsabilizou a má educação dada às moças como o fator responsável dos hábitos excessivamente caseiros das mulheres de Natal. Segundo o autor, as moças eram influenciadas por uma rígida educação católica. Por isso estavam sempre aterrorizadas com a idéia de cometer algum pecado, preferindo se guardar em casa, “apreciando as ruas por detraz das rotulas”.<sup>140</sup>

A experiência de ter estudado num centro maior que Natal, além de ter visitado cidades que já vivenciavam a modernidade de forma intensa, produziram em Henrique Castriciano um desejo de ampliar os horizontes da vida social de Natal. Ele se ressentia da falta de envolvimento da população natalense com os espaços públicos da cidade, espaços que no início do século ainda eram destinados apenas à sociabilidade masculina e ao comércio, salvo durante os ritos religiosos que marcavam o calendário católico, quando era certa a presença feminina. Castriciano foi um sensível observador dessas ambigüidades que permeavam a vida social da cidade que, ao mesmo tempo em que ainda tentava se modernizar em 1908, obedecia a uma rotina social movida pelos ritos sagrados. As críticas feitas por Henrique Castriciano mostram, mais uma vez, que as mudanças dos costumes não seguem de imediato as mudanças estruturais.

Apenas no início da década de 1920, podemos perceber uma maior freqüência feminina nos cafés da cidade. Em 1928, imagens de muitas mulheres foram captadas pelas lentes dos

---

<sup>139</sup> CASTRICIANO, Henrique. Crítica de costumes. *Gazeta do Commercio*, Natal, 10 abr. 1902.

<sup>140</sup> A ESMO, *A Republica*, Natal, 19 fev. 1902

fotógrafos da revista *Cigarra*, enquanto elas freqüentavam clubes e cafés sem estarem necessariamente acompanhadas por seus maridos ou pais. Na literatura local, a imagem dessa mulher moderna, freqüentadora dos cafés, passeios públicos, apreciadora das partidas de futebol, impecavelmente sincronizada com a moda de Paris, e com os ritmos do tango e do jazz, pode ser encarnada na personagem Gizinha, protagonista do romance de Polycarpo Feitosa, escrito em 1930. A melindrosa Gizinha, e dona Regina, sua mãe, rompiam claramente com o estereótipo da mulher submissa do mundo patriarcal, apesar de não desprezarem os valores oitocentistas de família e religiosidade. A mulher moderna, representada na literatura por Gizinha, era uma construção baseada numa realidade vivida por essas novas mulheres que circulavam nas ruas de Natal, um tipo impreterivelmente urbano, apreciador das novidades e da vida mundana, que só os ares citadinos eram capazes de gerar.<sup>141</sup>



Reunião Social promovida pela Escola Doméstica de Natal<sup>142</sup>.

---

<sup>141</sup> FEITOSA, Polycarpo. *Gizinha*. 3 ed. Natal: A.S. Editores, 2003; VIANA, Helder. *O advento da mulher “moderna” na belle époque natalense*. Trabalho apresentado em *As várias faces da belle époque natalense*, Natal, 2008

<sup>142</sup> ACERVO do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Natal, 1927.

Na tentativa de melhor enxergar esse novo panorama urbano, repleto de novidades, e as agitações que movimentavam a Natal de 1926, o cronista Lucano utiliza-se da moderna psicologia. Na crônica intitulada *Psychologia da Avenida Tavares de Lyra*, as mudanças de hábitos foram sentidas, capturadas e expostas pelo cronista. Na Avenida Tavares de Lyra, a mais movimentada da cidade,

Enfileram-se, num continuo aspecto de solenmidade, os nossos poucos mais de cem automóveis, em disparidade com as carroças e vehiculos inferiores que tambem por ali transitam. Avenida de festa e de trabalho. Cortam-na ainda os bondes promiscuos, isso é, sem distinção de classes. Desfilam jornalistas e jornaleiros.

Senhoritas gentis fazem o seu costumado passeio pedestre, rapido, fugido, enquanto penetram a casa de modas ou verificam, de relance, o movimento do ancoradouro. E, enquanto enchem de graça as calçadas e avenidas, aias de toda feição também fazem, o seu "footing"... A avenida Taveres de Lyra é bem a avenida democrática<sup>143</sup>

A imagem da avenida, como descrita pelo cronista, sugere um misto de anacronismo e modernidade, representados pela carroça e aias que circulam pela rua e calçadas em meio ao intenso tráfego de automóveis, e de senhoritas que passeiam pelas calçadas. Os transeuntes objetivavam seus passos, não mais apreciando a paisagem, mas sim “verificando de relance” o movimento, para logo seguirem com seus passos apressados. A avenida era festa para uns e labor para outros e, assim como os bondes, ela seria democrática por abrigar dentro de si todas essas variedades. Essa mistura de passado e presente, algo que se dava até mesmo nas “linhas coloniais de seus edifícios,”<sup>144</sup> e a ansiedade em relação ao futuro, faziam da Tavares de Lyra o símbolo dos novos ritmos que alteraram o cotidiano dos natalenses.

As mudanças de costumes se davam à medida que se redefiniam novos sentidos para os espaços públicos. A rua, que no período colonial era espaço destinado ao trabalho e a ritos religiosos, passava por um processo de secularização. Essa cidade secular passou aos poucos a suprimir das ruas as populares manifestações de fé que, em Natal, passariam a se restringir às

<sup>143</sup> LUCANO. A psychologia da avenida Tavares de Lyra. *A Republica*, Natal, 24 jan. 1926.

<sup>144</sup> LUCANO. A psychologia da avenida Tavares de Lyra. *A Republica*, Natal, 24 jan. 1926.

igrejas, a algumas procissões e eventuais festas beneficentes, promovidas pelos clubes e quermesses na praça, organizadas por grupos de senhoras. O calendário das festas religiosas continuava sendo seguido por muitas famílias da cidade, mas ele deixou de ser a principal motivação das festas populares da cidade, que passaram a acontecer livremente, sem obedecer necessariamente ao calendário das festas religiosas.<sup>145</sup> Em outras palavras, buscava-se afastar das ruas qualquer imagem que afastasse Natal do padrão de civilidade que guiava as elites locais. A nova cidade secular, racional no uso dos espaços, pedia formas diferentes de sociabilidade. Os cafés, clubes e associações recreativas revelam a mudança de padrões e de hábitos em Natal. Inaugurava-se uma nova maneira de se relacionar com a cidade.<sup>146</sup>

Respondendo aos anseios de civilidade, os bilhares, clubes e cafés começaram a ocupar os espaços da cidade ainda no final do século XIX. Nos anos 20, o surto de cafés e associações era já impressionante. É difícil precisar quantos cafés e bares existiram na cidade durante essas três décadas estudadas. Num abrir e fechar de olhos, estabelecimentos recreativos abriam, mudavam de nome ou fechavam as portas. Os anúncios de jornal, comentários avulsos e até mesmo as páginas policiais foram as parcas testemunhas da existência desses espaços de convivência rotineira. Através desses minguidos testemunhos, conseguimos construir parcialmente as feições desses estabelecimentos e as atividades desenvolvidas neles.

*A Potyguarania* foi o café mais representativo do *fin-de-siècle* em Natal. Seus salões eram já ponto de encontro de velhos e moços desde o século XIX. Durante o carnaval estava sempre bem ornamentado, iluminado, fazendo-se parada obrigatória dos foliões que desejassem brincar os festejos do Rei Momo na Cidade Alta.<sup>147</sup>

Os investimentos não se davam apenas em período de festa. Sempre atentos às novidades, os proprietários exibiam orgulhosos os resultados da reforma pela qual passara *A Potyguarania*, em 1897:

---

<sup>145</sup> Muitas das festas populares do século XIX eram vinculadas ao calendário católico, dentre esses festejos estavam as lapinhas ou pastoris e as brincadeiras de São João, muito populares ainda no início do século XX. Para maiores detalhes sobre as brincadeiras populares da Natal do século XIX ver: CASCUDO, Luiz da Câmara. *História da cidade do Natal*. p. 110-120.

<sup>146</sup> Sobre a secularização dos espaços públicos na cidade de Recife, centro urbano regional que exercia forte influência sobre Natal, e a construção de imagens da cidade no século XIX, ver: ARRAIS, Raimundo. *O pântano e o riacho: a formação do espaço público no Recife do século XIX*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004. p. 504-514.

<sup>147</sup> Além d' *A Potyguararia* outros cafés apresentavam programação especial nos dias de carnaval, como o *Bilhar Cyclista* que contava com banda de música e batalha de serpentina em frente a sua porta no carnaval de 1900. Ver: O CARNAVAL. *A Republica*, Natal, 25 fev. 1900.

Este conceituado estabelecimento, o mais bem montado desta Capital, acaba de experimentar uma exellente reforma, proporcionando actualmente aos seus numerosos fregueses os mais invejaveis commodos e uma somma incalculavel de moderníssimas distrações. Fez aquisição de bolas, tacos e pannos, tudo novo e de mais apurado gosto, e acha-se capaz de pasmar o mais bisonho inglez, não só pelo brilhantismo dos seus luchosos salões, como tambem pela avultada quantidade de obséquios com que se esmeram em mimosar os fregueses os activos ediligentes empregados da casa. Continúa a preparar abundantes lunchs aos domingos, feriados e dias santificados. Em taes condições são de palpitante necessidade continuadas visitas á Potyguarania<sup>148</sup>

A reforma d'A *Potyguarania*, e de muitos outros cafés natalenses, em busca da melhoria estrutural, pode ser vista como um reflexo dos projetos de melhoria urbana que em poucos meses começaria a ser posto em prática na cidade, com a construção do teatro. A conclusão da reforma do café foi anunciada no jornal, no intuito de expor a nova face do estabelecimento, para assim seduzir a clientela com promessas de modernidade. A própria expressão “moderníssima” aparece no texto como autêntico elogio ao novo, quando assim pretendia-se conquistar o público, enchendo-o de ansiedades e gostos pelas novidades. Segundo consta no reclame, *A Potyguaria* oferecia aos fregueses, assegurava o anúncio, o luxo e os mimos encontrados nos melhores estabelecimentos do mundo, de modo que até mesmo o “mais bisonho inglez” conhecedor do civilizado mundo europeu, se pasmaria com a qualidade dos produtos e a quantidade de atrativos oferecidos.” A publicidade inaugurava uma nova relação cliente-mercadoria: através dos anúncios os estabelecimentos atraíam seus clientes pela curiosidade e/ou pelo desejo. O anúncio era a porta de entrada do consumidor no mundo das mercadorias, no mundo das variedades e das possibilidades de escolha. A publicidade, nesse período de rápidas transformações sociais, “abrandava a dificuldade de adaptação causada, em parte, pela inexistência de memória e tradição referentes a práticas recentes da vida urbana.”<sup>149</sup> Mais do que atrair novos fregueses, os reclames ajudam a implantar alguns hábitos urbanos na população, como o de fazer as suas refeições fora de casa até mesmo nos domingos e feriados. As refeições, rituais tradicionalmente associados à

<sup>148</sup> POTYGUARANIA. *A Republica*, Natal, 1 fev. 1897.

<sup>149</sup> PADILHA, Márcia. *A cidade como espetáculo: publicidade e vida urbana na São Paulo dos anos 20*. São Paulo: Annablume, 2001. p. 25.

esfera do privado, restritas ao âmbito doméstico, familiar, quando passavam também a ser feitas na esfera pública, assumiam uma outra postura, mas associada à dimensão pública. Cafés, bares e restaurantes inauguravam novas formas de sociabilidade na cidade.<sup>150</sup>

Ao se iniciar a primeira década do século XX, cresce a concorrência na capital do Estado entre as casas de entretenimento e os anúncios passam a ser mais freqüentes. Na intenção de atrair um maior número de fregueses, o *Café Socialista* anunciava: “Além do grande sortimento de bolos, doces, café, charutos e bebidas de toda espécie, os gerentes d’este estabelecimento previnem a rapazeada que nos domingos, além de outra diversões, terá O HOMEM DO SACCO e a noite retreta”.<sup>151</sup> No ano seguinte, a nova fábrica de gelo permitiu ao *Café Natal* acrescentar em seu cardápio sorvetes e frios.<sup>152</sup> Para atrair a presença dos jovens, foram acrescentadas às atrações regulares dos cafés os frenéticos ritmos dos anos vinte como o jazz, o fox-trot, e até mesmo o tango, que movimentavam as pistas de dança dos cafés nos finais de semana. Nos cafés também tomaram lugar os famosos chás dançantes. A reunião, comumente chamada de *Thé-dansante*, transformou o chá da tarde numa verdadeira festa.<sup>153</sup>

Os anos passavam e os reclames continuavam registrando a vida efêmera dos estabelecimentos recreativos da cidade. Pelas páginas d’A *República* anunciaram-se inaugurações, incidentes, atrações e reformas do *Café Socialista*, do *Café Centenário*, do *Café ABC*, do *Bar América*, do *Café Avenida*, do *Bar Antártica*, do *Café Chile*, do *American Bar*, do *Café Moderno*, da *Cova da Onça*, do *Café Popular*, do *Café Paulista*, do *Café Tyrol*, do *Café Petrópolis* etc. Convém ressaltar que a escolha dos nomes dos estabelecimentos não obedecia a uma lógica meramente geográfica para localização espacial ou para distingui-los uns dos outros. Por trás de tantos nomes, estavam escondidas paixões, bairrismos, modismos e aspirações.

Tentar recuperar informações sobre os clubes e cafés de Natal não é tarefa fácil, já que poucas eram as notícias existentes sobre esse tipo de estabelecimentos nos jornais. A partir de anúncios publicitários e notas jornalísticas, podemos ter uma idéia da localização e ano de

<sup>150</sup> Sobre a ascensão dos restaurantes na Europa ver: SPANG, Rebecca L. *A invenção do restaurante*. Rio de Janeiro: Record, 2003; CSERGO, Julia. A emergência das cozinhas regionais. In: FLANDRIN, Jean-Louis e MONTANARI, Massimo (Org.). *História da alimentação*. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

<sup>151</sup> SOLICITADAS. *A República*, Natal, 13 abr. 1905

<sup>152</sup> CAFÉ natalense. *A República*, Natal, 7 abr. 1906

<sup>153</sup> BAR america. *A República*, Natal, 19 mar. 1929; CAFÉ Tyrol, *A República*, Natal, 2 ago. 1924



funcionamento de alguns dos principais pontos de sociabilidade dos natalenses, nas primeiras décadas do século XX. Como podemos observar logo abaixo no Quadro :

**QUADRO I: Clubes, Bares e Cafés de Natal (1900-1930)\***

Potyguarania	18--	Av. Ulisses Caldas-Cidade Alta
Club Carlos Gomes	1898	Rua 21 de Março- Cidade Alta
Bilhar Recreativo	1901	Praça 28 de novembro – Ribeira
Bilhar Cyclista	1901	
Cassino Potyguar	1902	
Bilhar Commercial	1902	Rua Dr. Barata- Ribeira
Café Passeio Recreativo	1903	Rua 21 de julho – Ribeira
Café Socialista	1903	Praça da Republica (Praça Augusto Severo)- Ribeira
Casa Moderna Bilhar	1905	Rua do Commercio- Ribeira
Natal-Club	1906	Av Rio Branco- Cidade Alta (em 1906 funcionava na rua 21 de março)
Restaurante do Hotel Internacional	1907	Rua do Commercio- Ribeira
Café Natalense	1906	Antigo prédio do jornal o trabalho
Taco de Ouro	1909	
Café Chile	1916	Travessa Cel. Aureliano de Medeiros- Ribeira (esquina com a loja Paris em Natal)
American Bar	1916	
Salão Bramah	1917	Av. Tavares de Lyra
Terpsychore Club	1917	R. cel. Bonifácio- Cidade Alta
Café Avenida	1918	Av. Rio Branco – Cidade Alta

\* A data que aparece ao lado dos estabelecimentos não indica, precisamente, o ano de sua inauguração. Elas se baseiam em dados encontrados nos anúncios publicitários e notas avulsas dos periódicos *A Republica*, *Cigarra*, *Diário do Natal*.

Recreio Juvenil	1919	Av. Amaro Barreto – Alecrim
Café Petrópolis	1919	Av. Afonso Pena – Petrópolis
Café Popular	1921	Av. Amaro Barreto- Alecrim
Rotisseri	1923	Rua Senador José Bonifácio- Cidade Alta
Café Tyrol	1924	Tyrol
Associação dos Professores	1926	Av. Jundiáí- Tyrol
Centro de Chauffeurs	1926	
Aero Club	1928	Av. Hermes da Fonseca Tyrol
Ondas do mar	1929	

Fonte: A Republica, 1897-1929; Diário do Natal, 1898-1913; Cigarra, 1928-1930 1897-1929.

O quadro acima pode ser visualizado espacialmente no mapa da sociabilidade que se encontra ao fim do texto em forma de anexo. Observando cada bairro da cidade, podemos constatar uma maior concentração dos cafés, restaurantes, bares e bilhares, durante todo o período estudado, no bairro da Ribeira, o que pode ser justificado por ter sido esse um bairro predominantemente comercial. As reformas do porto e a construção da ferrovia contribuíram diretamente para o desenvolvimento comercial do bairro, que se tornou rota de embarque e desembarque de produtos comerciais. Na Ribeira funcionavam firmas, hotéis, escritórios, agência de telégrafo e de correio aéreo e um vasto comércio se estendia nas imediações da avenida Tavares de Lyra, eleita pelas elites locais como a melhor para a prática do *footing*. Nessa mesma avenida, estavam localizados cerca de 50% dos clubes e cafés do bairro, e nos dias de competições náuticas, era no Cais Tavares de Lyra, ao fim da mesma avenida, que se agrupavam todos os competidores e torcedores dos clubes náuticos de Natal.

Apesar de seu caráter predominantemente residencial, o bairro da Cidade Alta agrupava alguns dos centros recreativos de maior prestígio e tradição da cidade, dentre eles o *Natal Club* e o *Potyguarana*. A Cidade Alta foi eleita pelas elites locais como o ponto ideal para os salões e bailes dançantes. Até os anos 1920, as principais festas da cidade tiveram lugar em um dos salões dos clubes da Cidade Alta, em especial o *Natal Club*. Somente na segunda metade dos anos 1920,

com a inauguração da *Associação dos Professores* e posteriormente com o *Aero-Club*, percebe-se um deslocamento significativo das sociabilidades para os novos bairros da cidade: Tyrol e Petrópolis. A abertura da linha de bonde em 1909 deu início ao desenvolvimento do bairro de Cidade Nova. Em conjunto ao crescimento do bairro, vieram as primeiras formas de sociabilidade daquele lugar: em 1909 a construção do Prado fazia com que um considerável número de natalenses se apertassem nos bondes para assistir as corridas de cavalo. A amplitude dos terrenos de Tyrol e Petrópolis facilitou a construção de quadras esportivas, como podemos constatar no mapa da Cidade Nova, (Anexo D) lá estavam localizados o campo de treinamento do *ABC*, o *ground* da praça Pedro Velho, o *Natal Tennis Club*, o *Aero-Club* e o *Estadio Juvenal Lamartine*.

No populoso bairro do Alecrim encontramos poucos registros sobre locais de sociabilidade. Esse era provavelmente um bairro pouco atraente para as elites de Natal, por se tratar de um bairro habitado em sua maioria por operários, de ruas apertadas que cresciam desuniformes e sem planejamento. Mas ainda assim podemos destacar no mapa do Alecrim (Anexo E) a *Associação de Escoteiros do Alecrim*, a sede do *Alecrim Foot-ball Club* e o *Recreio Juvenil*, como lugares de sociabilidade das elites.

Eram os clubes e cafés que davam vida às sociabilidades mundanas em Natal. Eles inauguraram um novo ritmo na cidade, mais afrancesado, mais adaptado aos modismos da Europa e da Capital Federal. Dentre esses modismos, podemos aqui destacar as febres das conferências. As conferências literárias inauguraram moda, mas não demorou para que os estudiosos de vários campos de conhecimento se tornassem também conferencistas. Em Natal, os salões do *Natal-Club* e do Instituto Histórico não tardaram a receber conferencistas que tratassem de assuntos literários, histográficos, médicos ou científicos. Explicando o sucesso alcançado pelas conferências no Rio de Janeiro, Brito Broca alegou que “o êxito do gênero resultou principalmente do seu caráter mundano. Tratava-se de uma reunião social, onde as mulheres geralmente iam com espírito com que se vai ao chá-dançante e os homens acorriam em parte para ver as mulheres.”<sup>154</sup> Deste modo, a frequência das conferências não estava restrita apenas à intelectuais ávidos em defender seus pontos de vista, mas sim a um público mais amplo, que via nesse tipo de reunião social mais uma maneira de ficar mais próximo dos ‘civilizados’ costumes europeus.

---

<sup>154</sup> BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil: 1900*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e da Cultura, 1956.

Em Natal pelo menos duas conferências realizadas no auditório do Instituto Histórico e do Palácio do Governo tornaram-se bastante conhecidas. Uma delas é a famosa conferência de Manuel Dantas realizada em 1909, *Natal daqui a 50 anos*. A outra conferência que marcou o ciclo de palestras do início do século na cidade foi *Costumes locais*, proferida por Eloy de Sousa.<sup>155</sup>

Em Natal, cafés, bares e bilhares não foram os únicos estabelecimentos dedicados às diversões. Os clubes tiveram um importante destaque na vida social da cidade. Os clubes recreativos eram sociedades fechadas e seletas, ambientes em que as elites desenhavam seus espaços e definia suas imagens. A primeira sociedade recreativa da cidade teve lugar ainda no século XIX. O *Club Carlos Gomes* funcionava em uma residência alugada no bairro de Cidade Alta, na rua 21 de Março, número 8, e veio responder aos apelos de uma sociedade que ansiava por um lugar onde pudessem ocorrer bailes e reuniões sociais capazes de movimentar a vida social da cidade, como nos mostra o redator d'*O Nortista* nesse artigo de 1893:

Felizmente vai-se desenvolvendo entre nós o gosto e perseverança pelas associações recreativas, uma necessidade no centro de uma cidade como esta já bastante populosa, e sem meios de outras diversões. (...) grande casa convenientemente preparada e mobiliada; um salão de honra magnificamente decorado; o terraço com mezas de jogos de diversão, um novo bilhar no centro de outro salão; salas de palestra, a banda de musica marcial do Club, em uma sala de espera, tocando escolhidas peças ao entrarem as famílias para a festa.<sup>156</sup>

O trecho extraído d'*O Nortista* expõe uma ansiedade das elites natalenses por certas mudanças nas sociabilidades, ainda no século XIX. Nesse texto, o autor relaciona o crescimento urbano com o desenvolvimento de novas formas de sociabilidade, que já se faziam imprescindíveis à imagem de uma cidade civilizada. Os cuidados na descrição da mobília, dos salões de dança, de espera e de jogos revelam uma preocupação com a aparência do lugar, já que

---

<sup>155</sup> DANTAS, Manuel. Natal daqui a 50 anos. In: LIMA, Pedro de. *O mito da fundação de Natal e a construção da cidade moderna segundo Manuel Dantas*. SANTOS, Tarcisio Gurgel dos. *Belle époque na esquina: O que passou na República das Letras Potiguares*.

<sup>156</sup> CLUB Carlos Gomes. *O Nortista*, Natal, 1 dez. 1893.

a estrutura física das associações recreativas revelava seu requinte e grau de influência na sociedade: quanto melhor estruturadas, mais atendiam às aspirações das elites locais.

Nesse período, as formas de sociabilidade ainda estavam fortemente vinculadas às festas católicas. O calendário religioso comandava as brincadeiras populares que se organizavam em torno dos ciclos católicos, como a Lapinha e o Fandango, que eram vinculados aos festejos natalinos, ou as corridas de argolinhas, os paus-de-sebo e o círculo de fogo artificial, que tomavam lugar nas praças e ruas em dias santos. Quando comenta, entusiasmadamente, a abertura da nova associação recreativa, o redator ignora a presença de “outras diversões” na cidade de Natal, indicando em sua fala que as diversões populares não mereciam ser contabilizadas como formas possíveis ou próprias de diversão compatível com a sua classe social. Diferentemente das diversões populares, as novas formas de sociabilidade eram pautadas em valores urbanos e seculares.<sup>157</sup>

Em 1906, no mesmo prédio onde funcionava o *Club Carlos Gomes*, foram abertas as portas do que viria a ser a mais renomada instituição recreativa da cidade: O *Natal-Club*. Por três anos, os bailes do *Natal-Club* tiveram lugar nos salões do *Club Carlos Gomes*, até que, em agosto de 1909, uma desavença entre os membros dos dois clubes encerraria a parceria. Os desalojados sócios do *Natal-Club* encontraram apoio governamental para a continuação de suas atividades. O governador Alberto Maranhão cedeu ao clube um antigo prédio localizado na avenida Rio Branco, que após passar por reforma, promovida pelos sócios, abriu as suas portas com um baile inaugural no dia 9 de outubro de 1909. Estava erguida a nova e definitiva sede do *Natal-Club*.<sup>158</sup>

Com estatutos bem definidos, o *Natal-Club* promovia diversão diária aos seus associados, destacando-se a *soirée* dançante e os saraus familiares realizados todos os meses. Era um exímio espaço de sociabilidade das elites natalenses.

Ser aceito como sócio em clubes como esse era privilégio de poucos. As candidaturas deveriam ser examinadas pelos sócios honorários do clube em uma Assembléia Geral, conforme estava estabelecido nos estatutos. Portanto, os que conseguissem provar serem “pessoas conceituadas, de posição social definida, que fossem aceitas na forma deste estatuto”<sup>159</sup>

<sup>157</sup> Sobre as antigas formas populares de diversão na cidade do Natal ver: CASCUDO, Luiz da Câmara. *História da cidade do Natal*. p. 293-298.

<sup>158</sup> ANIVERSARIO do Natal-Club. *A Republica*, Natal, 26 jun. 1916.

<sup>159</sup> ESTATUTO do Natal-Club. Natal: Typ. D' Republica, 1909.

poderiam associar-se ao clube, contanto que efetivassem os mensais pagamentos 5\$000, além do pagamento inicial em jóia de 25\$000.” Através do estatuto do *Natal Clu*, pode-se perceber por parte de certos grupos sociais, a intenção de implantar ao mesmo tempo um ambiente de diversão que atendesse a esses anseios de divertimento dos seus sócios, e a exclusão baseada principalmente nos status sociais dos indivíduos.

Na reportagem comemorativa dos dez anos do *Natal-Club*, o redator d’*A República*, reafirmava a importância que o clube representava para a sociedade natalense. Além de argumentar a favor do apoio sempre dado pelo governo estadual em prol desse tipo de instituição. No pensamento do jornalista, “Os governos verdadeiramente democraticos não devem ser indiferentes às iniciativas como a nossa [do Natal Club]. Mas não estamos aqui negociando; estamos corrigindo costumes, fazendo musica, saneando a alma, em summa; estamos educando.”<sup>160</sup> Aqui o clube aparece não como um lugar de diversão e de mundanismo, mas sim revestido de um papel educador, civilizador, tal como o teatro.

Civilização sempre, mas não para todos. O caráter exclusivo dos clubes acaba limitando a sua nobre missão civilizadora. Somente os associados que mantivessem o carnê em dia poderiam gozar dos prazeres dos bailes e saraus. Em vários momentos os responsáveis pela tesouraria do *Natal-Club* se mostraram implacáveis na caça aos inadimplentes. Em 1922, a diretoria do clube lembrava aos devedores que só receberiam convites os sócios que se encontrassem com as mensalidades em dia, não esquecendo de mencionar que os nomes dos bons pagadores seriam “oportunamente publicados”,<sup>161</sup> o que obviamente causaria constrangimento àqueles que não conseguissem arcar com as despesas das mensalidades. Isso nos leva a supor que muitas famílias tentariam apertar os seus orçamentos domésticos, no intuito de conseguir pagar as mensalidades em atraso. Essa mesma situação se repetiria nas vésperas de muitos bailes.

Esse não era um problema exclusivo do *Natal-Club*. No seu primeiro ano de funcionamento, o *Aero Club* já passava pelo mesmo inconveniente, que levou um dos integrantes da diretoria do clube, o Sr. Ulysses de Medeiros, nas vésperas do carnaval de 1929, a disponibilizar aos sócios um posto da tesouraria do clube no guichê do cinema *Polytheama*, facilitando assim o pagamento das mensalidades, dispensando a necessidade do longo deslocamento dos sócios habitantes do centro ao bairro do Tyrol. E justifica a ação argumentando

<sup>160</sup> ANIVERSARIO do Natal-Club. *A Republica*, Natal, 26 jun. 1916.

<sup>161</sup> NATAL-Club. *A Republica*, Natal, 1 fev. 1922.

que “esta providencia impõe-se em virtude da deliberação da Directoria de só ser permittido o ingresso nos bailes de Carnaval, aos sócios quites com a Thesouraria”.<sup>162</sup> A inconstância no pagamento leva a crer que não apenas os mais abastados se associavam aos estabelecimentos recreativos, mas também muitos membros de uma classe média urbana, que tentava fazer parte das mesmas atividades sociais dos grupos mais abonados.

O *Terpsychore-Club* era mais um clube recreativo que funcionava em Natal. O clube tinha lugar na rua Coronel Bonifácio, também situada na bairro de Cidade Alta. Desde 1917, ofereciam aos seus sócios saraus, pic-nics, festas de aniversário e bailes carnavalescos. O *Terpsychore* ajuda a construir na cidade a imagem do moderno, não apenas por promover em seus salões a circulação do ideal de cidade moderna desejado pelas elites, mas também por introduzir no espaço urbano mais um “bello prédio”,<sup>163</sup> edificação condizente com os padrões arquitetônico desejados por essa classe. A adoção dos estilos neoclássico e eclético nas novas edificações feitas em Natal, como o Teatro e o Palácio do Governo, indica que a influência francesa não se ateve apenas à moda e literatura. De acordo com Nestor Reis, “nas habitações destinadas às camadas mais abastadas tendia-se à utilização máxima de materiais importados e ao emprego das formas arquitetônicas como símbolos de posição social”.<sup>164</sup> No Brasil, a Escola Politécnica, situada no Rio de Janeiro, foi uma grande transmissora dos estilos arquitetônicos em voga na Europa.

O *Terpsychore* não era propriamente um clube pequeno, pois possuía sede própria e atingia um considerável número de sócios. No entanto, lendo a coluna social d’*A Republica*, tudo indica que esse clube não fazia sombra ao *Natal-Club*, que ainda nos anos 1920 reinava soberano na capital do Rio Grande do Norte. Esse quadro só se reverteria no final da década de 1920, mais precisamente em 1928, quando se deu a inauguração do *Aero-Club*, no bairro do Tyrol.

O *Aero-Club* reunia, num mesmo ambiente, o charme dos salões, as aventuras da aviação e a competitividade dos esportes. Representava uma reordenação dos ideais das elites locais, que precisavam de um espaço moderno, capaz de unir a sofisticação dos salões às modernas práticas aeronáuticas e esportivas. Na opinião do colunista da *Cigarra*, o *Aero-Club* era uma “*agregiação* que reúne actualmente sob a sua bandeira os ideaes da elite da sociedade natalense, no que representa de melhor em esforço, devotamento á terra commum e espirito

<sup>162</sup> AERO- Club do Rio Grande do Norte. *A Republica*, Natal, 7 fev. 1929.

<sup>163</sup> TERPSICHORE-club. *A Republica*, Natal, 29 jun. 1923.

<sup>164</sup> REIS, Nestor Goulart. *O quadro da arquitetura no Brasil*. 8. ed. São Paulo: perspectiva, 1997. p. 180.

progressista”.<sup>165</sup> O glamour do tradicional baile de carnaval, em 1929, foi transferido da Cidade Alta, onde estava localizada a sede social do *Natal-Club*, para o novo bairro do Tyrol, onde estava instalado o *Aero Club*. Em nota sobre o mesmo carnaval, o redator da *Cigarra* afirma em 1929 que “O Aero Club já se vae tornando indispensável á alegria natalense, e á sociedade da capital. Os seus salões cheios de distincção fidalgas terrão sempre o prestigio de nossas demoiselles”.<sup>166</sup>



Inauguração do Aero-Clube, 1928<sup>167</sup>

O *Aero Club* em pouco tempo se tornara a menina dos olhos da sociedade natalense. Em seus ornamentados salões, desfilavam *dames* e *demoiselles*, em vestidos leves, com as pernas à mostra e cabelos *à la garçone*, quase sempre encobertos por seus chapéus *cloche*. O novo clube era a sensação das elites locais, e o escol social que freqüentava os seus salões era acompanhado de perto pela revista *Cigarra*, que cobria com fotos e comentários os principais eventos que lá tomavam lugar.

O conjunto de atrativos oferecidos pelo *Aero Club* fez com que seu nome fosse anunciado com freqüência no jornal *A Republica*. A influência do clube sobre a sociedade era intensa ao ponto de influenciar uma fábrica de cigarros que funcionava em Mossoró a nomear o seu produto

<sup>165</sup> A AVIAÇÃO no estado. *Cigarra*, Natal, ano 2, n.3, p. 24, abr. 1929.

<sup>166</sup> COMMENTARIOS. *Cigarra*, Natal, ano 2, n. 3, p. 2, abr. 1929.

<sup>167</sup> A INAUGURAÇÃO do Aero Club. *Cigarra*, Natal, ano 2, n.3, p. 25, abr. 1929. il.



de *Aero Club* em homenagem ao clube. Segundo o redator d'*A Republica* “A ideia da referida fabrica não poderia ser mais feliz, dada a acceitação que têm tido em nosso commercio os seus productos”.<sup>168</sup> Relacionar o cigarro ao nome do clube era uma forma estratégica de induzir o consumidor a conectar a marca de cigarro ao prestígio e elegância do *Aero Club*.

As intenções do novo clube iam muito além de apenas movimentar a vida mundana da cidade. O *Aero Club*, juntamente com a escola para pilotos aviadores, que funcionava no mesmo endereço, fazia parte de uma política de integração econômica do Estado. A aviação parecia a mais promissora solução para os problemas de comunicação de Natal com o interior do Estado. Assim, o governo estadual investiu na construção de 28 pistas de pouso nos principais entrepostos comerciais do Rio Grande do Norte. As ambições do governo, em especial do governador Juvenal Lamartine, no que diz respeito à aviação no Estado, iam além. Era projeto do governo a construção “de uma base de aviação que deveria ser a mais importante da América do Sul”.<sup>169</sup>

As iniciativas do governo em prol da aviação eram euforicamente comentadas, com uma forte dose de orgulho ufanista, pelo jornal *A Republica* e pela Revista *Cigarra*, que não cansavam de exibir imagens de aviões em pousos e decolagem, sempre cercados por uma curiosa platéia. A inauguração da pista de vôo do *Aero Club* trouxe a Natal os serviços da *Aeropostale*, companhia francesa de correios aéreos. Dessa forma, as correspondências particulares dos natalenses conseguiriam atravessar o Atlântico em seis dias, ou aterrissar nas praças do sul em poucas horas. Para muitos contemporâneos a inclusão do correio aéreo em Natal seria o princípio do processo de internacionalização do estado. O fato de as aeronaves não conseguirem percorrer grandes distância sem escalas, fazia de Natal uma parada estratégica nas rotas sul-americanas que seguiam rumo a Europa, razão pela qual o ministro da aviação apelidara Natal de “cais da Europa.”<sup>170</sup>

A aviação sem dúvida foi o grande destaque do clube, e o sucesso da aviação no Estado merecia evidência na imprensa local. Além de gerar uma perspectiva de inserção do Estado no mercado internacional, a aviação inaugura um novo olhar sobre o céu da cidade, como nos mostra a reportagem d'*A Republica*:

<sup>168</sup> UMA HOMENAGEM ao Aero-Club. *A Republica*, Natal, 10 jan. 1929.

<sup>169</sup> LAMARTINE, Juvenal. *Meu governo*. v. 807. Mossoró: Coleção Mossoroense, 1992. p. 50-51.

<sup>170</sup> AVIAÇÃO commercial no estado. *Cigarra*, Natal, ano 2, n. 3, p. 35, abr. 1929.

A directoria do Aero-Club, querendo proporcionar aos seus associados e familiares horas de distração encantadora, lhes está facilitando passeios aéreos sobre esta capital, no exellente aparelho “Natal”, de propriedade do Club. Domingo ultimo realizaram-se os primeiros vôos, que a directoria do Aero-Club mantera regularmente todos os domingos pela manhã e pela tarde.<sup>171</sup>

O olhar panorâmico, a cidade vista do alto, ordenada, organizada era uma nova interpretação do espaço urbano. Essa excitação causada pelo *Aero Club* se revela nas imagens cotidianas, como a capa da primeira edição da revista *A Cigarra*, que mostra um céu coberto de aeroplanos. As máquinas voadoras fascinavam não apenas os natalenses, mas toda a civilização ocidental que passara a vestir a figura do aviador com um manto de bravura e heroísmo. Esses heróis de asas cruzavam os céus, arriscando suas vidas em perigosas travessias, quebrando recordes, diminuindo distâncias, unindo as nações.<sup>172</sup>

O aeroplano não foi a única febre que se espalhou a partir do clube. Algumas práticas esportivas foram inauguradas em Natal pelo *Aero Club*. Sobre a nova prática esportiva implementada em Natal, segue o comentário do colunista das páginas esportivas d’*A Cigarra*: “Iniciamos, agora com o Aero Club, a nossa predileção pelo tennis. É um esporte francez, que passou a Mancha. Dos mais elegantes e apreciaveis.”<sup>173</sup> A revista também trazia imagens descontraídas de jovens, de ambos os sexos, em trajes de banho na área da piscina do clube. Pela junção dos esportes, aviação e eventos sociais, o *Aero Club* marca um novo momento da vida social das elites natalenses.

Neste período, o bairro de Tyrol, que já há algum tempo havia se estabelecido como um bairro residencial, já mostrava um acentuado crescimento de estabelecimentos comerciais e centros sociais em sua área. A inauguração do *Aero Club*, em 1928, só veio confirmar o deslocamento do centro social das elites natalenses do tradicional bairro da Cidade Alta (onde se encontrava instalado o *Natal-Club*) para o novo bairro de Tyrol. Ao comentar um Chá Dançante, o colunista da *Republica* foi bastante claro: em 1925 o Tyrol era o “bairro apropriado” para

<sup>171</sup> TARDES de avião de domingo. *A Republica*, Natal, 22 jan. 1929.

<sup>172</sup> EKSTEINS, Modris. *A sagração da primavera: a grande guerra e o nascimento da era moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p. 311-322.

<sup>173</sup> ESPORTIVAS, *A Cigarra*, Natal, ano 2, n.3, p. 36, abr. 1929.

abrigar os eventos sociais da cidade. Lá estava localizada, entre outros pequenos clubes e cafés, a sede da *Associação dos Professores*.<sup>174</sup>

Não raro os sócios dos clubes estendiam para o espaço público algumas atividades sociais organizadas pela direção. Um exemplo dessas atividades de lazer vinculada ao clube que ocorria fora dele eram os famosos *pic-nics*. Esse tipo de evento social realizado sempre no subúrbio da cidade, ou nas praias, permitia aos sócios uma renovação de ares, uma aproximação com a natureza, sem dispensar os bons costumes e hábitos civilizados. Com um *pic-nic*, o *Terpsychore* comemorou a passagem do seu aniversário em 1921 e; da mesma maneira, o Centro Náutico ofereceu um dia de lazer para os natalenses em 1924. Mas não sendo essa atividade um privilégio dos clubes, um grupo de rapazes organizou um *pic-nic* para homenagear o belo sexo em 1916.<sup>175</sup>

Além dos *pic-nics*, outras formas de lazer traziam os sócios dos clubes para fora das associações. Uma dessas festas dava-se principalmente no verão, entre o Natal e a primeira semana de janeiro, era o banho à fantasia. O *Aero Club* inaugura essa tradição na cidade, que em outros momentos foi adotada em outras ocasiões. A festa à fantasia consistia de um animado banho de mar com fantasia e tudo, contando com a presença de uma banda de música. Os banhos à fantasia fizeram sucesso na quinta edição d'A *Cigarra* em 1930.<sup>176</sup>

Os clubes tinham um papel importante na construção dessa nova cidade almejada pela elites locais pois, através dessas instituições, difundiam-se novas práticas sociais que seriam refletidas nos espaços urbanos. As associações, geralmente fechadas a um número restrito de sócios, acabavam gerando uma segregação espacial pois eram em lugares como os clubes que a elites se distinguia do povo, onde as práticas das elites eram legitimadas, em contraponto às práticas populares. Eram nos clubes e nas atividades praticadas por eles que os ideais das elites circulavam. Lá as elites se formava e se transformava. Em Natal, as práticas definiam os espaços. À medida que as elites tentavam distinguir suas práticas das práticas dos outros grupos, ela ia definindo uma configuração social, que se refletia na organização dos espaços da cidade.

---

<sup>174</sup> CHÁ dansante, *A Republica*, Natal, 30 out. 1925.

<sup>175</sup> TERPHSICHORE. *A Republica*, Natal, 24 ago. 1921. PIC-NIC NA LIMPA, *A Republica*, 7 set. 1924; O PIC-NIC de Petropolis. *A Republica*, Natal, 12 ago. 1916.

<sup>176</sup> CIGARRA, Natal, ano 3, n. 5, p. 39, mar. 1930

#### 4 CAPÍTULO 3: Velocidade e força: o esporte modelando a imagem do homem moderno

O sopro de modernidade que atravessou o Atlântico não alterou apenas os ritmos da vida mundana na cidade de Natal. Também mudaram as maneiras de se lidar com o tempo, com a velocidade e até mesmo com o corpo. Apesar de seu papel crucial na definição dos novos padrões de sociabilidade das elites, na primeira metade do século XX, os clubes sociais não foram as únicas agremiações que ajudaram a moldar os usos da cidade moderna. Incorporando-se ao agitado ritmo de vida das grandes cidades, as práticas esportivas se rapidamente se integram ao cotidiano dos maiores centros urbanos brasileiros, influenciando principalmente a juventude, que, desafiando seus próprios limites, passou a moldar os seus corpos, tornando-os mais ágeis, mais fortes e mais belos. As agremiações esportivas incorporavam esses novos valores de juventude que passavam a fazer parte da vida da cidade.

No mundo moderno, a credibilidade da ciência era assunto indiscutível. Os mesmos preceitos científicos que reviram o mar e a praia como espaços de convívio saudáveis foram também responsáveis pela formação de um novo olhar sobre o corpo. Esse aparece nos discursos científicos, já na segunda metade do século XIX, quando muitos entusiastas dos esportes se empenhavam em difundir os benefícios trazidos pelas práticas esportivas. Sempre atentos aos conceitos científicos em discussão na Europa, os intelectuais brasileiros absorviam e adaptavam à realidade brasileira as diversas correntes científicas formadas e difundidas pelo Velho Continente. As Faculdades de Direito do Recife e São Paulo, a Faculdade de Medicina da Bahia, entre outras instituições de cunho científico, eram os maiores difusores do positivismo, naturalismo e evolucionismo no Brasil.<sup>177</sup>

Essas instituições não somente abrigavam os homens de ciência, mas nesses redutos do saber era possível analisar, discutir e se apropriar de conceitos científicos em uso na Europa. Ultrapassando os portões das faculdades e as salas dos museus, as teorias científicas correntes na Europa eram debatidas pelos cientistas, literatos e filósofos a partir da década de 1870. Período

---

<sup>177</sup> Para um olhar mais aprofundado sobre as instituições e pensamento científicos no Brasil do século XIX ver: SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questões raciais no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

em que foram inauguradas as primeiras faculdades do país, marcado pela chegada de diversas correntes científicas ao Brasil.

A ciência tinha um papel social muito importante, pois para os contemporâneos ela consistia na maior arma da civilização contra a barbárie, funcionando como um guia rumo ao desenvolvimento e ao progresso. Suas ações não estavam restritas apenas ao mundo acadêmico. As então recentes descobertas da microbiologia, farmacologia, radiologia, química e botânica, (para ficar só com alguns exemplos) expandiram os alcances do poder científico. A ciência infiltrava-se nos mais vastos territórios da vida pública e privada. Nesse tão vasto campo de estudo, encontravam-se diversas teorias postulando a superioridade do homem europeu sobre os demais povos. Essas teorias racistas penetravam nos mais diversos campos de conhecimento, influenciando até mesmo a literatura e outras inúmeras produções artísticas. No Brasil, essas teorias foram absorvidas, analisadas e aplicadas em contexto nacional pela geração de 1870, tornando-se de fundamental importância para a compreensão de uma realidade que se buscava construir naquele momento: a identidade nacional.<sup>178</sup>

Nesse contexto de busca pela definição de uma identidade brasileira, era compreensível a preocupação dos cientistas em adaptar da melhor maneira possível o modelo europeu à realidade local e assim construir um saber científico passível de ser aplicado ao Brasil. As idéias raciais européias serviriam de base para os estudos de Sílvio Romero e Araripe Júnior, que aplicaram os princípios evolucionistas à realidade nacional, numa tentativa de compreender como as matrizes européias foram perdidas no Brasil em virtude do clima e da mistura racial. Segundo Ventura, “as teorias racistas se ligaram aos interesses dos grupos letrados de se diferenciarem da massa popular, cujas formas de cultura e religião eram depreciadas como atávicas, atrasadas ou degeneradas”.<sup>179</sup>

Muitas teorias biológicas, genéticas e sociais defendiam a existência de um padrão evolutivo das raças humanas. Essas idéias passam a ser sistematizadas a partir do conceito de eugenia, formulado pelo médico Francis Galton, em 1865,<sup>180</sup> fundamentado a partir do evolucionismo de Darwin, no qual acreditava-se que a raça humana seria resultado de uma

---

<sup>178</sup> Sobre as correntes e pensamentos científicos que circulavam no Brasil nas últimas décadas do século XIX ver: COSTA, Cruz. *Em História das idéias no Brasil*. 2 ed. Civilização Brasileira, 1967.

<sup>179</sup> VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 58.

<sup>180</sup> MOTA, André. *Quem é bom já nasce feito: sanitarismo e eugenia no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

evolução biológica milenar, de modo que as espécies mais evoluídas e melhor adaptadas sobreviveriam em detrimento de outras. Adaptando essa noção eugenista a um quadro social já marcado pelas diferenças étnicas e econômicas, o europeu fundamentou cientificamente uma suposta superioridade da raça branca em detrimento das demais raças existentes, sendo a diferenciação o preceito básico do eugenismo.

Os cientistas brasileiros, em geral adeptos das teorias européias, tiveram que encarar o fato de viverem numa nação mestiça, portanto, inferior. Oliveira Viana foi um dos intelectuais que se baseavam nos preceitos biológicos e antropológicos para explicar, através de uma linha histórica progressiva, onde, quando e porque alguns cruzamentos étnicos construíram sub-raças brasileiras. Em *Populações Meridionais do Brasil*, publicado em 1920, Viana contrapôs os tipos raciais presentes nas cidades brasileiras de então com os tipos raciais que aqui chegaram nos tempos coloniais, concluindo que, por mais que houvesse progresso no cruzamento de uma raça inferior com uma raça nobre, seria uma tendência, ou como ele mesmo diria “uma lei antropológica, que os mestiços herdem com mais frequência os vícios que as qualidades dos ancestrais.”<sup>181</sup>

Esse quadro de pessimismo racial em que o Brasil se encontrava não era interpretado de maneira tão severa por todos os homens de ciência. Para muitos dos cientistas brasileiros, ao contrário do que se dizia na Europa, a solução para o problema racial do Brasil estaria na miscigenação pois, somente através da miscigenação, o Brasil conseguiria branquear, melhorar e fortalecer a sua população. Essas eram as palavras que marcavam a preocupação das elites nacionais com o papel dos jovens na construção do Brasil moderno.

Foi com esse propósito de melhoramento da raça e elevação da juventude nacional a padrões raciais cada vez mais próximos dos europeus que se exaltava e se difundia a prática de esportes no Brasil. Seguindo a tendência nacional, a partir da última década do século XIX, as práticas esportivas caíram no gosto das elites natalenses, que via o esporte como uma solução para os vícios e mazelas da sociedade moderna. Ao comentar as ações dos moços do *Sport Club do Natal*, o jornalista d'*República* afirmou:

---

<sup>181</sup> VIANA, Oliveira. *Populações meridionais do Brasil*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005. p. 173.

Nada mais justo do que o appello dos nossos jovens conterraneos dedicados que estão a um movimento sportivo que tanto tem de proveitoso à saude e ao desenvolvimento physico da mocidade, como de necessario á educação civica, base de patriotismo esclarecido e efficiente.<sup>182</sup>

Os clubes esportivos intercediam nas atividades de lazer públicas e privadas das elites natalenses. Vemos surgir, no fim do século XIX, o interesse das elites por uma educação física e moral da juventude. As organizações esportivas, no início do século, institucionalizavam e difundiam as práticas esportivas em voga na Europa. Dessa forma, os clubes esportivos foram decisivos na organização das práticas esportivas e na sua difusão no cotidiano de Natal.

As modernas práticas esportivas que surgem entre o século XIX e XX se associam à série de mudanças na estrutura social e cultural da época, como os benefícios do esporte descobertos pela medicina e a aceleração do ritmo de vida e da competitividade nas grandes cidades. A Inglaterra foi o berço de muitos dos esportes modernos, além de ter sido uma grande difusora dessas práticas pelo mundo. Ao esporte estão relacionados muitos valores da nova sociedade de consumo que se formava na Europa, como o culto ao corpo, a valorização das regras, o culto à rapidez e a competitividade.<sup>183</sup>

Em Natal, as práticas esportivas começam a receber atenção dos intelectuais na década de 1890. No artigo escrito pelo redator d’*A Republica*, que assinava S., sobre as atividades esportivas no Estado, reclama-se das formas de diversão escolhidas pelos seus jovens conterrâneos, que preferiam passar noites em claro, enclausurados nos apertados salões, “respirando pó e fumo de cigarro e charuto, além de outras emanações” em vez de caírem nas águas do rio Potengi na prática da natação ou remo, a exemplo do que acontecia nos rios das grandes cidades da Europa. O cronista ressentia-se da falta de “clubs de rapazes congregados ao fim, tão digno o que mais for, de divertir-se robustecendo os músculos, exercitando os órgãos, armazenando saúde”, e sugeria que moços natalenses seguissem o exemplo do Rio de Janeiro, que por estar em maior contato com os estrangeiros, já havia aderido às práticas esportivas vencendo a “natural indolência característica dos climas quentes.”<sup>184</sup>

<sup>182</sup> A REPUBLICA, Natal, 6 fev. 1917.

<sup>183</sup> WEBER, Eugen. *França: fin-de-siècle*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 259.

<sup>184</sup> DIVERSÕES populares. *A Republica*, Natal, 27 abr. 1897.

Em 1897, quase um mês depois da publicação do artigo de S., foi anunciada no jornal *A Republica* a realização da primeira regata da cidade.<sup>185</sup> Nessa regata, além da participação de atletas profissionais, estavam presente amadores. Até a década de 1910, a maioria das regatas organizadas na cidade não se destinava a grupos de atletas profissionais, nem mesmo aos sócios de clubes oficiais, o que mostrava o caráter informal dessas competições. A realização da regata, além de divertir os participantes amadores e profissionais, divertia também as pessoas que se reuniam na beira do cais ou em pequenas embarcações às margens do rio a fim de assistirem às competições. Quando essas passaram a ocorrer no espaço público, deram margem a uma outra forma de sociabilidade, que não a exercida pelos competidores. As pessoas que se encontravam à beira do cais assistiam, sem sequer levantar um músculo, às competições esportivas nas quais se destacavam os remadores. Esses espectadores são motivados por uma outra lógica, que era a lógica da ação e da saúde que movia os atletas: era a lógica do espetáculo. O esporte para os espectadores, que participam da cena, assistindo, torcendo, viria a se tornar entretenimento. A regata triunfou na cidade por conseguir unir os ideais de força e saúde, característicos da modernidade, com a boa aceitação do público.

Dessa maneira, as práticas esportivas geraram um novo ambiente de sociabilidade na cidade. À medida que os esportes modernos começaram a ser praticados pelas elites locais, novas associações esportivas foram sendo criadas. Esses clubes, além de organizarem os eventos esportivos, permitiam a criação de ambientes que possibilitavam a sociabilidade das elites.

A sociabilidade das elites vinculada às práticas esportivas mostra-se evidente ao observarmos as competições esportivas organizadas pelos clubes. Nessas competições, as associações esportivas proporcionavam aos espectadores, além das provas esportivas, a banda do Batalhão de Segurança tocando nos intervalos, o que sugere um clima festivo na realização desses eventos. Em 1910, Natal contava com várias associações esportivas responsáveis pela organização das competições, como o *Velo-Club-Natal*, o *Derby-Club-Natalense*, *Sport-Club-Natalense*, *Natal-foot-ball-Club*, etc. Como podemos notar, o nome dos clubes esportivos são todos nomes estrangeiros e há uma razão para isso. Além do fato de o nome de muitas práticas esportivas, vigentes no momento, não terem ainda tradução para o português, a referência aos nomes estrangeiros, em especial aos ingleses e franceses, gera um tipo de proximidade da população natalense com o que se passava na Europa, pois a linguagem também constrói

---

<sup>185</sup> REGATA, *A Republica*, Natal, 18 maio. 1897.



imagens. No caso, o inglês e o francês ajudam a construir a imagem do esportista, já legitimada na Europa. Ao refletir sobre esse novo vocabulário que invadia a língua portuguesa, cada vez com mais frequência, Paudessú-Ricla concluiu:

um novo esperanto, sem doutores Zamenhoffs, ia calmamente e com a graça de Deus, fazendo a sua estradinha triumphal no concerto das linguas: em vez de terminações em *o*, *a* e quejandas para substantivos e adjetivos, o seguinte - para *sport*, palavras inglesas; para moda e assuntos femininos, palavras francezas; para arte, palavras italianas...<sup>186</sup>

Os clubes tinham um papel importante na construção dessa nova Natal almejada pelas elites locais, pois através dessas instituições, difundiam-se novas práticas sociais que seriam refletidas nos espaços urbanos. Era nos clubes e nas atividades praticadas neles que os ideais das elites circulavam, que as elites se formavam e se transformavam. Ou seja, à medida que um grupo social, tenta distinguir suas práticas das práticas dos outros grupos, ele está definindo uma configuração social que se reflete na organização dos espaços da cidade.

Os espaços das elites na cidade não são pensados aleatoriamente. Eles estão repletos de significados que dão lógica à existência desse grupo. À medida que as elites afirmam um espaço como o seu, elas negam outros espaços, e se afirmam como elite, como um grupo, ou grupos, que ocupam, de uma certa forma, um ‘lugar’ na cidade. Esse tipo de construção de fronteiras espaciais ajuda-nos a perceber as aspirações de um grupo social que tenta impor sua concepção de mundo e seus valores ao tentar diferenciar e normatizar os espaços na cidade.<sup>187</sup>

Perceber a cidade como um produto do seu tempo, como um espaço mutante, é imprescindível quando se pretende trabalhar a construção dos espaços feitos pelas elites natalenses no início do século XX. A opinião das elites sobre os espaços da cidade pode ser notada por meio da imprensa local. É através das notícias dos jornais que se percebe que as elites não estavam preocupadas, unicamente, com a construção de prédios que abrigassem os clubes e

<sup>186</sup> PARTIDA de football. *A Republica*, Natal, 11 jul. 1918

<sup>187</sup> Para outros exemplos do uso da representação como ferramenta na construção real dos ideais de um grupo ver: CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro.

instituições destinados a sociabilidade dos natalenses civilizados. As demarcações espaciais das elites vão sendo desenhadas aos poucos em certos pontos da cidade. Fronteiras e demarcações invisíveis entrelaçam a cidade. Essas fronteiras invisíveis não são perpétuas, não são fixas, porém existem e marcam em diferentes contextos e épocas os diversos espaços de grupos sociais. Os espaços das elites são mutáveis dentro da própria cidade e as mudanças são legitimadas pelos discursos proclamados pelas vozes dessas elites.

Aos poucos, o entusiasmo dos atletas e treinadores contagiava os habitantes de Natal. A cada ano que se passava, a cidade, parecia ser tomada, de forma mais intensa, pela febre dos esportes. O uso dos discursos médico-higienistas e eugenistas atuaria na cidade com o propósito de entusiasmar os jovens a trocarem seus vícios por uma nova forma de diversão, que resultaria num real envolvimento dos moços na árdua tarefa de treinar o corpo, construir músculos e vencer. No entanto, o lazer e a saúde não foram as únicas motivações da juventude para seguir os caminhos do esporte. Algumas instituições, como foi o caso do Exército e das associações de tiro, propunham a junção dos ideais de patriotismo e formação de uma nação forte com as necessidades, que se faziam urgentes aos contemporâneos, de reavivar as forças armadas e recrutar membros de classes mais abastadas para o exército.

As campanhas militares, que já atuavam em todo o país desde o aflorar da República, ampliaram suas áreas de alcance um pouco antes e durante o governo do presidente Hermes da Fonseca (1910-1914), quando foi lançada uma tentativa de regularizar uma lei de alistamento obrigatório, além da campanha salvacionista de 1911.<sup>188</sup> O patriotismo difundido pelos militares queria valer-se do poder restaurador do esporte para unir nos recrutas o vigor da ideologia nacionalista com a força física em prol da pátria. Mas foram as tensões causadas pelos conflitos armados da Primeira Guerra Mundial que intensificaram os argumentos das elites em favor das práticas esportivas. A disciplina, a força física e o patriotismo passaram a ser vistos como atributos indispensáveis à juventude durante esses anos de incertezas. O clima de tensão transpôs o Atlântico e, à medida que os conflitos avançavam na Europa, maiores tornavam-se as preocupações das elites brasileiras em preparar física e psicologicamente jovens capazes de defender a pátria. As preocupações das elites natalenses com a saúde dos corpos e mentes da

---

<sup>188</sup> ARRAIS, Raimundo. *Recife culturas e confrontos: As camadas urbanas na Campanha Salvacionista de 1911*. Natal: EDUFRRN, 1998. p. 173.

mocidade são expostas regularmente em artigos de jornais. Em 1916, *A Republica* publicou a seguinte nota:

É sabido que a educação physica preocupa tambem seriamente, hoje, os dirigentes das grandes potencias. A pratica dos sports, por meio dos quaes tem-se a certeza d'uma raça forte no futuro, é seguida e amparada efficazmente pelos poderes publicos dos paizes adiantados.(...) têm elles ministrada nas escolas ou em outros estabelecimentos uma educação physica capaz de tornal-os sadios, aptos portanto a poder ser verdadeiros soldados. Para essa educação physica, procedente e observada nas nações adiantadas, a pratica de sports é o principal factor.<sup>189</sup>

Quando não se duvidava mais dos poderes regeneradores do esporte e da sua importância na formação do caráter do indivíduo, o ensino da educação física passou a ser incluído nos programas das escolas públicas como disciplina regular, especialmente nos cursos primários. A implementação da educação física nas escolas demonstra uma atenção e uma preocupação do Estado em usar o esporte como complemento da formação dos cidadãos norte-riograndenses.<sup>190</sup> Essa atenção especial para com os futuros cidadãos republicanos seria intensificada com o surgimento do primeiro grupo de escoteiros de Natal.

O escotismo, aliado aos ideais de saúde e disciplina dos corpos, difundidos pelas associações esportivas, seria responsável pelo desenvolvimento de cidadãos patrióticos e saudáveis, aptos a servir a sociedade desde a infância. A idéia de se criar em Natal uma associação de escoteiros no Estado surgiu em 1916. À frente dessa idéia, estavam intelectuais como Henrique Castriciano, Luiz Soares e Manuel Dantas. O escotismo deveria proporcionar aos membros mais jovens das elites uma educação moral, física e cívica. Com a criação do primeiro grupo de escoteiros da cidade, a Associação de Escoteiros do Alecrim, em 1917, respondeu-se a alguns anseios das elites natalenses, que demonstrava preocupação com o futuro da nação, caso o Brasil se envolvesse em uma guerra. Portanto, o envolvimento do Brasil na Primeira Guerra Mundial causou alvoroço na imprensa local, multiplicando-se os apelos pela educação moral e física dos jovens natalenses. Em 1917, quando o país entrou oficialmente no conflito, um grupo

<sup>189</sup> NOTAS sportivas, *A Republica*, Natal, 19 set. 1916.

<sup>190</sup> MENSAGEM do Presidente de Província 1894, S 5-4.

de jovens natalenses reuniu-se no Atheneu no intuito de montar um clube de tiro. O *Tiro de Guerra* foi bem recebido pela sociedade, que considerava a fundação do clube uma “patriótica idéia [que] tem encontrado a solidariedade dos nossos jovens conterrâneos que, compreendendo a gravidade do momento que atravessa paiz, irão alistar-se no batalhão de atiradores dispostos a um cuidadoso preparo no manejo das armas.”<sup>191</sup> A criação da associação de escoteiros em 1916 e a fundação do Tiro de Guerra natalense em 1917 refletem as preocupações das elites com a segurança nacional.



Festa da Bandeira no Grupo de Escoteiros e Associação de Escoteiros do Alecrim<sup>192</sup>

A formação do homem moral e fisicamente forte era uma preocupação que motivava as associações esportivas e as elites. Porém, outros motivos também impulsionavam a prática de atividades físicas na cidade. O esporte, nesse período, ainda era uma prática amadora e a reunião de sócios nos treinos e competições era mais uma forma de lazer oferecida às elites. A competitividade dos jogos e a disputa entre os times não ficavam restritas apenas aos sócios e

<sup>191</sup> A REPUBLICA, Natal, 10 nov. 1917

<sup>192</sup> ACERVO iconográfico do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Natal, 1927.

esportistas. As emoções do jogo expandiam as fronteiras dos clubes e se espalhavam pelas torcidas da cidade.

#### 4.1 Belas e sãs

A participação de mulheres nas competições esportivas em todo o mundo era bastante restrita. Em Natal, no entanto, viam-se já nos anos de 1910 algumas senhoras de família recusarem o papel de simples espectadoras e começarem a se inserir nas práticas de remo, no estuário do Potengy.

A prática de exercícios físicos pelo belo sexo fora motivo de desacordos entre contemporâneos. Para muitos, a prática de atividades físicas poderia deformar o corpo, desprovendo a mulher da sua feminilidade. Para outros o esporte poderia trazer benefícios ao corpo feminino e dessa idéia partilhava o redator d'*A Republica*. Segundo ele, “nada mais util do que os exercicios phisicos para evitar as deformações. Bem applicado elle traz naturalmente a saúde e a verdadeira felicidade”.<sup>193</sup>

A prática de esporte pelas mulheres não obedece à mesma lógica das práticas masculinas. As mulheres deveriam praticar esportes como medida profilática, higiênica, no intuito de manter a saúde do corpo. O exagero, a competitividade e a agressividade presentes nas competições não caberiam à imagem do belo sexo.<sup>194</sup>

Em 1919, organizou-se em Natal uma festa esportiva feminina. As competições entre mulheres nada mais eram do que uma grande gincana promovida pela *Liga de Desportos Terrestres*. Segundo constava no programa da festa, torcedoras [e não sócias] de cada clube esportivo associado à *Liga de Desporto Terrestre* representariam, nas provas, o seu clube. No programa foi proposto o jogo do ovo na colher, corrida de batata, corrida de argolas, corrida entre

---

<sup>193</sup> MOVIMENTO Sportivo, *A Republica*, Natal, 23 fev. 1918.

<sup>194</sup> SCHPUN, Mônica Raisa. *Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20*. p.41

garrafas, corrida das agulhas, corrida da flor, terminando a festa com um jogo da sacola e uma luta de corda entre senhoras.<sup>195</sup>

Apesar de as torcedoras não terem ainda o direito de se associarem aos clubes e não poderem participar ativamente nas competições esportivas oficiais, festas, como a promovida em 1919, já revelam uma participação ativa das mulheres no espaço público da cidade, deixando de lado o papel de expectadora e passando a ocupar, mesmo que momentaneamente, o centro das atenções.

A natação e o tênis, pregava a ciência, seriam os esportes mais recomendados ao corpo feminino, desde que fossem praticados com moderação. Caso contrário, ao invés de trazer benefícios, ele atrofiaria os músculos, desprovendo as senhoras da tão admirada feição feminina. As natalenses mais avançadas iniciaram as aulas de natação, ainda nos anos de 1910, quando se fundou, em Natal, o *Centro Nautico Feminino* e o *Jundiahy*, primeiras associações esportivas femininas. Os clubes aquáticos femininos chegaram a fazer parte do calendário esportivo, participando das competições oficiais de remo, em 1918, ano de suas fundações.<sup>196</sup>

Quanto ao tênis, somente em 1927 pôde ser praticado pelas natalenses. O *Natal Tennis Club* inaugurou a sua quadra e sede na área mais nobre da cidade, no bairro do Tyrol. O terreno, na rua Rodrigues Alves, foi cedido por um admirador dos esportes, o sr. Luiz Camare. Graças a sua doação e a articulação de um grupo de senhoritas e cavalheiros, mais um grêmio esportivo teve suas portas abertas. A associação já nasceu mista, democratizando a admissão dos sócios em relação ao gênero. Inaugurado o *Aero-Club*, em 1929, aumentou-se a procura e a divulgação dos benefícios trazidos por esse esporte.<sup>197</sup>

Se para as mulheres a força e a agressividade não eram vistas com bons olhos por grande parte da comunidade científica, a saúde e a beleza da mulher eram vistas como predicados quase indispensáveis no processo de melhoramento da raça. Era no intuito de conquistar a saúde e beleza do corpo que as mulheres deveriam inserir-se nas atividades esportivas.

Além das poucas competições esportivas destinadas às mulheres, um outro tipo de disputa montava um clima de competitividade entre muitas jovens no Brasil e fora dele. Tratava-se dos concursos de beleza, que tiveram início na década de 1920, no Brasil, assim como em Natal.

---

<sup>195</sup> FESTA Sportiva Feminina, *A Republica*, Natal, 3 maio 1919.

<sup>196</sup> SPORT. *A Republica*, Natal, 29 abr. 1918.

<sup>197</sup> TENNIS Club. *A Republica*, Natal, 8 out. 1918; ESPORTIVAS. *A Cigarra*, Natal, ano 2, n. 3, p. 36, abr. 1929.

Em 1929, o Rio Grande do Norte participaria, pela primeira vez, de um concurso de beleza internacional. A competição que se realizaria na cidade de Galveston, nos Estados Unidos, pretendia eleger a mulher mais bela do mundo. A jovem que representaria a beleza brasileira no exterior seria escolhida no concurso de Miss Brasil, que teria lugar na cidade do Rio de Janeiro.

Em Natal, a escolha da Miss Rio Grande do Norte provocou agitação na imprensa e ansiedade da torcida, que acompanhava a cotação das suas candidatas favoritas pelas páginas do jornal *A Republica* ou pela revista *A Cigarra*. A candidata eleita deveria embarcar para o Rio de Janeiro e representar o melhor da beleza potiguar e disputar o título de Miss Brasil.

As votações para a escolha da representante local foram feitas a partir de um pleito popular, organizado por uma comissão do jornal *A Republica*. O voto popular indicou dez candidatas, das quais uma seria escolhida e nomeada miss Rio Grande do Norte, pelo então prefeito da cidade, Omar O'Grady. A movimentação social que se abria em torno do concurso, foi enorme e pôde ser acompanhada na imprensa. Para escolher a sua candidata favorita, mais de 9 mil pessoas enviaram seus votos à sede da redação d'*A Republica*. A campeã, na opinião dos leitores do jornal, com 2328 votos, foi Dalva Dantas.

A beleza de Dalva, de fato, encantou a muitos, mas Marilda O'Grady foi a vencedora oficial do concurso, eleita num pleito fechado, pela comissão do jornal. É possível que o parentesco com o prefeito tenha ajudado Marilda a ascender da posição de terceiro lugar, no pleito popular, para a primeira posição. Na opinião da revista *Cigarra*, a escolha do pleito foi imparcial. Para eles, tanto Dalva quanto Marilda

representam de facto a beleza da nossa terra no que ella tem de mais puro, do ponto de vista ethinico. E como a finalidade da grande festa de Galveston, è antes de mais nada uma demonstração de cultura social e de aperfeiçoamento physico da especie.(...) o criterio da escolha foi o da "mais bela", de modo que a nossa Miss provará que não sommos, ethinicamente, uma gente repellida com desdem pela aristocracia das raças superiores.<sup>198</sup>

A nota da *Cigarra* deixa claros os preceitos eugênicos que regiam o concurso de beleza. A escolha da Miss ia muito além da simples escolha de uma representante estadual, para o concurso

---

<sup>198</sup> O RIO Grande do Norte no concurso mundial de Galveston. *Cigarra*, Natal, ano 2, n. 3, p. 13-14, abr. 1929.

de Miss Brasil, que teria lugar no Rio de Janeiro. A escolhida carregava consigo a responsabilidade de representar a imagem da mulher potiguar, provando que os ideais estéticos de beleza, que se acreditava serem atribuições das raças superiores, também eram encontradas nas terras Potiguares. Apesar da importância do concurso para a imagem do Estado, Marilda O'Grady não pode embarcar para o Rio de Janeiro a tempo de submeter-se aos exames antropométricos necessários a todas as candidatas que desejassem concorrer à faixa de Miss Brasil.



Marilda Odila O'Grady e Dalva Dantas<sup>199</sup>

A noção de civilização que já começava a ser questionada pelas artes, já na primeira década do século XX, passou a ganhar uma dimensão nova após a Primeira Grande Guerra.<sup>200</sup> E essa nova noção de civilidade, a tentativa de voltar aos valores clássicos, aparece no discurso do redator da *Cigarra*, ao comentar a necessidade do melhoramento da raça. Para o autor, os concursos de beleza, em especial a Feira de Galveston, eram um verdadeiro

<sup>199</sup>MISS Rio Grande do Norte. *Cigarra*, Natal, ano 2, n. 3, p. 12, abr. 1929.; O RIO Grande do Norte no concurso mundial de Galveston. *Cigarra*, Natal, ano 2, n. 3, p. 14, abr. 1929.

<sup>200</sup> EKSTEINS, Modris. *A sação da primavera: a grande guerra e o nascimento da era moderna*. p. 61, 115.



movimento social de pura espiritualidade, com o fim de reagir contra os horrores da civilização que conheceu a última guerra, e que, por isso mesmo, procura preparar uma mocidade sadia pelo culto da perfeição física, sob os auspícios do padrão eterno de beleza que é a Venus de Milo.<sup>201</sup>

Ao mesmo tempo em que o autor defende uma volta à estética clássica, que estava sendo tomada como padrão estético pelo concurso de Galveston, ele menciona uma peculiaridade da versão brasileira do concurso. No Brasil, cogitou-se que não apenas o modelo clássico fosse a base da escolha das misses. Dever-se-ia, também, levar em conta os tipos étnicos regionais, esboçados nas sub-raças brasileiras. O que remonta mais uma vez à preocupação de parte das elites brasileiras com a formação de uma identidade nacional. Criar o brasileiro seria, também, construir uma estética brasileira, algo que a ciência acreditava poder atingir através de uma gerência governamental que priorizasse o melhoramento da raça.<sup>202</sup>

## 4.2 A nova febre urbana

Com o adentrar do século XX, os saberes médicos redobravam suas preocupações e clamavam, com mais ímpeto a cada tentativa, pela regeneração da raça que se degradava no campo pela falta de higiene, e nas cidades pela ausência de atividades físicas. Os apelos dos médicos aliados ao sentimento de patriotismo, despertado nos brasileiros por uma guerra além-mar, eclodiram num verdadeiro modismo em favor dos esportes. As cidades eram, por excelência, o palco dos grandes torneios de esporte e coube à juventude a responsabilidade de construir com seus próprios corpos uma nova raça, melhorada, livre das degradações físicas, como a sífilis, que marcaram fisicamente os homens e mulheres das gerações anteriores.

---

<sup>201</sup> O RIO Grande do Norte no concurso mundial de Galveston. *A Cigarra*, Natal, ano 2, n. 4, p. 13-14, ago. 1929. il.

<sup>202</sup> MOTA, André. *Quem é bom já nasce feito: sanitarismo e eugenia no Brasil.*

No ano de 1920, uma conferência realizada no salão nobre do *Natal Club*, pelo Dr. Chistovam Dantas, teve como temática *A eugenia e o aperfeiçoamento da raça*. A palestra repercutiu por quase uma semana na primeira página d'*A República*. A audiência, segundo o jornal, lotou o salão e o discurso sobre a importância da eugenia parecia interessar muitos membros das elites natalenses. Ao comentar a frequência da conferência, o jornal destacava que “além de diversas famílias das mais distintas de Natal, compareceram o representante do Estado, médicos, magistrados, professores e muitos dos que entre nós se interessam pelo futuro e aperfeiçoamento de nossa raça.”<sup>203</sup> Ao comentar a importância da eugenia para conquista da ‘geração forte’, o conferencista Chritovam Dantas acrescentou: “Assiste-nos o dever incontroverso de prepararmos uma geração forte, limpa de taras hereditárias trabalhando para a conquista de um posto sublimado.”<sup>204</sup> O aperfeiçoamento da raça, segundo os preceitos eugênicos difundidos em Natal em conferências, concursos de beleza e reportagens, era um dever a ser cumprido por todos os cidadãos, desde o governo do Estado e das associações esportivas responsáveis pela educação moral e física das crianças e jovens, às mães de família, que deveriam arcar com o patriótico dever de “cuidarem com carinho da educação de seus filhos, porque o papel mais importante na formação de uma nacionalidade forte pela saúde e moralidade de seus filhos, pertencia inegavelmente à mulher desempenhar”.<sup>205</sup>

Aos olhos dos especialistas, os anos 1920 demonstravam que os frutos de uma educação esportiva começavam a ser colhidos. A aliança dos esportes com a eugenia e a higiene era a solução encontrada pelos cientistas. Somente a união dessas três práticas teria o poder de restaurar as massas no país.

A eugenia apontava os esportes como uma solução para o que se acreditava ser um dos maiores problemas do país, a degeneração da raça, causada pelos muitos processos de miscigenação ocorridos ao longo dos quatro últimos séculos no Brasil. Em janeiro de 1920, um cronista, ao comparar duas épocas, mostrou-se entusiasmado com as visíveis mudanças de hábitos incorporados pela juventude natalense, citando Natal como um exemplo característico do poder do esporte:

---

<sup>203</sup> A CONFERENCIA de Christovam Dantas. *A Republica*, Natal, 5 jan. 1920

<sup>204</sup> A EUGENIA e o aperfeiçoamento da raça. *A Republica*, Natal, 9 jan. 1920.

<sup>205</sup> A CONFERENCIA de Christovam Dantas. *A Republica*, Natal, 5 jan. 1920

Quando parti, ha seis annos (...) Natal dormia o seu somno sepulchral e com elle a mocidade, anemica, lymfatica, prostrada no leito da degenerescencia physica e moral. Hoje, volto. E que transfiguração! A juventude é outra, outra a concepção da vida. As sociedades esportivas irradiam a um tempo a luz calma das alegrias fecundas e a fascinação dos corpos esbeltos e robustos. Ama-se a energia physica não apenas como um estímulo para exercita e a iniciativa nos adolescentes, para dar-lhes um sentimento vivo de sua personalidade e de sua dignidade pessoal, mas também porque, sem ella, se esterilizam a vontade e a intelligencia.<sup>206</sup>

Na opinião do cronista os jovens haviam transformado corpos raquíticos e franzinos em corpos musculosos, fortes e saudáveis. A estética corporal mudara como também mudaram as práticas, as maneiras de lidar com o corpo. A década de 1920 exaltava o corpo e, nesse período, um novo discurso apelava para a necessidade da prática de exercícios. Os jovens não demoraram a se deixar envolver pelos ideais esportivos e, logo, competiam nas quadras e nos rios, torciam e hasteavam as bandeiras de seus clubes favoritos. O esporte nos anos 1920 era um fenômeno urbano, que gerou moda e mudou a rotina das cidades.<sup>207</sup>

Os esportes ganhavam espaços nas colunas de jornal à medida que ganhavam prestígio na cidade. No jornal *A Republica*, as notas sobre os jogos saíam das sessões de notas “Várias” ganhando o seu espaço próprio na primeira página do jornal. A coluna “Desporto” atesta diariamente a energia e vibração que o esporte espalhava pelos habitantes da cidade.

A aura de entusiasmo esportivo que circundava a cidade só seria possível graças ao esforço de alguns membros das elites, que se mostraram grandes entusiastas das práticas esportivas entre os jovens. Foi decisiva a determinação e o fôlego de voluntários como Henrique Castriciano, Leite Ribeiro, Manuel Dantas e Luiz Soares, que trabalharam em prol da divulgação, instrução, financiamento e incentivo dos esportes na capital.

As práticas esportivas modernas diferem-se das antigas brincadeiras de rua por instituir espaços e regras às práticas relacionadas ao esporte. Os clubes e associações esportivas, neste

<sup>206</sup> A EUGENIA e o aperfeiçoamento da raça. *Republica*, Natal, 9 jan. 1920.

<sup>207</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu estático na metrópole*: São Paulo sociedade e cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 60.

caso, têm um papel fundamental. Eles definem os espaços destinados às práticas esportivas na cidade e selecionam entre os seus sócios os esportistas competidores. A prática do esporte moderno é institucionalizada, sujeita a regras e a um espaço propício. No entanto, havia maneiras de escapar das regras e imposições das elites. Como mostra, indignado, o redator d'*A Republica*:

A policia tem por mais de uma vez prohibido o jogo de "foot ball" por alguns meninos desocupados que procuram as ruas publicas para esse genero sportivo. Apezar disto, esses pequenos continúam a tanger a bola onde bem lhes convem, fazendo-se portanto necessaria uma medida mais energica afim de acabar de vez com semelhante abuso.<sup>208</sup>

Em Natal, salvo as devidas proporções, acontece o mesmo processo de especialização nas práticas esportivas que ocorreu na Europa. Um dos exemplos é a construção do *Prado Natalense*, em 1909. Construído no mais novo bairro da cidade, A Cidade Nova, o Prado dotava a cidade de um lugar específico para a criação e corrida de cavalos. As corridas de cavalos não eram uma novidade para os natalenses. As chamadas cavaladas eram práticas comuns, mas somente na virada do século aparece, entre os cavaleiros potiguares, a preocupação com a regulamentação das competições. Em 1900, deu-se a corrida inaugural do *Derby-Club Natalense*, clube que deveria promover não apenas as corridas, mas que se dedicaria ao desenvolvimento e aperfeiçoamento da raça cavalar.<sup>209</sup> Em geral, as corridas, ou cavaladas tomavam lugar nas ruas e avenidas da cidade, como nos conta um cronista, em 1903:

Hontem, à tarde na rua visconde do Rio Branco um, grupo de amadores, sob a direcção do camp. Fausto Leiros, realisou as annunciadas cavalladas. (...) Na falta de outras devemos cultivar essas festas, que alem da distracção commoda e barata á nossa gente, que gosa por ai da fama de tristonha e macambusia, servem para concervar as nossas tradições populares.<sup>210</sup>

<sup>208</sup> VARIAS. *A Republica*, Natal, 5 nov. 1917.

<sup>209</sup> DERBY-CLUB natalense. *A Republica*, Natal, 29 mar. 1900.

<sup>210</sup> A REPUBLICA, Natal, 13 abr. 1903.

Como podemos perceber, as cavaladas ainda traziam consigo fortes traços da cultura popular que não contrariavam o ideal de diversão buscado pelas elites. Essa falta de ímpeto da sociedade natalense em adotar os novos hábitos civilizados causaria no cronista um sentimento de resignação, que transparece em seu discurso ao comentar que na falta das distrações civilizadas, era preciso contenta-se com as brincadeiras feitas na rua.

Em 1906, fundou-se em Natal um novo clube dedicado ao desenvolvimento das corridas de cavalos em Natal. O *Sport Club Natalense* iniciou sua organização com 12.000 réis em ações. Este clube tinha por fim, “além de outros jogos esportivos, promover por meio de corridas e pela propaganda escrita o aperfeiçoamento da raça cavallar.”<sup>211</sup> No fim da década de 1900, o Sport Club Natalense deu início à construção de uma pista de corrida, que ficou conhecida como *Prado Natalense*. A construção do Prado tornou possível e aspiração das elites locais de transformar a popular cavalada num esporte respeitado.

Quando o Prado foi inaugurado, um novo quadro se mostrou no que diz respeito às corridas de cavalos, pois o Prado era um espaço dedicado com exclusividade à criação e corrida de cavalos, o que condiz com a imagem da cidade moderna, na qual cada prática devia ter seu lugar específico. Desta forma, as corridas não mais deveriam acontecer nas ruas da cidade. Uma outra relação travava-se entre o expectador e o espetáculo. Antes, o público poderia assistir às corridas das janelas das suas casas ou nas calçadas das avenidas; agora, teria que se deslocar de bonde até a Cidade Nova, comprar uma entrada, envergar a vestimenta adequada e se comportar civilizadamente, sem cometer excessos.

Obedecendo à mesma lógica dos clubes, o associado do *Prado Natalense* deveria obedecer a um regimento interno, que regulamentaria as ações dos sócios e do público em geral. Logo no primeiro artigo do regimento, limitava-se a entrada aos que portassem os “bilhetes de ingresso distribuídos aos accionistas, que serão os unicos admittidos a assistirem os ensaios, além

---

<sup>211</sup> SPORT Club Natalense. *A Republica*, Natal, 27 dez. 1906.

dos proprietários de animais, dos jockeys e tratadores”.<sup>212</sup> A cobrança de entradas inibia a presença de populares, e com isso criavam-se espaços de sociabilidade excludentes.

As corridas realizadas no Prado recebiam um público composto por famílias e cavalheiros. Na possível intenção de atrair mais famílias, e não apenas senhores e rapazes, o *Sport Club Natalense* oferecia entrada franca às mulheres.<sup>213</sup> Ainda comentando a frequência das corridas, o redator d’*A Republica* escreveu:

realizou hontem com numerosa e selecta assistência a corrida anunciada o *Sport Club Natalense* Havia nas archibancadas grande números de senhoras e cavalheiros de nossa elite social dando á esplendida diversão da sympathica sociedade um cunho de alta distinção.<sup>214</sup>

O destaque dado ao caráter seletivo da assistência confirma algumas suspeitas levantadas anteriormente: a de que havia uma preocupação de certos grupos de criar no Prado um espaço de convivência restrito. E, assim, como em muitos espaços de sociabilidade que se inauguravam nos bairros mais afastados da cidade, foi fundamental a presença do bonde como um meio de transporte eficiente, responsável pela expansão efetiva da cidade. Não seria simples coincidência a inauguração do Prado Natalense ter-se dado no mesmo ano em que foi inaugurado o bonde de tração a burro. A companhia de bondes enviava bondes a cada 20 minutos para o Prado em dias de corrida. Após a construção do Prado no bairro Cidade Nova, é comum encontrar referências que substituem o nome do bairro de *Cidade Nova* por *Prado*, de modo que o nome da atividade de práticas se sobreponha ao nome oficial do bairro.

Ao comentar o caso específico da Europa, o historiador George Vigarello aponta duas diferentes direções tomadas pelo esporte no Velho Mundo durante a segunda metade do século XIX. Na primeira situação, práticas antigas, como a corrida de cavalos e a caça, são dotadas de regras e especificidades, criando-se justificativas para a manutenção daquelas práticas.<sup>215</sup> Deste modo, em Natal, a corrida de cavalo ganhava um novo espaço: o Jóquei-Club. Os cavalheiros

---

<sup>212</sup> REGIMENTO interno do Prado Natalense. *A Republica*, Natal, 18 maio 1909.

<sup>213</sup> A REPUBLICA, Natal, 3 fev. 1909.

<sup>214</sup> NOTAS sportivas. *A Republica*, Natal, 2 mar. 1909.

<sup>215</sup> VIGARELLO, Georges. *Le temps du sport*. In: CORBIN, Alain. *L’avènement des loisirs: 1850-1960*. p. 1194-196.

ganham outra definição: eram agora *Sportmans*, e a corrida ganhava um novo propósito - o de “aperfeiçoar a raça cavalhar”. O *sportman* tinha um papel social de testemunhar a melhoria da raça. Ele não inventou nem a corrida de cavalo, nem a caça, nem um tempo particular para sua prática, mas criou uma finalidade e uma utilidade para práticas já existentes.

Na segunda situação, exposta por Vigarello, temos um outro tipo de esportista, este exclusivamente cidadão, que busca no esporte não uma utilidade, e sim uma via de escape do tumulto do trabalho. Enquanto o *sportman* dota de utilidade o tempo dedicado ao esporte fazendo com que a prática esportiva ganhe a importância de um ofício, de modo a profissionalizar o esporte, o segundo tipo de esportista busca no esporte um tempo oposto ao do trabalho, o tempo do lazer. As duas situações mostram a mudança da relação do homem com o trabalho e, logo, com o tempo de trabalho, as quais nada mais são que reflexos do novo modelo de produção industrial implantado no século XIX, que por exigir rapidez na produção, distribuição e consumo de bens materiais, acabou alterando as relações sociais do homem com o tempo. O homem moderno tinha pressa, e até mesmo o ócio e o lazer também passaram a ser controlados pelo relógio.

Nas cidades, onde as relações com o mundo industrial eram mais estritas, o tempo ganhou uma dinâmica nova. O cronômetro marcava precisamente a superação humana. O tempo moderno era preciso, governado não mais pelo sol e sim pelo relógio. Toda a cultura da rapidez, vivida pelos grandes centros, vinha se refletir nos esportes.

### **4.3 Ao mar, gente moça!**

Os esportes aquáticos apostavam na junção do lazer e bem-estar proporcionados pela prática de exercícios físicos. Em Natal, duas associações esportivas promoviam competições no rio e nas praias que cercavam a cidade. As provas disputadas de natação, remo e *water polo* não eram festas apenas dos atletas. Os convites se estendiam às famílias dos sócios, que

acompanhavam as competições ao som da banda do Batalhão.<sup>216</sup> Em 1916, *A Republica* afirmou que aproximadamente 200 jovens natalenses dedicam-se à prática de esportes marítimos.<sup>217</sup> Com os clubes náuticos e os estuários, a praia e o rio se consolidavam como ambientes de lazer para as elites natalenses.

Desde a última década do século XIX, havia registros da prática do remo no estuário Potengy. Ao comentar a primeira prova realizada no rio Potengy, em 1897, o redator d' *A Republica* destaca o aspecto festivo que se irradiava pelas margens do rio, confirmado pelos sorrisos da platéia, o que fez o cronista acreditar que estava diante de um novo gênero de diversão que desembarcava na cidade.<sup>218</sup>

Os esportes modernos conquistaram os aplausos e a admiração de muitos atletas e entusiastas. Mas as novas diversões não implicavam numa rápida substituição das antigas brincadeiras de rua. Havia um período de transição entre o novo e o tradicional, e a velocidade da mudança dependia do empenho dos grupos influentes em discursar a favor do novo, ou das ações dos dirigentes no sentido de regulamentar as novas práticas. Algumas práticas tradicionais, por já não corresponderem às aspirações das elites, acabavam sendo taxadas, por esse grupo, como “práticas impróprias”, não cabíveis numa cidade que desejava progredir. A população, no entanto, não acompanhava as mudanças na mesma velocidade em que elas se instalavam, de modo que era comum a convivência entre o novo e o velho, por mais que fossem de encontro aos discursos de civilidade e progresso e acabassem surpreendendo alguns contemporâneos, como o autor da passagem abaixo, publicada no jornal *A República* em 1897:

Depois de regatas, prados, concertos... pau de sebo! Eu pensava que esse divertimento rês tivesse cahido em exercícios findos, mas qual! Elle hoje ergue-se, desafiando o entusiasmo dos trepadores, na rua Silva Jardim.<sup>219</sup>

---

<sup>216</sup> A REPUBLICA, Natal, 11 ago. 1916.

<sup>217</sup> NOTAS sportivas. *A Republica*, Natal, 19 set. 1916.

<sup>218</sup> REGATA. *A Republica*, Natal, 18 maio 1897.

<sup>219</sup> INSTANTANEA. *A Republica*, Natal, 13 jun. 1897.



O tom de desprezo em relação às brincadeiras populares costumava vir seguido de exaltações aos novos divertimentos, que, supunham os críticos, seriam mais adequados a uma cidade que desejava civilizar-se.

Como foi visto, as provas náuticas já movimentavam a vida social em torno do estuário Potengy nos últimos anos do século XIX. Só em 1915, foi fundado o primeiro clube náutico de Natal: o *Centro Náutico Potengy* e, como não há competição sem adversários, não demorou a surgir o *Sport Club do Natal*.

A inauguração dos clubes náuticos desenhava o início de um quadro que começava a se consolidar na cidade. Na primeira década do século XX, os esportes da cidade eram coordenados por clubes esportivos gerais, que organizavam as várias atividades esportivas, como o *Sport Club Natalense*. Essa ampla gama de esportes, coordenados por um único clube, passou a dar lugar a um outro tipo de associação esportiva, com clubes mais específicos, voltados para um número cada vez mais restrito de esportes. Esse era o caso dos *Sport Club do Natal* e do *Centro Náutico Potengy*.

Essas associações estavam de acordo com todo o discurso médico higienista pregado pelos homens de ciência. O culto ao corpo virava rotina para os jovens, e em pouco tempo a fisionomia do rio mudou. Essa nova paisagem que surgia no Potengy não escapou aos olhos do tenente Leite Ribeiro, fundador do *Centro Náutico Potengy*:

É por certo um agradável e consolador espectáculo a contemplação do estuario do Potengy nas manhãs dos domingos. Cerca de quinze embarcações, grandes e pequenas, cruzam incessantemente as aguas mansas do rio, tripuladas pelos cultores do "rowing".<sup>220</sup>

O culto ao físico não foi o único princípio dos clubes esportivos. Estas associações interferiam na vida da cidade de diferentes modos. No carnaval, por exemplo, não era incomum encontrar atletas e sócios empenhados em organizar festas ou pontos de parada das bandas

---

<sup>220</sup> NOTAS sportivas. *A Republica*, Natal, 19 set. 1916.

marciais em suas sedes, como o Baile do Carnavalesco organizado pelo Centro Náutico em 1923. Ao comentar a festa organizada pelos atletas, o jornalista *d'A Republica* anunciou: “sabemos que uma grande comissão constituída por elementos de alto commercio da Ribeira, com o concurso de rapazes do “Centro Nautico potengy”, acaba de tomar a frente dos festejos carnavalescos a serem realizados na Avenida Tavares de Lyra.”<sup>221</sup>

Outra quebra de rotina proporcionada aos sócios dos clubes náuticos eram os passeios de lancha e piqueniques, organizados pelos clubes, que geralmente tomavam lugar nas praias e subúrbios da cidade. Em 1916, o *Sport Club do Natal* organizou um desses eventos: tratava-se de um passeio fluvial de lancha até Macahyba, terminando o passeio em uma festa na vizinha cidade para os sócios e seus familiares.<sup>222</sup>

A manutenção dos clubes requeria uma soma considerável de dinheiro, e quanto maior a estrutura física do clube, maiores os gastos envolvidos. Ao mencionar as dificuldades vividas pelos clubes, Ribeiro desabafava e pedia maior incentivo ao esporte, indispensável ao progresso dos clubes esportivos, já que “a contribuição mensal dos socios é diminuta e tem applicação obrigatoria no pagamento de aluguel de casa, agua, luz, empregados etc.”<sup>223</sup> Desta forma, as confraternizações organizadas pelos clubes, além de promover a diversão dos sócios, permitiam a arrecadação de recursos para essas mesmas associações. Foi o caso do festival de cinema, num sábado de agosto em 1916, organizado pelo *Clube Náutico Potengy*, em parceria com o *Cinema-Royal*. Naquele sábado, parte da bilheteria recolhida pelo cinema ajudaria na finalização das obras de construção da sua sede.<sup>224</sup> Além dos festivais, piqueniques e competições, os bailes e jantares marcavam fortemente a vida dos clubes esportivos.

Os bailes e confraternizações tinham lugar tanto na sede social do clube quanto em outros espaços de sociabilidade, dependendo da importância do evento. A chegada do time de remo do *Sport Club do Recife* em Natal foi motivo para uma grande *soirée*, promovida pelo *Centro Náutico no Aero Club*.<sup>225</sup> Em 1921, uma outra comemoração levou os sócios do clube ao restaurante do Hotel Internacional,<sup>226</sup> o que indica que as relações de companheirismo e amizade

<sup>221</sup> CARNAVAL. *A Republica*, Natal, 28 jan. 1923.

<sup>222</sup> VARIAS. *A Republica*, Natal, 16 set. 1916

<sup>223</sup> NOTAS sportivas. *A Republica*, Natal, 19 set. 1916.

<sup>224</sup> VARIAS. *A Republica*, Natal, 1 ago. 1916.

<sup>225</sup> VARIAS. *A Republica*, Natal, 7 maio 1929.

<sup>226</sup> VARIAS. *A Republica*, Natal, 9 out. 1921.

dos sócios não estavam restritas à sede do clube ou aos lugares destinados às competições e treinos. De fato, os mesmos membros das elites que compunham os clubes esportivos eram sócios de outros grêmios e associações, como o *Natal-Club* e, também, frequentadores dos espaços de sociabilidade das elites, restaurantes, praças, teatros e cafés.

Em 1918, numa festa em homenagem ao editor-chefe da *Republica*, Eloy de Souza, foi anunciado o esboço de uma nova instituição esportiva que viria a renovar o quadro esportivo natalense. Tratava-se do regimento de dois clubes náuticos da cidade sob as normas de uma instituição superior, que seria responsável pela organização e coordenação das competições oficiais de remo e natação, além de mediar possíveis conflitos entre os clubes. O novo *Conselho Superior dos Sports Náuticos*, tão aplaudido por intelectuais e desportistas, alterava as regras da conduta esportiva dos clubes, padronizando-os, criando limites, obrigações e normas que deveriam ser seguidas. Deste modo, as associações de esportes náuticos passaram a ter seus eventos formalizados por uma outra instituição. A festejada união dos clubes teve lugar em um outro espaço de sociabilidade, muito prezado pelas elites locais, o famoso *Natal Club*.<sup>227</sup>

A proposta lançada por Eloy de Souza parece ter produzido bons frutos. À medida que adentramos nos anos de 1920, mais percebemos um aumento da articulação entre os clubes e o conselho. O sucesso do *Conselho Superior de Sports Náuticos* inspirou muitos amantes do esporte a lutarem pela implementação de uma instituição semelhante que viesse a coordenar os esportes terrestres em Natal. A idéia pareceu sensata pois, ao que indicava ela funcionava muito bem com os esportes náuticos. No entanto, essa idéia encontrou resistência de alguns clubes de futebol, que argumentavam que a formação de uma liga desportiva traria limitações às associações. Ao contrário do que pensavam os dirigentes dos clubes de futebol, o tenente Leite Ribeiro defende entusiasmadamente, na página esportivas d'*A Republica*, a organização do futebol natalense, criticando qualquer posição contrária:

Os clubs não se querem sujeitar á formação d'uma Liga porque essa certamente lhes dará obrigação e elles querem ser "independentes" muito embora essa "independencia", que se manifesta principalmente pela não selecção dos elementos, constitua o maior impecilio ai progresso real do sport.

---

<sup>227</sup> OS CLUBES de regatas promoveram hontem, brilhante manifestação ao senador Eloy de Souza. *A Republica*, Natal, 6 mar. 1918.

Aqui, o tenente Ribeiro levantava uma questão importante. Ao mencionar a resistência dos clubes de futebol, ele indicava uma postura amadora adotada por esses clubes, que não se sentiam confortáveis com os padrões profissionais, os quais nessa década começavam a ser implementados no Brasil. O que levava o tenente a concluir que enquanto as normas profissionais não se estabelecessem, o futebol local estaria impedido de crescer. Na opinião de Ribeiro, a criação de uma liga esportiva não só organizaria o futebol de Natal, como também contribuiria para a educação dos torcedores. A rivalidade entre os times locais, apontada pelo autor como ‘clubismo’, traria consigo muitos aspectos pouco honrosos pois,

quando um desses clubs mede força com outro de fóra, como presentemente se tem verificado, os sócios dos outros clubs locais, ‘torcem’ contra seus congêneres, na demonstração mais positiva da rivalidade, da falta de união e da pouca educação esportiva do meio.

Para isso é preciso unicamente que, á testa dessas sociedades, estejam verdadeiros ‘sportmen’, desses que não vejam, por exemplo, sem constrangimento, apresentarem-se em campo, para medir forças com um competidor estranho, jogadores desuniformizados e até descalços...<sup>228</sup>

Novamente, a falta de profissionalismo dos times era apontada como um agravante, um empecilho à evolução do esporte local. Desta vez a crítica aos dirigentes era precisa: só verdadeiros *sportmans* seriam capazes de enxergar a importância da liga esportiva. Percorrer esse artigo nos leva a considerar esse tipo de instituição como algo multifuncional, sendo ela normatizadora, mediadora, organizadora e educadora.

O apelo pela formação de um conselho superior de futebol foi atendido pelos dirigentes dos clubes, ainda nesse mesmo ano de 1918, com a fundação da *Liga Desportos Terrestres*, sob a presidência do Dr. Potygar Fernandes. Não demorou para que a gerência da Liga agisse. Poucos meses depois da sua criação, já se tinha organizado um campo de futebol, no bairro do Tyrol, e um campeonato interclubes.

Assim como o *Conselho Superior dos Sports Náuticos*, a *Liga de Desportos Terrestres* agia no sentido de organizar competições, delegar normas, intermediar intrigas e medidas para educar o público. Esse prezar pela ordem fazia com que os dirigentes dessas instituições se

---

<sup>228</sup> NOTAS sportivas. *A Republica*, Natal. 20 jun. 1918.

encarregassem dos mínimos detalhes, como o cuidado do Dr. Fernandes pedindo publicamente ao Sr. Américo Gentil, proprietário da empresa Tração Força e Luz, o aumento do número de carros com destino ao Tyrol nos dias de jogos do campeonato. A vida esportiva na cidade indiretamente exercia uma pressão sobre as organizações do transporte público, fundamental para a união dos bairros e expansão da malha urbana, mas que, segundo as reclamações registradas nos jornais, muitas vezes era deficiente.<sup>229</sup>

Por mais que estivessem a caminho de uma profissionalização, os clubes ainda eram sociedades amadoras. E para ser atleta do clube e honrar suas cores nas competições não bastava só o amor à camisa. Aos sócios jogadores estavam previstos a lealdade ao clube e o pagamento regular de suas mensalidades. E quando essas obrigações não eram cumpridas, cabia aos dirigentes dos clubes tomarem providências, de modo que a não efetuação do pagamento das mensalidades pelos sócios jogadores implicava, no geral, em expulsão do clube. Foi o que aconteceu em 1923, com um atleta do *Sport Club*, que foi eliminado por falta de pagamento. A expulsão que deveria ter terminado com o problema do *Sport*, acabou iniciando uma querela esportiva entre os clubes náuticos da cidade pois, tendo em vista as habilidades do rapaz, os dirigentes do *Centro Náutico* procuraram incorporar o ex-remador do *Sport* a sua equipe. Quando os dirigentes do *Sport* descobriram as pretensões do seu rival, não ficaram muito contentes. Para expressar a sua discordância, e apelar pelo impedimento do remador de competir pela equipe adversária na corrida de 7 setembro, o *Sport* recorreu ao *Conselho Náutico Superior*.

No pensamento do diretor do Centro Náutico, o tenente Leite Ribeiro, não haveria motivos para desentendimentos pois, no seu julgamento, as negociações não feriam nenhuma norma.<sup>230</sup> Todavia, ele anunciava que, qual fosse a decisão do conselho, não haveria desarmonia, pois ambos os clubes saberiam acatar a decisão tomada. O papel do conselho, nesse caso, mostrou-se decisivo. A centralização das regras em um órgão superior seria essencial para que as pequenas querelas não acabassem desarticulando as relações interclubes. A subordinação dos esportes náuticos e terrestres a um conselho superior tornou possível uma maior estruturação dos clubes, que caminhavam, nos anos 1920, rumo a uma profissionalização.

Muitos esportes que surgiram na Inglaterra, na segunda metade do século XIX, assumiam uma postura educadora, disciplinadora. Nas escolas, o futebol funcionava como um construtor de

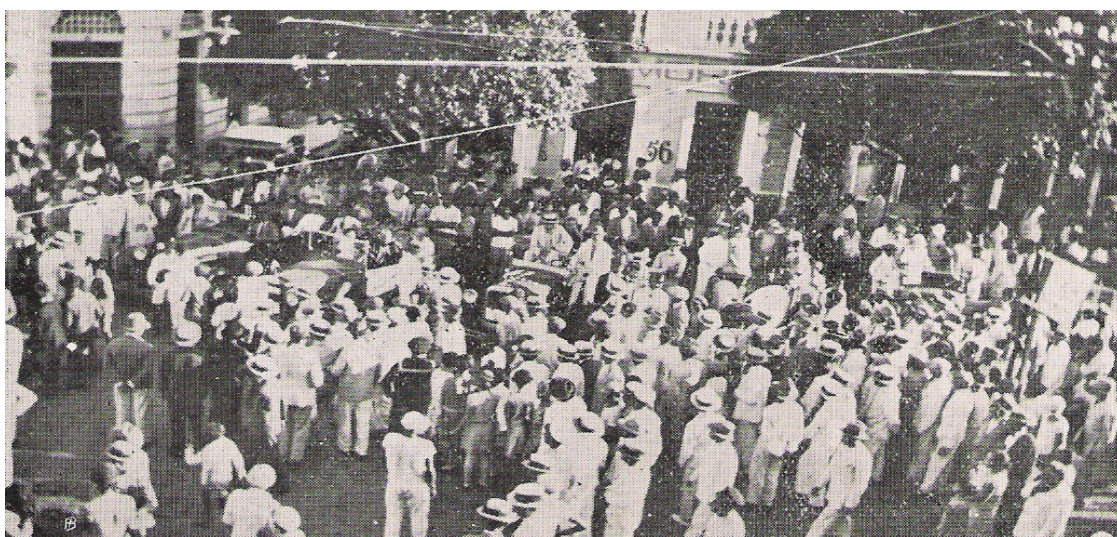
---

<sup>229</sup> CAMPEONATO 1918. *A Republica*, Natal, 14 set. 1918.

<sup>230</sup> DESPORTO. *A Republica*, Natal, 28 ago. 1923.

uma ética esportiva, do respeito entre colegas, controlador das pulsações. Na virada do século, o futebol já ganhava espaço nas classes médias, que adoravam a prática do futebol como um meio de extravasar as suas energias. Essa visão disciplinar do futebol foi a mesma que se plantou em solo brasileiro e seguiu sendo até a Primeira Guerra. Com a guerra, mais uma vez, as tendências nascidas na Europa atravessaram o mar e se instalaram no Brasil. A novidade, desta vez, era o culto nacional ao futebol, a transformação do futebol num rito de integração nacional. Assim, o futebol entrava em um caminho sem volta. Nascia o futebol espetáculo e com ele o esporte como um lazer de massas.<sup>231</sup>

Em Natal, a articulação dos clubes, que se deu na década de 1920, já indiciava uma mudança de comportamento dos esportistas. O crescente número de competições, a busca por melhorias estruturais das sedes e campos dava aos clubes um ar profissional, status que só definiu os clubes de Natal, de fato, em meados dos anos de 1930. E seria justamente na década de 1920 que veríamos surgir uma nova relação da cidade com os esportes. Despontavam as primeiras ações do esporte de massa em Natal.



Torcida do ABC recepcionando o time na Rua Tavares de Lyra.<sup>232</sup>

<sup>231</sup> CORBIN, Alain. Le destin contrasté du football. In:\_\_\_\_\_. *L'avènement des loisirs:1850-1960* ; Sobre o caso brasileiro ver: MATTOS, Cláudia. *Cem anos de paixão: uma mitologia carioca no futebol*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

<sup>232</sup> A BRILHANTE victoria. *Cigarra*, Natal, ano 2, n. 4, p. 57, ago. 1929. il.

O crescente envolvimento das torcidas nas competições de remo e, especialmente, nas partidas de futebol, era uma das notáveis mudanças na década de 1920. Assistir aos jogos que antes era uma simples diversão de fim de tarde começou a ganhar proporções cada vez mais sérias, a começar pelo envolvimento do torcedor com o seu clube. As torcidas, que a princípio eram constituídas pelos sócios dos clubes e seus familiares, expandiram-se, envolvendo pessoas não associadas.

Os clubes, com suas bandeiras, hinos e dizeres, inebriavam as torcidas com um sentimento de pertencimento, de modo que se construía uma identificação do torcedor com a sua associação esportiva preferida. Esse sentimento de pertencimento, que se irradiava pelos habitantes da cidade, era o responsável pela formação de uma identidade coletiva que ia além da partida de futebol, ou da disputa de remo. Muitas vezes, o sentimento de pertencimento do clube estava atrelado a uma identidade espacial. Torcer pelo time do Alecrim era, também, torcer pelo representante do bairro do Alecrim. Desta mesma maneira, quando um time norte-riograndense jogava com um time de fora, ele estava disputando não apenas em honra de sua camisa, ele jogava, também, em defesa do Estado.

Outro indício de um despontar da profissionalização do esporte estaria na mercantilização do esporte. Enquanto as partidas de futebol agregavam cada vez mais torcedores, alguns comerciantes, e os próprios clubes, enxergavam aí uma oportunidade de ganhar dinheiro. Essa visão comercial do esporte foi explorada pelo proprietário da *Casa dos Reis*, ao anunciar a chegada de novas camisas listradas, nas cores preto e branco, aos torcedores e atletas do *ABC* e *Centro Náutico Potengy*.<sup>233</sup> A cobrança de entrada nos jogos de futebol era uma nova maneira de complementar a renda do clube, que passava a não depender apenas das mensalidades dos sócios. A comercialização dos ingressos não beneficiava apenas os clubes: anunciar a venda de entradas em estabelecimentos comerciais seria atrair clientes em potencial para as lojas. Assim, alguns proprietários de lojas e cafés, já nos anos de 1920, visualizavam a potencialidade comercial escondida por trás de uma partida de futebol. Foi a proposta do sr. Anaximandro, um comerciante, dono do café *Cova da Onça*, localizado na Avenida Tavares de Lyra, que anunciava no jornal, em 1927, a venda de ingressos esportivos.<sup>234</sup>

---

<sup>233</sup> ANNUNCIOS. *A Republica*, Natal, 25 out. 1916.

<sup>234</sup> A REPUBLICA, Natal, 15 nov. 1927.

Já sabemos que as práticas modernas implicam em espaços específicos. As práticas esportivas não fogem a essa regra. No caso do futebol, sua prática dependia do campo, das marcações, das arquibancadas, do juiz, dos jogadores e da bola. Sem utilizar-se de nenhum desses recursos, uma outra prática surgia, sustentada pelos resultados obtidos nos campos de futebol: tratava-se de um novo hábito dos cidadãos, o falar de futebol. Essas conversas futebolísticas davam-se em torno da praça do bar ou nos ambientes privados. Um exemplo de como se davam esses momentos de descontração foi dado pelo cronista Paudessú Ricla. Numa quinta-feira, após assistir à partida de futebol no Tyrol, Paudessú seguiu com um amigo para um café, a fim de refrescar-se com uma laranja. Muito atento ao movimento dos fregueses, nosso cronista observava: “pela sala havia mais rapazes e meninos, soldados recém-sorteados, que também discutiam e fallavam animadamente, descrevendo uma peripecia, elogiando um jogador, criticando acerbadamente um outro”.<sup>235</sup>

De diversas maneiras a paixão pelo esporte era revelada pela torcida. O proprietário do *Café ABC*<sup>236</sup>, que se localizava na travessa Ulisses Caldas, muito possivelmente escolheu o nome do seu estabelecimento em homenagem ao seu clube favorito. Outros torcedores demonstravam o seu favoritismo nas arquibancadas, ou quem sabe, em fervorosas conversas de bar. O que não era admissível ou aceitável, para grande parte das elites natalenses, era o favoritismo do torcedor transpor os limites impostos pelas regras de civilidade. Essa falta por parte de alguns torcedores foi tema de um artigo esportivo, publicado pelo jornal *A Republica*, em 1918. Ao cobrir o jogo do *Centro Sportivo Natalense X América Football Club*, pela disputa do campeonato da cidade, o redator observou atentamente o comportamento da torcida. Indignado com o que viu, compartilhava com os leitores sua frustração com parte da torcida e pedia providências:

Temos notado por vezes nos jogos realizados no field do Tyrol serias inconveniencias por parte de alguns espectadores que não sabem manter a devida compostura, fazendo alfazar improprias de lugares frequentados por familias. Muito exaltados chegam ao extremo de vaiar os jogadores e fazer observações inconvenientes que não lhes competem, além de incomodarem os assistentes.<sup>237</sup>

---

<sup>235</sup> PARTIDA de football. *A Republica*, Natal, 11 jul. 1918

<sup>236</sup> SOLICITADAS. *A Republica*, Natal, 4 jan. 1924.

<sup>237</sup> FOOT ball. *A Republica*, Natal, 14 out. 1918.



Extravasar a paixão pelo time não poderia ser feito ao bel prazer do torcedor. As normas de conduta nos espaços públicos deveriam ser mantidas. Pelo menos era esse o discurso defendido pela elite letrada. Mas, ao que parece, era difícil controlar os impulsos da paixão, que atacavam a racionalidade de alguns torcedores fazendo-os ‘retroceder’, ou quem sabe libertarem-se das ‘presilhas’ impostas pelas normas da moral e dos bons costumes. A torcida não era a única a perder o ímpeto de civilidade, como nos mostra o cronista: “os *players* no calor da lucta ou por falta de ‘educação’ sportiva se exaltam demais em dados momentos, desrespeitando as regras do foot ball para atacarem uns aos outros”<sup>238</sup>. A falta de compostura, portanto, também era sentida em campo. A agressividade de alguns jogadores, a não obediência das regras, contrariava os valores esportivos da união, civilidade e saúde.

O empenho em formar cidadãos fortes e sãos teve apoio da intelectualidade local e, conseqüentemente, do governo, com especial destaque ao governo de Juvenal Lamartine (1928-1930). No curto período em que administrou o Rio Grande do Norte, Juvenal Lamartine investiu dinheiro público em vários projetos voltados para a prática esportiva. Três das suas grandes obras refletiram, direta ou indiretamente, no movimento esportivo natalense. Indiretamente, a construção da Avenida Atlântica, na praia de Areia Preta, facilitou ainda mais a ida à praia e a prática dos esportes náuticos. Já a construção do *Aero-Club* afetou diretamente os sportistas amadores, que se associaram a esse novo clube, beneficiados com uma nova quadra de tênis, piscina e salões de dança. Mas nenhuma dessas obras teve o impacto esportivo do *Stadium Juvenal Lamartine*, inaugurado em 1929, onde funcionava o campo da *Liga de Desporto Terrestre*, no bairro do Tyrol.

O estádio esportivo seria a consagração da vida esportiva no estado. Esse prédio monumental que se erguia na cidade seria mais um símbolo do avanço da cidade rumo à civilidade. Seria, também, a prova do empenho governamental de promover a cultura esportiva entre os jovens. Essa parece ser a opinião do colunista de esportes da *Republica*, ao mencionar que o: “stadium marcará incontestavelmente, uma expressão magnífica do nosso progresso e, sobretudo o nosso devotamento á cultura desportiva da mocidade de nossa terra.”<sup>239</sup>

---

<sup>238</sup> FOOT ball. *A Republica*, Natal, 14 out. 1918.

<sup>239</sup> DESPORTO, *A Republica*, Natal, 2 ago. 1928.

A devoção à saúde e ao movimento esportivo são marcas indeléveis da vida citadina no aflorar do século XX. Mas nem todas práticas que envolvessem força física e tonificação muscular eram legítimas: algumas práticas esportivas, e algumas trapaças, pouco esportivas, entravam em contradição com as noções de civilidade adotadas pelos membros das elites natalenses.

#### 4.4 Anti-esportismo

Num mundo em que a imagem despertava fascínio, o cinema era entretenimento para todos. Idéias avançaram pelos continentes através das películas exibidas nas salas de cinema. Em Natal, muitos ocupavam as cadeiras do *Cinema Royal*, na Cidade Alta, ou do *Politheama*, na Ribeira, em busca de distração. Foi justamente numa ida ao *Cinema Royal*, no ano de 1921, que a poetisa Palmyra Wanderley conheceu o então já comentado boxe.

A exibição cinematográfica da luta americana foi esperada, não apenas por Palmyra, mas também por muitos outros curiosos, que tiveram que pagar alguns tostões a mais no ingresso, que sofreu, em virtude desta exibição, um reajuste de 20%, passando a custar 1\$500 em vez dos habituais 1\$200. A alta procura do público indicava uma curiosidade das pessoas para com as novas práticas esportivas. As reações ao novo esporte, no entanto, não foram positivas. Chocada com as cenas de violência do filme, a poetisa Palmyra Wanderley decidiu tomar o boxe como tema da sua coluna feminina do jornal *A Republica*. A opinião de Palmyra não difere da maioria dos natalenses instruídos que pensavam que:

o corpo precisa ser adestrado, educado, desenvolvido, porque isso importa a sua beleza, a sua força, a sua saúde, a sua inteligência, a sua moral. mas não sera de um sport como o box que açulando sentimentos inferiores avilta, degrada o homem, que a deve esperar a resurreição e aperfeiçoamento das raças. Não é violencia, o rancor, a grosseria, que corrigem os homens.<sup>240</sup>

---

<sup>240</sup> WANDERLEY, Palmyra. Sutileza feminina. *A Republica*, Natal, 13 nov. 1921.

Em sua reflexão sobre a moral do esporte, não haveria lugar para o boxe, já que a agressividade e a violência, que eram características essenciais desse esporte, eram combatidas por muitos intelectuais e esportistas contemporâneos. Atacado pelas elites locais, o boxe foi considerado, na Natal dos anos de 1920, um esporte bárbaro, agressivo, não correspondendo aos valores de civilidade defendidos com fervor pelos homens instruídos.

O esporte moderno molda o corpo, melhorando-o, aperfeiçoando as formas, fortificando-o, dotando-o de beleza. A beleza alcançada pelo trabalho dos músculos, na leitura dos esportistas, era mais do que beleza física. Era uma beleza moral, construída pelo trabalho em equipe, pela disciplina e pela boa vontade, motivo pelo qual, na opinião de intelectuais natalenses, o boxe não poderia ser visto como um esporte. Em matéria sobre o vencedor mundial de boxe, o colunista da republica escreveu “O box é o mais violento e, por isso mesmo o mais antipathico dos sports. Nem sei mesmo si mereça tal classificação”.<sup>241</sup>

A beleza, nesse sentido, seria uma virtude, uma qualidade construída pela perseverança e dedicação. A transformação dos corpos, proporcionada pelos exercícios, foi tema de mais um discurso proclamado pelo grande entusiasta dos esportes, o tenente Leite Ribeiro. Em sua fala, ele exaltou as transformações sofridas pelos primeiros moços natalenses que se dedicaram à prática do remo e da natação, antes “adolescentes rachiticos, enfezados, amarelos e doentios, que hoje os admiram cheios de vida, de saude, fortes, alegres decididos.” E segue, afirmando os benefícios que o esporte havia trazido a esses jovens, como o afastamento dos vícios, já que com o esporte “os moços que hontem se entregavam á otras diversões unicamente perniciosas e que contemplam hoje, safisfeitos, ao espelho, o peito saliente, os biceps endurecidos e musculosos.”

---

<sup>241</sup> NOTAS sportivas. *A Republica*, Natal, 21 set. 1923.



Banhistas em areia Preta e atletas do Centro Náutico Potengy 242

Esculpir músculos, colecionar virtudes, superar limites: o esporte moldava não apenas os corpos, mas as mentes da juventude. Ser um esportista passou a ser um predicado fundamental dos jovens citadinos. Eram os mais musculosos, os mais ágeis que se destacavam nas festas esportivas, nos banhos de mar. Eram eles os alvos dos olhares apaixonados das moças nos bailes do *Natal-Club* e do *Aero-Club*. Alguns moços, decerto mais preguiçosos, tentavam conseguir o status de *sportman* trilhando um caminho mais curto. Esses moços possuíam a incrível habilidade de aumentar de manequim em poucos minutos. A idéia era simples: em vez de inflar o músculo com esforço físico, o faziam através dos alfaiates, que costuravam os falsos músculos nas suas roupas de baixo. Daí serem esses moços conhecidos como ‘almofadinhas’. A trapaça poderia até funcionar com as moças nos bailes do *Natal-Club*, mas era severamente condenada pelos verdadeiros incentivadores do esporte.<sup>243</sup>

Fosse através dos árduos exercícios, ou por via das funcionais almofadas, o que se desejava era construir para si a imagem do esportista. Os sacrifícios dos atletas e as artimanhas dos almofadinhas traduzem um desejo que dominava a todos na cidade: saúde, força, habilidade e velocidade. Nas principais cidades do mundo, refletindo-se também em Natal, os esportes alteraram e renovaram as formas de lazer e sociabilidades no meio urbano.

<sup>242</sup> AS NOSSAS Praias. *Cigarra*, Natal, ano 1, n. 2, p. 22, dez. 1928. il.; ESPORTES. *Cigarra*, Natal, ano 3, n. 5, p. 53, mar. 1930. il.

<sup>243</sup> DEGENERADOS. *A Republica*, Natal, 15 maio 1920.

## 5 ET VOILÁ! NATAL TAMBÉM CIVILIZA-SE!

As elites natalenses viram-se no desenrolar das três primeiras décadas do século XX, uma vagarosa, porém significativa, transformação da cidade. A cidade foi lentamente mudando as suas formas, novas edificações surgiam para abrigar associações, novas praças ajardinaram-se e monumentos foram levantados. As ações administrativas e privadas em torno da modernização da cidade, que já vinham ocorrendo espaçadamente desde o final do século XX, foram significativamente intensificadas na virada do século. Nesse período, imponentes prédios foram erguidos na capital do estado, novas avenidas foram projetadas. O desejo de modernizar Natal, sentido por uma boa parte da elite, seguia uma tendência nacional, que teve seu início com a onda de reformas postas em prática pelo prefeito Pereira Passos, no Rio de Janeiro. Natal, tal qual o Rio, São Paulo, Porto Alegre, Belém e Recife, buscava firmar a sua identidade como capital moderna.

Se comparadas às vivenciadas em capitais brasileiras no mesmo período, não houve, em Natal, transformações significativas. Mas a postura da administração pública e outros membros das elites natalenses no sentido de renovar as práticas sociais na cidade impulsionaram e firmaram os ideais do progresso. Em suma, a construção da imagem de Natal como capital moderna partiu das intenções de membros das elites locais.

Apesar das construções mais imponentes serem iniciativas do poder público, uma parte considerável das investidas em prol da modernização da cidade não partiu da administração do estado. Uma boa parte das elites natalenses já havia experimentado o ritmo de vida das grandes cidades e desejava, na medida do possível, aplicá-lo ao cotidiano de Natal. Com essa intensão, alguns dos mais afortunados natalenses tentaram à sua maneira trazer um pouco do espírito do progresso a Natal, como foi o caso do sr. Anaximandro, proprietário do café *Cova da Onça* e do *Café Petrópolis*, que inaugurou o primeiro café de vista para o mar, no qual se poderia apreciar boa comida e receber os salubres ventos vindos do oceano, ou do sr. Luiz Camare, doador de um terreno na avenida Rodrigues Alves, destinado à construção do *Natal Tennis Club*, primeira agremiação onde se podia praticar esse esporte na cidade.

À medida que os membros das elites criavam os seus novos espaços de convivência cotidiana em Natal, eles promoviam alterações nos usos dos tradicionais espaços públicos da

cidade. De fato, no decorrer das primeiras décadas do século XX, novos olhares e novos usos foram lançados sobre o espaço público de Natal. Dentre os novos espaços que passaram a ser ocupados, estava o mar e o ar (onde se exibiam orgulhosos os pilotos formados pela escola de aviação do *Aero-Club*), sem mencionar o rio Potengi, onde se davam as regatas, competições esportivas que se transformavam em verdadeiras festas, contagiando uma multidão de torcedores apertados à beira do cais Tavares de Lyra, ou em lanchas particulares.

A modernização de Natal foi uma conseqüência direta das ações da administração pública em conjunto com várias intervenções privadas, ambas guiadas pelo desejo de adequar Natal ao modelo de civilidade e modernidade dos grandes centros urbanos do ocidente. Dessa maneira, quando as elites locais compunham um novo quadro nas sociabilidades a partir de novas regras de conduta, ou novos usos do espaço público, ela estava dotando a cidade de sentido. Portanto, as práticas definem os espaços elaborando e re-elaborando sentido sobre eles. Seriam exatamente a dotação de sentido dos espaços públicos e/ou instituições formais que impulsionariam as ações dos indivíduos. Logo a construção do sonho de modernidade materializava-se, dentre muitas outras; no sorvete da *Rotisserie*, na *Estação Balneária de Areia Preta*, nas *soirées* do *Natal Club* e nas partidas de futebol do *Stadium Juvenal Lanartine*.

A chegada das modernas formas de sociabilidade na cidade não implicou no esvaziamento dos modelos antigos e tradicionais (festejos quase sempre vinculados ao calendário religioso). As festas populares, portanto, tiveram a sua existência contínua, apesar da atenção diminuta de parte da elite local. Para alguns contemporâneos, as formas de sociabilidades populares, como o pau-de-sebo, fandango e festas de padroeira não seriam propriamente formas de sociabilidade. Esse olhar crítico é facilmente detectável no discurso de Henrique Castriciano, que durante toda a década de 1900 estava constantemente afirmando a ausência de sociabilidade na cidade. Para ele, esses hábitos caseiros eram, em parte, fruto da situação de isolamento geográfico em que Natal se encontrou por muitos séculos.<sup>244</sup> Na opinião do mesmo autor, que escrevia agora usando o pseudônimo de José Braz, a educação católica, principalmente a ensinada às mulheres, acabava afastando-as da vida social, pois “passeios, exercícios físicos, pic-nics, reuniões ao ar livre, são [vistos como] coisas perigosas, verdadeiros attentados contra o pudor. O resultado ahi está: uma legião de seres doentios, adoráveis de bondade e virtudes, mas deveis, de uma fragilidade de crystal, incapazes de longa vida e de dar à pátria filhos aptos para o trabalho fatigante dos tempos

---

<sup>244</sup> CASTRICIANO, Henrique. *Lourival e seu tempo I. A Republica*, Natal, 3 jul. 1907.

modernos.”<sup>245</sup> Apesar da postura crítica de Castriciano aos tradicionais hábitos natalenses que adentravam o século XX, ele acreditava que essa situação estava passível de mudanças, a orientação adequada, ao seu ver, levaria as famílias natalenses rumo ao patamar de civilização encontrado nos grandes centros urbanos. Portanto, seria “um erro e uma injustiça suppor que a nossa capital é incapaz de civilizar-se e progredir.”<sup>246</sup> O *savoir-vivre* moderno era uma questão de educação e as sociabilidades teriam um papel essencial no desenvolvimento desse espírito urbano.

A sociabilidade neste trabalho foi considerada a porta de entrada para uma cidade que no início do século experimentava um ritmo de mudanças mais acelerado. Natal viu, nas três primeiras décadas do século XX, seu mapa duplicar de tamanho. Isso não implica dizer que as intervenções feitas pelos administradores tenham sido radicais a ponto de aniquilar as antigas feições da cidade. Pois, como já foi dito, a cidade é um misto de várias temporalidades, de modo que a adoção das novas práticas sociais, como bailes dos clubes ou retretas nas praças, não exclui outras formas de sociabilidade tradicionais, como as festas da padroeira, por exemplo. Fossem mudanças grandes ou pequenas, o fato é que elas foram suficientes para provocar uma euforia nos natalenses, em especial nas elites. Essa euforia alimentou sonhos, gerou desejos que aos poucos se materializaram na cidade. As sociabilidades nos espaços públicos da cidade passaram a ser composições essenciais da cidade moderna.

Os reclames e notas dos jornais, as crônicas dos literatos e as conferências dos estudiosos foram utilizados aqui para dar formas e sentido às sociabilidades praticadas pelas elites natalenses. Apesar do silêncio dos periódicos e cronistas locais, não ignoramos a existência de outras formas de sociabilidade que não as das elites. Tratando da realidade do mesmo período na cidade do Rio de Janeiro, o historiador Sidney Chalhoub, em *Trabalho Lar e Botequim*, explora o cotidiano dos bairros periféricos através das narrativas que compunham os altos dos processos criminais. Também através das queixas-crimes, a historiadora americana Sueann Caulifield, estudou os padrões de comportamento das classes operárias na cidade do Rio, dedicando-se especialmente às questões das chamadas honras sexuais. Os depoimentos em torno das brigas domésticas, de bar e outras tantas querelas de âmbito privado revelaram as atividades cotidianas de personagens que estavam às margens do processo de modernização do país. No caso de Natal,

---

<sup>245</sup> BRAZ, José. Crítica de costumes. *Gazeta do Comércio*, Natal, 10 abr. 1902.

<sup>246</sup> CASTRICIANO, Henrique. A esmo. In: José Geraldo de Albuquerque (Org). *Seletas: textos e poesia*. v.2. Natal, v. 2. p.115.

a escassez de fontes diminui consideravelmente a possibilidade de extrair do passado as vozes das camadas pobres da cidade.<sup>247</sup>

Mesmo no que diz respeito as elites são poucos os estatutos de clubes e associações esportivas que se conservaram, assim como são escassas as informações sobre os membros, seus nomes, suas atividades, suas relações com a política. Contudo, o que é possível conhecer nos permite afirmar que o lazer e o esporte foram caminhos utilizados para realizar a entrada da cidade no mundo moderno. E que, as sociabilidades públicas nos séculos anteriores estava muito mais centrada nas relações com o sagrado, obedecendo ao calendário dos festejos católicos.

O século XX em Natal, portanto, inaugurou uma nova relação das pessoas com o espaço público. É um período em que os desejos das elites eram de mudar a fisionomia da cidade, o que acaba acontecendo, mesmo que de maneira tímida. De modo que os espaços urbanos podem ser lidos como a expressão dos anseios, das elites em construir uma imagem da modernidade para a cidade e para si própria.

---

<sup>247</sup> CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.; CAULIFIELD, Sueann. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2000.



**FONTES**

A REPUBLICA, Natal, 1897-1929.

CIGARRA, Natal, 1928-1930.

DIÁRIO DO NATAL, Natal, 1900- 1910.

ESTATUTO do Natal-Club. Natal: Typ. D' Republica, 1909.

ESTATUTOS DO ATHENEU, 1835. In: CASCUDO, Luiz da Câmara. *Atheneu norte-riograndense*. Natal: coleção Juvenal Lamartine, 1961.

FEITOSA, Potycarpo. *Gizinha*. 3 ed. Natal: A.S. Editores, 2003.

GAZETA DO COMMERCIO, Nata, 1902.

LAMARTINE, Juvenal. *Meu governo*. v. 807. Mossoró: Coleção Mossoroense, 1992.

MENSAGEM DO GOVERNO, 1894, 1910- 1912.

NOBREAS, Edras Rebouça (Org). *Natal 400 anos de história, turismo e emoção*. Natal, 1999. il. CD-ROM.

ANDRADE, Júlio César de. *Comerciantes e firmas da Ribeira (1924-1989): reminiscência*. Natal: Gráfica manimbu Fundação José Augusto, 1989.

PINTO, Lauro. *Natal que eu vi*. Natal: Sebo Vermelho, 2003.

REGULAMENTO DO DEPARTAMENTO DE SEGURANÇA PÚBLICA DO RIO GRANDE DO NORTE, 1927.

SIMONINI, Yuri. *Da Ribeira para a Cidade Alta: Um novo centro para uma nova cidade*. 80f. 2006. Monografia (Graduação em História) - Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2006.

## BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, Durval Muniz. *A invenção do nordeste: e outras artes*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa. *As praias e os dias: história social das praias do Recife e Olinda*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2007.

ARRAIS, Isabel Concessa. *Teatro de Santa Isabel*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2000.

ARRAIS, Raimundo. *Recife culturas e confrontos: As camadas urbanas na Campanha Salvacionista de 1911*. Natal: EDUFRN, 1998.

ARRAIS, Raimundo. *O pântano e o riacho: a formação do espaço público no Recife do século XIX*. São Paulo: Humanitas/FFLCH. USP, 2004.

ARRAIS, Raimundo; ANDRADE, Alenuska; MARINHO, Márcia. *O corpo e a alma da cidade: Natal entre 1900 e 1930*. Natal: EDUFRN, 2008. [no prelo].

BALZAC, Honoré de. *O pai Goriot*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussmann tropical: a renovação urbana na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, turismo e esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1990.

BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BONADIO, Maria Claudia. *Moda e sociabilidade: mulheres na São Paulo dos anos 1920*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil: 1900*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e da Cultura, 1956. BUENO, Almir de Carvalho. *Visões da República: idéias e práticas políticas no Rio Grande do Norte (1880-1895)*. Natal: EDUFRN, 2002.

BUENO, Almir de Carvalho. *Visões da República: idéias e práticas políticas no Rio Grande do Norte (1880-1895)*. Natal: EDUFRN, 2002.

BUENO, Almir (Org.). *Revisitando a história do Rio Grande do Norte*. Natal: EDUFRN, 2007. [No prelo].

BURKE, Peter. *Variedades da história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2000.

CAPEL, Horacio. *La morfología de las ciudades: sociedad, cultura y paisaje urbano*. Barcelona: Ediciones de Serbal, 2002.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da república no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CASCUDO, Luís da Câmara. *História da Cidade do Natal*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira : INL; Natal : UFRN, 1980.

CASCUDO, Câmara. *Crônicas de origem: a cidade de Natal nas crônicas cascudianas dos anos 20*. Natal: EDUFRN, 2005.

CASTRICIANO, Henrique. *Seleta: textos e poesia*. José Geraldo de Albuquerque (Org). , 1994.

CAULIFIELD, Sueann. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2000.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Ed Bertand, 1990.

CORBIN, Alain. *L'avènement des loisirs: 1850-1960*. Paris: Champs Flammarion, 2004.

CORBIN, Alain. *O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Schwarcz, 1989.

CORBIN, Alain. *Saberes e Odores: o olfato e o imaginário social nos séculos dezoito e dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

COSTA, Angela Marques da; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *1890-1914: no tempo das certezas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

COSTA, Cruz. *Em História das idéias no Brasil*. 2 ed. Civilização Brasileira, 1967.

COSTA, Madislaine. *Quando a modernidade vinha de bonde*. 1998. Natal. Monografia (Arquitetura e Urbanismo) UFRN. Natal, 1998.

DAVIS, Mike. *Holocaustos coloniais: clima, fome e imperialismo na formação do Terceiro Mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 5. São Paulo: editora 34, 1997.

- DIAS, Franknilda de Medeiros. *Da escola ao lar: a mulher na cidade de Natal (1915-1930)*. 2002. Natal. Monografia (História) UFRN. Natal, 2002.
- DOSSE, François. *O império do sentido: a humanização das ciências humanas*. Bauru: EDUSC, 2003.
- DUBY, Georges; PERROT, Michelle (org.). *História das mulheres no ocidente*. Porto: Afrontamento, 1990.
- EKSTEINS, Modris. *A sagração da primavera: a grande guerra e o nascimento da era moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- FERREIRA, Ângela Lúcia; DANTAS, George. (Org.). *Surge et ambula: a construção de uma cidade moderna Natal, 1890-1940*. Natal: EDUFRN, 2006.
- FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo (Org.). *História da alimentação*. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.
- FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- FONTANA, Josep. *A história dos homens*. Bauru: EDUSC, 2004.
- FRANÇA, Adherbal. *Vida profana*. Rio de Janeiro: Papelaria Brazil, 1926.
- FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano*. 6. ed. v. 1. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.
- GAY, Peter. *O Século de Schnitzler: a formação da cultura da classe média: 1815-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GAY, Peter. *A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud: educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.
- GIDDENS, Antony. *Sociologia*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005
- HALBWACHS, Maurice. *Memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HARMAN, Francisco Foot. *Trem Fantasma: A ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- HERMAN, Arthur. *A idéia de decadência na história ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- HOBSBAWM, Eric J. *A era dos impérios: 1875-1914*. 8.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

LIMA, Pedro de. *O mito da fundação de Natal e a construção da cidade moderna segundo Manuel Dantas*. Natal: Sebo vermelho, 2000.

LUBAR, Steven; KINGERY, W. Davis; et al. *History from things: essays on material culture*. Washington: Smithsonian Institution Press, 1993.

MARINHO, Márcia Maria F. *Novos espaços, Novas Diversões: Lazer e convívio numa Natal moderna (1982-1914)*. 2005. 54 f. Monografia (História) Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2005.

MORAES, Antonio Carlos Robert. *Ideologias geográficas: espaço, cultura e política no Brasil*. São Paulo: Ed Hucitec, 2002.

MOTA, André. *Quem é bom já nasce feito: sanitarismo e eugenia no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MATTOS, Cláudia. *Cem anos de paixão: uma mitologia carioca no futebol*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MUMFORD, Lewis. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

NEEDEL, Jeffrey. *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

OLIVEIRA, Giovana Paiva de. *De cidade a cidade: o processo de modernização do Natal 18889/1913*. Natal: EDUFRN, 1999.

OTHON, Sônia Maria de Oliveira. *Dramaturgia na cidade dos reis magos*. Natal: Edufrn, 1998.

PADILHA, Márcia. *A cidade como espetáculo: publicidade e vida urbana na São Paulo dos anos 20*. São Paulo: Annablume, 2001.

PECHMAN, Robert Moses (Org.). *Cidade, povo e nação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

PERROT, Michelle (Org.). *História da vida privada: da revolução francesa à primeira guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PERROT, Michelle (Org.). *História das Mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamento, 1990.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.8, n. 16, p. 2179-290, 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Exposições Universais: espetáculo da modernidade do século XIX*. São Paulo: HUCITEC, 1997.

- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões do urbano: paris*, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2. ed. Porto Alegre: EDUFRGS, 2002.
- PRIORE, Mary Del (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2002.
- RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- REIS, Nestor Goulart. *O quadro da arquitetura no Brasil*. 8. ed. São Paulo: perspectiva, 1997.
- SALGUEIRO, Heliana Angotti (Org.). *Por uma nova história urbana*. São Paulo: EDUSP, 2001.
- SANTOS, Tarcisio Gurgel dos. *Belle Époque na esquina: O que passou na República das Letras Potiguares*. 2006. 259 f. Tese (Doutorado em Letras). Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.
- SEGAWA, Hugo. *Ao amor do público: jardins no Brasil*. São Paulo: Studio Noble: FAPESP, 1996.
- SCHAVARZMAN, Sheila. Ir ao cinema em São Paulo nos anos 20. *Revista brasileira de história*. São Paulo, AMPUH, v. 25, n. 49, 2005.
- SCHORSKE, Carl E. *Viena fin-de-siècle: política e cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SCHPUN, Mônica Raisa. *Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20*.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questões raciais no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. 34. ed. São Paulo: Duas cidades, 2000.
- SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SENNETT, Richard. *Carne e pedra*. São Paulo: Record, 2006.
- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo sociedade e cultura nos frenéticos anos 20*. Companhia das Letras: São Paulo, 1992.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SOUZA, José Inácio de Melo e. *Imagens do passado: São Paulo e Rio de Janeiro nos primórdios do cinema*. Rio de Janeiro: SENAC, 2003.

SOUZA, Itamar de. *A República Velha no Rio-Grande do Norte: 1889-1939*. Natal: Senado federal centro gráfico, 1989.

SPANG, Rebecca L. *A invenção do restaurante*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SZTOMPKA, Piotr. *A sociologia da mudança social*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

TAKEYA, Denise Monteiro. *Um Outro Nordeste: o algodão na economia do Rio Grande do Norte (1880-1915)*. Fortaleza: BNB. ETENE, 1985.

VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

VELLOSO, Mônica Pimenta. As tias baianas tomaram conta do pedaço. *Revista de estudos históricos*, v. 3, n. 6, p. 207-228, 1999 <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/75.pdf>> acesso em 18 dez. 2007.

VELLOSO, Mônica Pimenta. *As tradições populares na belle époque carioca*. Rio de Janeiro: FUNARTE/ Instituto Nacional de Folclore, 1988.

VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VIANA, Helder. *O advento da mulher “moderna” na belle époque natalense*. Trabalho apresentado em As varias faces da belle époque natalense. Natal, 2008

VIANA, Oliveira. *Populações meridionais do Brasil*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005.

WAIZBORT, Leopoldo. *As aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: Editora 34, 2000.

WEBER, Eugen. *França fin-de-siècle*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

WILLIAMS, Rosalind H. *Dream world: mass consumption in the nineteenth century France*. Berkeley, Los Angeles: University of California Press, 1991.

**ANEXO Fat**  
**Quadro II: Clubes Esportivos de Natal (1898- 1929) \***

Natal-Football-Club	1910	
Ateneo-Foot-Ball Club	1910	Sede na avenida Tavares de Lyra –Ribeira
ABC Football Club	1915	Sede na rua. Frey Miguelinho,87
América Football Club	1915	Sede na rua Cel. Pedro Soares Cidade Alta
Alecrim	1916	Avenida Amaro Barreto Alecrim
Potyguar Football Club	1916	
Humaytá	1916	
Centro Sportivo Natalense	1918	
Tuity	1924	
Humayatá foot-ball club	1929	
Derby-Club Natalense	1900	
Velo-Club Natalense	1898	
Sport Club Natalense	1906	Prado Cidade Nova
Centro Nautico Potengy	1915	Sede na avenida Tavares de Lyra- Ribeira
Sport Club de Natal	1916	Sede na rua do Commercio Ribeira
Centro Náutico Feminino	1919	
Club Náutico Jundiahy	1919	
Tennis Club de Natal	1927	Av Rodrigues Alves Tyrol

Fonte: A Republica, 1897-1929; Diário do Natal, 1898-1913; Cigarra, 1928-1930 1897-1929.

\* A data que aparece ao lado das associações esportivas não indica, precisamente, o ano de sua fundação. Elas se baseiam em dados encontrados nos anúncios publicitários e notas avulsas dos periódicos *A Republica*, *Cigarra*, *Diário do Natal*.



# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)